

RABISCO

REVISTA DE PSICANÁLISE

VOLUME 14

-

NÚMERO 1

-

JUNHO 2025



O TEMPO E O VENTO

SEMINÁRIOS

WINNICOTT

PORTO ALEGRE - RS

RABISCO

REVISTA DE PSICANÁLISE

Volume 14, Número 1 - Porto Alegre - Junho de 2025

SEMINÁRIOS

WINNICOTT

PORTO ALEGRE - RS

www.rabiscorevista.com.br
ISSN 2966-134X



Avenida 24 de Outubro,
838/306
Porto Alegre - RS - Brasil

Revisão:

Cleon Cerezer
e Bibiana Malgarim

Produção gráfica:

Teceateia Design
Turya Elisa Moog
51 999559962

Rabisco Revista de Psicanálise. – Vol. 1, n.0 (maio 2011)- .- Porto Alegre : Seminários Winnicott POA, 2011- . Anual.

Texto em português e espanhol.

Editor: Seminários Winnicott POA – RS.

De 2011 a 2019 versão impressa. No ano de 2022 não foi publicada.

A partir de 2020 somente versão on-line.

ISSN 2966-134X

1. Psicanálise I. Seminários Winnicott POA II. Título

CDU 159.964.2 (05)

Catálogo na fonte: Patrícia Guariglia Sousa Cerezer CRB-10/1592

As opiniões expressas nos artigos deste periódico são de inteira responsabilidade de seus autores

Comissão Editorial

Adriana Mendonça
Beatriz Borges Fortes Kroeff
Bibiana Malgarim
Cleon Cerezer
Denise Souza
Jussara Ramos Zanetti
Luiza Moura
Marcia Zart
Michele Melo Reghelin

Conselho Editorial Internacional

Adriana Anfusso (Uruguai)
Gabriela Goldstein (Argentina)
Jacqueline Amati-Mehler (Itália)
Joseph Knobel Freud (Espanha)
Leonor Valenti (Argentina)
Pablo Abadi (Argentina)
Raquel Goldstein (Argentina)
Sonia Abadi (Argentina)
Rodrigo Rojas (Chile)
Gonzalo Lopes (Chile)
Guillermo Carvajal (Colômbia)
Jani Santamaria (México)

Conselho Editorial Nacional

Afrânio Matos Ferreira (SP)
Ana Leão (PR)
Anna Melgaço (RJ)
Luciana Godoy (SP)
Márcia Mendes (MS)
Neyza Prochet (RJ)
Ruth Goldemberg (RJ)
Sandra Báccara (DF)
Suely Duék (RJ)
Sueli Hisada (SP)
Vera Marieta Fischer (PR)

EDITORIAL

Em uma edição cujo tema central é **o tempo**, baseada no *X Encontro Gaúcho sobre o Pensamento de Winnicott*, que homenageou um dos maiores escritores gaúcho Érico Veríssimo e sua obra *O Tempo e o Vento*, sentimos que seria apropriado retomar como a Revista Rabisco começou, em sua primeira edição em 2011 com o título *Trauma*. No editorial da primeira Rabisco explicita-se a razão pela qual uma revista como essa surge e qual seria sua proposta. Segue um breve recorte a título de recordação:

A Rabisco – revista de psicanálise - é um espaço aberto, pretendendo ser contornado apenas pelos limites intrínsecos ao objeto “revista”: o tamanho da letra, da página, o número de folhas e de artigos. Limites que nunca se sobreponham ao espaço - que saibam seu devido lugar.

Esta nova revista sobre o pensamento de Winnicott nasce, justamente, para não se encerrar nas contribuições deste autor. Surge da ideia de que o pensamento de Winnicott não se encerra, ele suscita, ele amplia e transborda. Até porque quem sabe só psicanálise, não sabe nem psicanálise.

O tempo é amigo da Revista Rabisco como você mesmo poderá ver nos artigos que compõem esse volume. Contando com as transformações próprias de cada tempo, a Rabisco sustenta ser um espaço aberto para discussões contemporâneas ao momento da história e da sociedade, contemplando temas e autores diversos.

A Rabisco Revista de Psicanálise volume 14 de 2025 está composta por quinze artigos, iniciando com o trabalho A TEMPORALIDADE NA CLÍNICA WINNICOTTIANA NOS DIAS ATUAIS: PODE O ANALISTA NEGOCIAR COM O TEMPO? das autoras Andreia Caro Florio e Larissa Marques, o

qual apresenta uma discussão sobre a questão do tempo e os cuidados na clínica contemporânea. Na sequência está o artigo WINNICOTT E A EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR ÀS RELAÇÕES ESCOLARES das autoras Gabriela Sanchez, Mariá Souza Santos e Tháyla K. C. Tavares Amaral, cuja inspiração emergiu de uma experiência de estágio na educação infantil. No texto O ESPAÇO DE FALA E O TEMPO PARA O AMADURECIMENTO, de Felipe Bello Dias e Samantha Dubugras Sá, contamos com um ensaio sobre uma questão clínica de um paciente e a forma como usava o tempo da sessão.

No artigo de Issa Damous, LIMITES PSÍQUICOS E O RITMO NAS RELAÇÕES OBJETAIS PRIMÁRIAS, a autora entrelaça os conceitos de temporalidade, ritmo e relações primárias. Soraya Maria Pandolfi Koch Hack mais uma vez nos oferece uma reflexão muito pertinente sobre a manutenção de algumas questões humanas e a atualidade das ideias winnicottianas no artigo EM TEMPOS MODERNOS OS DILEMAS SERÃO ANTIGOS? UMA RELEITURA DE CONCEITOS DE WINNICOTT NA ATUALIDADE. Já no artigo ENTRE O AMADURECIMENTO E O ENCONTRO DE SI: O FATOR TEMPO NA INTERPRETAÇÃO DO ANALISTA WINNICOTTIANO, de Vanessa Dias dos Santos, discussão está centrada sobre como a interpretação é utilizada na clínica winnicottiana, suas características e suas indicações.

Como a teoria de Donald Winnicott poderia nos ajudar a entender as questões da identidade de gênero e a hormonização? É sobre esse tema que o artigo IDENTIDADE DE GÊNERO, HORMONIZAÇÃO E O TEMPO DE AMADURECIMENTO: COMO WINNICOTT NOS AJUDA A QUESTIONAR ESSES FENÔMENOS?, de Cesar A. N. Bridi Filho, Giovanna Da Cas, Thiago da Rosa Stribe, Ícaro Donatoni Pinheiro, Matheus Moreira e Cezar Letiere Martins, debruça-se e nos conduz a uma discussão absolutamente pertinente ao nosso tempo. A questão da identidade de gênero segue em discussão no artigo MAR... MAREMOTO...PERFORMANDO CONTRA A VIOLÊNCIA E

A CISHETERONORMATIVIDADE, de Ana Leal Zanchet, no qual a autora apresenta um recorte do trabalho clínico com uma pessoa não-binária, a qual irá experienciar no setting um ambiente suficientemente bom.

Já o artigo O ANALISTA SUFICIENTEMENTE BOM E A PROBLEMÁTICA DA BRANQUITUDE: REFLEXÕES PARA O EXERCÍCIO DE UMA ÉTICA DO CUIDADO de Marina Reigado também aborda uma questão que ganha cada vez mais espaço (merecidamente) nas nossas discussões, racismo e branquitude, como esses conceitos atravessam a escuta e o trabalho clínico desde a época de Winnicott.

No artigo A MARCA DO TEMPO NO EXISTIR NA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DE WINNICOTT de Hélia Borges encontramos uma discussão que se processa a partir da perspectiva estética da forma como as marcas afetivas e rítmicas do amadurecimento podem ser escutadas na clínica.

Na sequência temos o artigo OS CAMINHOS DO AMBIENTE EDUCATIVO: O MAL-ESTAR SOBRE AS ATITUDES EDUCATIVAS NA RELAÇÃO ENTRE O CONTEXTO FAMILIA, ALUNOS E PROFESSORES, de Nilce Badaró de Campos Martins e Rita Helena Cucê Nobre Gabriades, o qual faz uma articulação entre a teoria winnicottiana e a perspectiva de Françoise Dolto sobre a educação, família, ambiente e mal-estar. Michele Scheffel Schneider também discute sobre educação, entretanto no ensino superior, através do artigo PRÁTICAS CRIATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AS CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT, aliando os conceitos winnicottiano a uma rica narrativa sobre a experiência do ensino mediante situações de crise como a pandemia da COVID-19 e de desastres naturais como as enchentes de maio/2024.

Em seguida, A FUNÇÃO PATERNA PARA WINNICOTT: UMA ANÁLISE DO FILME “PINÓQUIO” DE GUILLERMO DEL TORO, de Alexandre Patricio de Almeida, a partir de uma animação discute a presença da função paterna na perspectiva winnicottiana. E mais uma vez a literatura nos ajuda

a pensar processos humanos através do artigo OS DESTINOS DO TRAUMÁTICO EM TUDO É RIO, Simone Isabel Jung, Carmén Lucia Costa, Maria B. Silveira e Marli Bergel, o qual aborda o trauma através dos personagens do livro de Carla Madeira e como o processo de simbolização dará conta, ou não, de eventos que geram uma ruptura no processo de amadurecimento.

E por fim, no artigo USO DE ANTIDEPRESSIVOS PARA O TRATAMENTO DE DEPRESSÃO SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE Wagner Della Giustina Silva e Juliana da Silva Carminatti apresentam o resultado de sua pesquisa qualitativa realizada através da Análise de Conteúdo sobre o tema da depressão e uso de medicação na perspectivas de psicanalistas e psicólogos.

Reafirmamos nesse décimo quarto volume da Revista Rabisco que o propósito dela é seguir no curso do tempo compartilhando com a comunidade de estudiosos da psicanálise winnicottiana artigos e materiais de colegas igualmente comprometidos com essa perspectiva. Nunca é somente sobre textos, é também sobre experiências, afetos, e acima de tudo, sobre pessoas.

Nós da Comissão Editorial agradecemos a cada um de vocês, autores, leitores e incentivadores que seguem contribuindo com nossa existência no mundo. Nosso desejo é que o tempo só amplie e enriqueça nossos laços!

Lembramos que estamos no instagram também, @rabiscorevista, nos acompanhe por lá.

Desejamos a todas e a todos uma excelente leitura e não deixe de compartilhar nossos artigos com seus conhecidos e amigos.

Comissão Editorial

SUMÁRIO

1. A TEMPORALIDADE NA CLÍNICA WINNICOTTIANA NOS DIAS ATUAIS: PODE O ANALISTA NEGOCIAR COM O TEMPO?	
Andreia Caro Florio e Larissa Marques	10
2. WINNICOTT E A EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR ÀS RELAÇÕES ESCOLARES	
Gabriela Sanchez, Mariá Souza Santos e Tháyla K. C. Tavares Amaral	20
3. O ESPAÇO DE FALA E O TEMPO PARA O AMADURECIMENTO	
Felipe Bello Dias e Samantha Dubugras Sá	35
4. LIMITES PSÍQUICOS E O RITMO NAS RELAÇÕES OBJETAIS PRIMÁRIAS	
Issa Damous	49
5. EM TEMPOS MODERNOS OS DILEMAS SERÃO ANTIGOS? UMA RELEITURA DE CONCEITOS DE WINNICOTT NA ATUALIDADE	
Soraya Maria Pandolfi Koch Hack	58
6. ENTRE O AMADURECIMENTO E O ENCONTRO DE SI: O FATOR TEMPO NA INTERPRETAÇÃO DO ANALISTA WINNICOTTIANO	
Vanessa Dias dos Santos	69
7. IDENTIDADE DE GÊNERO, HORMONIZAÇÃO E O TEMPO DE AMADURECIMENTO: COMO WINNICOTT NOS AJUDA A QUESTIONAR ESSES FENÔMENOS?	
Cesar A. N. Bridi Filho, Giovanna Da Cas, Thiago da Rosa Stribe, Ícaro Donatoni Pinheiro, Matheus Moreira e Cezar Letiere Martins	81

8. MAR... MAREMOTO... PERFORMANDO CONTRA A VIOLÊNCIA E A CISHETERONORMATIVIDADE Ana Leal Zanchet	95
9. O ANALISTA SUFICIENTEMENTE BOM E A PROBLEMÁTICA DA BRANQUITUDE: REFLEXÕES PARA O EXERCÍCIO DE UMA ÉTICA DO CUIDADO Marina Reigado	108
10. A MARCA DO TEMPO NO EXISTIR NA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DE WINNICOTT Hélia Borges	117
11. OS CAMINHOS DO AMBIENTE EDUCATIVO: O MAL-ESTAR SOBRE AS ATITUDES EDUCATIVAS NA RELAÇÃO ENTRE O CONTEXTO FAMÍLIA, ALUNOS E PROFESSORES Nilce Badaró de Campos Martins e Rita Helena Cucê Nobre Gabriades	129
12. PRÁTICAS CRIATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AS CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT Michele Scheffel Schneider	141
13. A FUNÇÃO PATERNA PARA WINNICOTT: UMA ANÁLISE DO FILME “PINÓQUIO” DE GUILLERMO DEL TORO Alexandre Patricio de Almeida	152
14. OS DESTINOS DO TRAUMÁTICO EM TUDO É RIO Simone Isabel Jung, Carmén Lucia Costa, Maria B. Silveira e Marli Bergel	168
15. USO DE ANTIDEPRESSIVOS PARA O TRATAMENTO DE DEPRESSÃO SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE Wagner Della Giustina Silva e Juliana da Silva Carminatti	179

A TEMPORALIDADE NA CLÍNICA WINNICOTTIANA NOS DIAS ATUAIS: PODE O ANALISTA NEGOCIAR COM O TEMPO?¹

THE TEMPORALITY IN THE WINNICOTT
CLINIC TODAY: CAN THE ANALYST
NEGOTIATE WITH TIME?

Andreia Caro Florio²

Larissa Marques³

Resumo

Vivemos uma época e em uma cultura na qual a experiência com o tempo tem-se transformado significativamente. Imediatismo e velocidade imperam, desconsiderando, muitas vezes, o fator tempo humano. Para Winnicott, não podemos pensar no desenvolvimento emocional de um indivíduo sem olhar o ambiente. Deste mesmo modo, não podemos cuidar dos pacientes, sem considerarmos a cultura na qual estão inseridos. Sendo a clínica, uma extensão dos cuidados e estando inserida nesta cultura, nos parece essencial pensarmos a experiência temporal na clínica e na contemporaneidade. Em tempos de oferta e procura por tratamentos psicoterapêuticos rápidos, com tempo de duração determinada, promessas miraculosas, medicalização precipitada, o que pode a análise winnicottiana diante desta nova realidade? Pode o analista negociar com o tempo? Como ficam a técnica, o manejo, do setting? Deveriam permanecer com o objetivo de apresentar ao paciente seu próprio tempo ou adaptar-se de modo a atender a nova demanda? Qual seria, portanto, o modo de cuidado nos dias atuais? Aprendemos com Winnicott a importância

1 - Artigo apresentado no XVIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D.W. Winnicott, 2024

2 - Andreia Caro Florio, andreiacaroflorio@gmail.com, (19) 9 8332-6871

3 - Larissa Marques, m18.larissamarques@gmail.com, (34) 9 9128-1909

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 10-19	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	----------	----------

da flexibilidade da técnica e da adaptação do terapeuta, bem como, do fator tempo no processo de amadurecimento. Com isso, esta breve comunicação visa refletir sobre os desafios da clínica nos dias atuais em diálogo com a técnica psicanalítica winnicottiana no que se refere ao setting e manejo levando em conta a ética do cuidado.

Palavras-chave: tempo, cultura, cuidado, setting, era-digital.

Abstract

We live in a period of time and in a culture that the experience of time has been transformed significantly. Immediacy and speed prevail, often disregarding the human time factor. According to Winnicott, we can not think about the emotional development of an individual without looking at the environment. In the same way, we can not take care of patients without considering the culture in which they are inserted. Considering that the psychoanalytic clinic is an extension of care and is part of this culture, it seems essential to think about the temporal experience in the clinical practice and in contemporary culture. In times of supply and demand for quick psychotherapeutic treatments, with a fixed duration, miraculous promises, and hasty medicalization, what can Winnicottian psychoanalysis do in the face of this new reality? Can the psychoanalyst deal with the time? How about the technique, handling, and setting? Should they remain with the objective to introduce the patient to their own time or be adapted to the new demand? Therefore, what would be the way of care today? We learned from Winnicott the importance of flexibility in the technique and the therapist's adaptation, as well as the time factor in the maturation process. Therefore, this brief communication aims to reflect on the challenges of the clinic nowadays in dialogue with the Winnicottian psychoanalytic clinical with regard to setting and handling, taking into account the ethics of care.

Keywords: time, culture, care, setting, handling, digital era.

“O tempo só anda de ida. A gente nasce, cresce, amadurece, envelhece e morre. Pra não morrer tem que amarrar o tempo no poste. Eis a ciência da poesia: Amarrar o tempo no poste” (Barros, 2009).

Manoel de Barros, brincando com as palavras, nos lembra de uma das impossibilidades das ciências humanas e nos presenteia com a ciência da poesia. Não é de hoje que tentamos controlar o tempo, seja pela tentativa de amarrá-lo ao poste na esperança de impedi-lo de avançar, como também na tentativa de precipitar ou apressar.

A proposta de pensar a temporalidade na clínica articulado com a teoria de D. Winnicott, nos pareceu uma oportunidade fecunda diante algumas demandas contemporâneas que surgem quase diariamente em nossos consultórios. Problemáticas que nos parecem centrais para pensarmos as camadas do tempo e o quanto a clínica nos convoca a cuidar dos tempos que são essenciais para o nosso trabalho: O tempo que é “fundante” para o psiquismo humano.

Com isso, este breve artigo visa refletir sobre os desafios da clínica nos dias atuais em diálogo com a técnica psicanalítica winnicottiana no que se refere ao setting e manejo levando em conta a ética do cuidado. Procuraremos não tardar e não nos apressar na tentativa de encontrar respostas rápidas, mas de refletir e ampliar o tema em questão.

O MUNDO HOJE, O TEMPO QUE VIVEMOS

Vivemos uma época e em uma cultura na qual a experiência com o tempo tem-se transformado significativamente. Imediatismo e velocidade imperam, desconsiderando, muitas vezes, o fator tempo humano. Winnicott (1990) é um autor que “confirma a importância do ambiente na constituição do indivíduo, e muda o enfoque intrapsíquico da Psicanálise tradicional, para o enfoque interpessoal.” (p.210). Deste mesmo modo, não podemos cuidar dos pacientes, sem considerarmos o ambiente no qual estão inseridos e sendo a clínica,

uma extensão dos cuidados e estando inserida nesta cultura, nos pareceu essencial pensarmos a experiência temporal na clínica.

Segundo Safrá (2005), “o mundo atual apresenta problemas e situações que levam o ser humano a adoecer em sua possibilidade de ser: ele vive hoje fragmentado, descentrado de si mesmo, impossibilitado de encontrar, na cultura, os elementos e o amparo necessários para conseguir a superação de suas dificuldades psíquicas” (p.13).

Sabemos que as transformações culturais fazem parte da história da humanidade e, com a transformação da experiência temporal não é diferente. Entretanto, acreditamos que refletir sobre os impactos de tais transformações culturais na saúde emocional, bem como discutir sobre a defesa do tempo no processo de amadurecimento pessoal é fundamental, para que, inclusive, sejamos agentes ativos e comprometidos com o cuidado que podemos oferecer.

No decorrer dos séculos, uma das grandes transformações culturais no ocidente foi a relação humana com o tempo. Passamos da era pré-colonial em que a experiência temporal era baseada pelos fenômenos da natureza, para era colonial na qual se fortificou as práticas religiosas e se iniciou as trocas mercantis, para a era industrial, em que o tempo passou a ser medido, contabilizado, tornando-se um produto vendável, associado também ao trabalho, para enfim, os dias atuais, da era digital: uma época marcada de urgências, imediatismos, pressa, agilidade. Adjetivos quase sinônimos que vão se escalando intensamente no cotidiano, trazendo à tona narrativas de não-pertencimento, de insuficiência, de incapacidade, entre outras. O que nos leva a pensar sobre um desajuste e descompasso entre cultura e sujeito, entre tempo subjetivo e tempo objetivo.

Na presença do imediatismo, damos de encontro com a ausência da noção de ‘processos’ e de espaço-tempo, contribuindo assim para a distorção dos ritmos. Tal imersão social-digital em muitos casos, parecem abrir formas de aplacar as

angústias, criando demandas de respostas rápidas, de estímulo à produtividade e uma busca constante de preenchimentos levando a ansiedades frente aos tempos de assentamento e os tempos de espera.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil está à frente no número de casos registrados de depressão e ansiedade nas Américas (*World Health Organization*, 2017). Claro, há que se considerar as diferentes causas socioeconômicas, raciais e de gênero, afinal, o tempo não é o mesmo para todos. Porém, nesse momento, pretendemos dialogar com o tempo contemporâneo e o enfoque com as urgências que adoecem, desumanizam e que têm o neoliberalismo como pano de fundo.

Em meio a tantas informações, direções e presos-em-pressas em tantos aspectos, nos parece que a continuidade de ser afoga-se em meio a tantos imperativos que atravessam e instigam ao novo, obsoleto e paradoxalmente ao padronizado. Segundo Crary (2016), “a padronização da experiência em tão larga escala, implica a perda de identidade e singularidade subjetivas, também conduz ao desaparecimento desastroso da participação e criatividade individuais na construção de símbolos que trocamos e compartilhamos entre nós” (p. 59).

Nos questionamos, o ambiente que vivemos favorece ou impede a continuidade de ser no tempo?

TEMPO SUBJETIVO, TEMPO OBJETIVO

Para aguçar os nossos sentidos e apoiar a continuidade deste estudo e fazer valer ainda mais o nosso tempo, recorreremos ao poema “Adentrar” da poeta e coautora deste artigo Larissa Marques (2024):

*Ter o tempo vivo nos pulsos
Não nas mãos
Averiguar essa pulsação*

*Confirma. Sente
Contorna.
Avistar o tempo. Costurar
Aprumar a postura
Aproximar dos sentidos
Aguçar sensações
Dialogar com ele
Voar-pousar
Advertir das suas limitações. E quebras
Atestar seu valor
E cuidar paulatinamente de
- Entrar em cada tempo que precisa ser.*

No início da vida, quando ainda não há um tempo vivo nos pulsos tampouco a possibilidade de avistá-lo, tudo é para sempre e a dependência é absoluta, o ambiente de cuidado se faz fundamental. Para que o bebê possa se aproximar dos seus sentidos, sensações e conquistar o próprio ritmo e tempo subjetivo, é preciso experienciar a continuidade de ser no tempo. É preciso que haja cuidados ambientais que permitam e garantam a sensação de presença viva, contínua, confiante, por meio de previsibilidade nos cuidados recebidos. Segundo Winnicott (2022), será dessa maneira que o bebê poderá relaxar, sentir-se tranquilo, seguro para então emergir o gesto espontâneo, criar seu próprio tempo para mais tarde adentrar ao tempo objetivo. Para isso, o cuidador precisa considerar o ritmo interno do infante. Se, o ambiente cuidador, imerso na cultura, impõe um ritmo externo, objetivo, segundo a sua e não a do bebê, a realização da tarefa de temporalização, poderá ser prejudicada. Dias (2014), nos lembra que “para que o tempo externo não interfira nos processos naturais da temporalização subjetiva, é preciso que o ritmo natural do bebê prevaleça” (p. 209), e alerta que tanto os profissionais quanto os cuidadores, precisam saber da importância da continuidade do ambiente humano, da confiabilidade, previsibilidade,

adaptação e provisão nos cuidados ao longo do tempo pois essas condições permitirão ao bebê, e ao paciente, a conquista e integração da tarefa mais básica e fundamental no processo de amadurecimento: a integração no tempo e no espaço.

A CLÍNICA WINNICOTTIANA E O TEMPO

Tendo isso em vista, pensemos a clínica winnicottiana e o tempo. Cada grupo humano vive desafios correspondentes à sua época. Nós, atualmente, temos enfrentado em nossas clínicas fenômenos decorrentes da nossa era, a era digital, da produtividade e da aceleração. Inevitavelmente nos deparamos com tais fenômenos em nossas atuações profissionais, o que nos leva a revisitar a teoria e a técnica.

Certa vez, em uma aula, Luiza Moura nos lembrou que: “uma das coisas que nós analistas oferecemos na clínica, é o tempo. Tempo de maturação, da retomada de falhas do amadurecimento, de tempo para si.” (Informação verbal, novembro 2023.) Se pensamos nosso ofício, como um espaço-tempo para o cuidado e considerarmos como a clínica da experiência, como nos advertirmos das demandas atuais contornadas pelo excesso do digital, de “resultados”, métricas de produtividade que causam mal-estar frequentes e desarranjos na subjetividade? Onde estaria o tempo de construção?

Em tempos de oferta e procura por tratamentos psicoterapêuticos rápidos, com tempo de duração determinada, promessas miraculosas, medicalização precipitada, o que pode a clínica winnicottiana diante desta realidade? Como ficam a técnica, o manejo, o setting? Deveriam permanecer com o objetivo de apresentar ou devolver ao paciente o seu próprio tempo ou adaptar-se de modo a atender a nova demanda social? Aprendemos com Winnicott a importância da flexibilidade da técnica e da adaptação do terapeuta, bem como, do fator tempo no processo de amadurecimento. Nesse sentido, qual seria o modo de cuidado nos dias atuais? Pode o analista negociar com qual tempo?

Safra (1999), ressalta “a importância da presença do analista intervindo com a sustentação da situação clínica no tempo, oferecendo assim as condições para aparecimento do gesto criativo do paciente”. Dias (2014) também nos lembra que “alguns estão em terapia justamente para poderem constituir um tempo subjetivo; (pois) no momento originário, em que este deveria ter sido constituído, só havia caos no ambiente e esses indivíduos tiveram de agarrar-se rigidamente a um tempo objetivo – que lhes serve de referência, sem a qual se sentem imediatamente perdidos – para não sucumbirem a uma total desorganização da personalidade”. (p.212). Ambos assinalam aspectos importantes da clínica winnicottiana, principalmente considerando o aspecto da adaptação a necessidade de cada paciente. O primeiro aponta que o tempo da análise seja guiado pelo tempo subjetivo do paciente, e o segundo, a importância da pessoa analista assumir o papel daquela que toma conta do tempo, fornecendo a segurança necessária e o contato com a realidade externa liberando assim o paciente para criar seu mundo subjetivo. Constatamos, portanto, que será pelo manejo do tempo que poderemos, segundo Winnicott, exercer a psicanálise. Talvez por isto, para alguns, Winnicott é considerado o psicanalista do tempo.

Sabemos que não um modo de cuidado universal, entretanto é preciso considerar que algumas condições podem favorecer ou não a integração da temporalidade no desenvolvimento emocional e a aceleração, pressa ou imposição do tempo objetivo não é uma delas. Somos constituídos a partir da cultura e há, sem dúvida, o desafio marcado nessa dialética, dentro-fora.

Em seu texto “*notes on the time factor in treatment*”, Winnicott (1996/1997) aponta os atalhos solicitados pelos pacientes para aquisição de resultados rápidos e por isso nos alertou:

“no nosso trabalho, temos de suportar a pressão que os nossos casos nos impõem quando os resultados não são de forma alguma imediatos” (p.234 – tradução livre da autora).

Sabemos que os pacientes buscam saúde e para isso precisamos assegurar que exista um espaço-setting para que cada paciente possa construir um tempo em si, de ter memória e fazer experiência, para assim viver as demandas culturais, os desejos, e exigências externas sem que haja submissão.

Não é um tempo longo (“cronológico”) de uma análise que garantirá a sua eficácia, bem sabemos com o trabalho das consultas terapêuticas, entretanto, nós, analistas, precisamos estar atentos para que o *setting*, enquadre e manejo sejam em prol da saúde e da promoção do verdadeiro-self.

Seguimos com a Psicanálise como uma aliada nesse processo que radicaliza a importância da alteridade, da produção da diferença e do tempo em si que seja vivido no mundo compartilhado, mas que também a singularidade de cada sujeito possa abrir campos para um viver-subversivo. Aqueles que conseguirem, em análise, conquistar o próprio ritmo, poderão então, ter o tempo vivo nos pulsos.

Referências

Barros, Manoel. **Só dez por cento é mentira**. Pedro Cezar. Filme biográfico do poeta. 2009.

Crary, Jonathan. 24/7: **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

Dias, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott** [recurso eletrônico] / Elsa Oliveira Dias. – 3.ed. rev. – São Paulo : DWW Editorial, 2014, v.: digital. Geneva; World Health Organization; 2017. (WHO/MSD/MER/2017.2). Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates>

Mack, Laura Elza. **Uma investigação da temporalidade a partir de Winnicott**. 2011. 83 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

Marques, L. **Adentrar**. 2024.

Safra, G. **A face estética do Self**. Unimarco Editora; São Paulo, 2005.

Safra, G. **A clínica em Winnicott**. Nat. hum., São Paulo , v. 1, n. 1, p. 91-101, jun. 1999 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 maio 2024.

Winnicott, D.W. **Natureza humana**. Tradução: Davi Litman Bogomoletz. Imago, Rio de Janeiro, 1990.

Winnicott, D.W. (1996/1997). **Thinking about Children**. United States. Da Capo Press.

Winnicott, D.W. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Ubu Editora; WMF Martins Fontes, São Paulo, 2022

WINNICOTT E A EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR ÀS RELAÇÕES ESCOLARES¹

WINNICOTT AND EARLY CHILDHOOD EDUCATION:
A VIEW OF SCHOOL RELATIONSHIPS

GABRIELA SANCHEZ²

MARIÁ SOUZA SANTOS³

THÁYLA K. C. TAVARES AMARAL⁴

Resumo

Nosso artigo nasce de um recém-finalizado TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da graduação de Psicologia, baseado em vivências no estágio na educação infantil. Partimos das lacunas percebidas em um campo fértil, mas ainda pouco explorado pela psicanálise, buscando o que precede a *práxis* e consolidando as contribuições da Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott para a educação. Utilizando a noção do ambiente maternante, propomos a aplicação dos conceitos winnicottianos nas relações entre alunos, educadores e psicólogos. Analisamos as interações do ambiente escolar, oferecendo suporte técnico para psicólogos e psicanalistas, ao mesmo tempo que abordamos os desafios enfrentados por esses profissionais. Nosso objetivo é lançar luz sobre as demandas da escola contemporânea e explorar a possibilidade de uma escola que cuide.

Palavras-chave: Winnicott; educação; professores; psicologia escolar.

1 - Trabalho apresentado no XVIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D. W. Winnicott (RS), realizado de forma remota entre os dias 20 e 22 de setembro de 2024.

2 - Psicóloga clínica, Especialista em Psicanálise e Análise do Contemporâneo pela PU-C-RS. Contato: (19) 98390-7681 – gabrielasanchezpsi@gmail.com

3 - Psicóloga, Especialista em Psicanálise e Análise do Contemporâneo pela PUC-RS. Contato: (19) 99553-7262 - soumariasouzasantos@gmail.com

4 - Psicóloga clínica, Psicanalista e Professora Universitária. Especialista em Psicologia Clínica pelo CFP. Mestra no Programa Saúde da Criança e do Adolescente pela UNICAMP. Especialista em Teoria e Clínica Psicanalítica pelo Enlace. Contato: (19) 99345-7447 – thaylla@uol.com.br

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 20-34	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	----------	----------

Abstract

Our article is based on a recently completed TCC (Course Completion Project) for the undergraduate Psychology course, based on experiences during an internship in early childhood education. We start from the gaps perceived in a fertile field, but still little explored by psychoanalysis, seeking what precedes praxis and consolidating the contributions of Winnicott's Theory of Personal Maturation to education. Using the notion of the maternal environment, we propose the application of Winnicottian concepts in the relationships between students, educators and psychologists. We analyze the interactions in the school environment, offering technical support to psychologists and psychoanalysts, while addressing the challenges faced by these professionals. Our goal is to shed light on the demands of contemporary schools and explore the possibility of a school that cares.

Keywords: Winnicott; education; teachers; school psychology.

Introdução

A educação no Brasil enfrenta desafios constantes, permeados por transformações sociais, políticas e naturais que exigem adaptações e ressignificações. “Winnicott e educação: que tempos são esses?” Foi o tema nodal da mesa apresentada no XVIII Encontro Brasileiro do Pensamento de D. W. Winnicott, realizado em Porto Alegre no ano passado. Inicialmente previsto para o começo do ano, o evento teve que ser adiado devido às fortes enchentes que assolaram a cidade, impactando toda a região e exigindo esforços voltados à recuperação, acolhimento dos enlutados e superação das dificuldades impostas pela natureza.

Diante dessa realidade, a organização do evento, demonstrando compromisso e criatividade, adequou sua execução ao formato *online*, garantindo que as discussões ocorressem, ainda que em um contexto distinto do planejado.

Esse movimento de adaptação e reconstrução nos leva a uma questão essencial: em que tempos estamos criando e executando a educação no Brasil?

A necessidade de reconfigurar trajetórias, seja na organização de um evento ou no cotidiano escolar, nos coloca diante da tensão entre o conforto do previsível e o desamparo do inesperado. O impacto das forças externas sobre a educação evidencia a urgência de refletirmos sobre os desafios e possibilidades que emergem desse contexto. Frente a tais inquietações, reafirmamos nossa dedicação ao estudo dos aspectos internos e externos que atravessam a experiência das relações escolares.

Aludindo ao eixo temático que aqui nos debruçamos, nos propomos a ir além e lançar luz ao nosso inacabado objeto de estudo - o que a escola contemporânea tem demandado? É possível transpor os conceitos winnicottianos à uma aplicação prática no contexto da educação infantil? Almejamos oferecer suporte técnico para psicólogos e psicanalistas neste ambiente, mas também questionamos os desafios enfrentados por esses profissionais como sujeitos atuantes. Afinal, nossos tempos permitem uma escola que cuida?

A relação entre a Psicanálise e a Educação remontam suas raízes em Freud, que observou pontos em comum e discordâncias entre as especificidades dos campos de conhecimento. Desde então, os psicanalistas têm explorado as diversas dificuldades e sofrimentos derivados do processo educativo, ainda que as contribuições desse campo possam ser encaradas com resistência por ambos os saberes. O próprio fundador da psicanálise escreveu um artigo intitulado “O interesse da psicanálise” em 1913, no qual refletiu sobre este delicado assunto:

O grande interesse da pedagogia pela psicanálise se baseia numa afirmação que se tornou evidente. Pode ser educador somente quem é capaz de desenvolver empatia pela alma infantil, e nós, adultos, não compre-

endemos as crianças, pois não mais compreendemos a nossa própria infância. (Freud, 1913/2012, p. 363).

Neste recorte, Freud designa a empatia ao se referir à capacidade de educar, estando esta indissociável da prática. Além disso, frisa que é indispensável que o educador não se esqueça de que um dia já foi criança, ao estar diante de uma. Para o autor, a empatia é um processo que permite entender o eu estranho de outras pessoas, sendo esse entendimento a parte das pessoas que são desconhecidas pelas mesmas (Pigman, 1995 apud Bolognini, 2008). A alma a qual Freud se refere, no entanto, está imbricada no cuidado e afeto para além das faculdades intelectuais, assumindo uma posição que almeja uma melhor relação docente-discente. Desse modo, ser professor parece ser, sobretudo, um projeto que cobra o exercício da (sua) própria condição humana.

Apesar de inaugurar e ter aberto os caminhos para esse potencial diálogo, Freud não se aprofundou nos paradigmas educacionais e às questões atreladas à empatia e ao cuidado na psicanálise. Para isso, contamos com as ricas contribuições da Teoria do Amadurecimento de Winnicott, que aqui se mostra como a ponta do novelo. Nosso interesse por esse modelo parte, sobretudo, das relações humanas, considerando a ideia de um ambiente implicado no desvelar do desenvolvimento do vir-a-ser do sujeito.

Nas nossas análises, buscamos costurar a teoria do amadurecimento a partir das formas de se relacionar e cuidar conferidos à escola e as formas transcritas pelo autor no decorrer do percurso do desenvolvimento maturacional partindo de trocas afetivas e emocionais entre sujeitos.

Uma criança chega à escola

Esse espaço antecipa, por vezes, um sujeito com determinadas habilidades e competências antes mesmo que ali exista um. Como um bastidor recém-criado, a criança entregue

à escola carrega algumas aquisições. Algumas famílias, com a arte na veia, imprimem em seus bebês pontos iniciados, linhas para novas tramas e tecidos para explorar. Outras possuem apenas matérias-primas, sem condição de estruturar esse bastidor. O essencial é haver alguém para bordar e estimular o bordado e um bastidor, iniciado ou não, mas disponível para receber a trama.

Nos conceitos de Winnicott, a mãe não precisa de preparo intelectual para cuidar do bebê; sua orientação biológica e devoção a tornam suficientemente boa. De maneira semelhante, “a professora de maternal não está biologicamente orientada para qualquer criança, exceto indiretamente pela identificação materna” (1964/1982, p. 215). Com o contato contínuo, torna-se apta a compreender o crescimento emocional das crianças. Assim, a escola deve exercer sua função de *holding* e *handling*.

Se o *holding* e o *handling* transcendem os sentidos literais de “segurar” e “manusear” e com isso, cria-se a ideia de uma provisão ambiental suficientemente boa, em outros termos, um ambiente de *holding* e *handling* é aquele que atende quem chega, oferecendo continuidade e sustentação, especialmente às crianças que encontram na escola sua única possibilidade de amparo. Para que assim seja, é preciso que as transformações sejam sentidas na escola.

De início, a professora se dedica integralmente à adaptação da criança no espaço escolar até que ela se sinta segura. Esta dedicação inicial deve ser mais delicada e atenta às particularidades do aluno, principalmente no que tange às suas manifestações de insegurança, ansiedade e dificuldade. A confiança no ambiente, nesse período, é indispensável para que a criança amplie o seu leque de relacionamentos interpessoais e esteja disponível a assimilar os conteúdos pedagógicos. É doar-se totalmente, a princípio, e saber sair de cena, deixando o palco principal para a criança, possibilitando que ela seja a estrela fundamental de sua própria história de vida (Almeida; Neto, 2021).

O brincar na educação infantil

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, 2013, p. 91) recomendam a estruturação de espaços que incentivem a interação e a cultura de pares. O campo interpessoal abrange relações humanas e seus desdobramentos. Para lidar com essa dinâmica, apoiamo-nos em Winnicott (1971/2019), que destaca o brincar e a experiência cultural como pilares do desenvolvimento.

O brincar em Winnicott se apoia na noção de transicionalidade. Ele propõe um campo intermediário, que faz uma espécie de transição entre a realidade psíquica interna e a realidade compartilhada. Trata-se de fato de uma área intermediária da experiência humana entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto. Os objetos ditos transicionais são aqueles que não pertencem ao corpo do bebê (não são, por exemplo, o polegar que é chupado) nem são plenamente reconhecidos como a realidade externa compartilhada no social. A transicionalidade “está no encontro entre o eu e o mundo psíquico e o mundo socialmente construído” (Franco, 2003, 9. 47).

O brincar, então, se desenvolve dentro de um espaço potencial, numa zona intermediária, nem dentro, nem fora, nem realidade interna, nem realidade objetivamente percebida, nem no Eu, nem no Não-Eu, mas entre ambos, de modo que, ao mesmo tempo que não está contido neles, os preserva e harmoniza. Nas palavras do autor (1971/2019, p. 83):

O brincar (...) se baseia na precariedade do inter-jogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. Essa é a precariedade da própria magia, a magia advinda da intimidade, de um relacionamento que se mostra ser confiável. Para ser confiável, o relacionamento deve ser motivado pelo amor materno, pelo amor-ódio nutrido pela mãe ou pela relação de objeto, e não pelas formações reativas.

Esse processo de percepção do Não-Eu do mundo externo, é naturalmente desconfortável e passível de ansiedades que vão requerer o desenvolvimento de recursos para lidar. Tal recurso é a capacidade de brincar, que se constitui a partir da criação de objetos transicionais e a experiência de fenômenos transicionais.

Se o professor ou a professora encontra na escola as condições de realizar um trabalho criativo e autoral, então pode oferecer algo da cultura que considere valioso, ou relevante, na esperança de que os alunos desejem se apropriar desse algo de um modo que venha a contribuir para o seu próprio mundo subjetivo e o seu viver criativo. Não há qualquer garantia de que o professor possa fazer brilhar diante dos alunos aquilo que lhes interessa; se trata, no entanto, de se fazer uma aposta e esperar que os estudantes desejem brincar com o que lhes é oferecido.

Apropriando-se do papel de agente, a prática escolar assume a plasticidade necessária para promover e sustentar o desenvolvimento da área intermediária no indivíduo, conforme postulado por Winnicott. No entanto, a escola, embora seja um espaço potencialmente criativo, muitas vezes não está imune às diversas formas de violência que afetam diretamente as relações interpessoais. Esses atravessamentos podem ser lidos como uma representação da falha que ocasionaria um congelamento no desenvolvimento emocional. Ao abordar essas questões, é necessário reconhecer que a escola, como um espelho da sociedade que atua, reflete e reproduz padrões. Assim, nossa luta, enquanto cidadãos, parece estar em ouvir o chamado desse ambiente e propor novos debates e ações.

O psicólogo escolar e o artesanato

Em um contexto em que a escola é noticiada e reconhecida na mídia por tragédias e o psicólogo é acionado para lidar com questões que já se agravaram há bastante tempo, é

fundamental refletir sobre seu papel nesse ambiente. Para além disso, o que nos dizem a psicologização da educação e os “diagnósticos” em sala de aula? Quando nos referimos à escola como espelho da sociedade que serve, também nos implicamos em questões como essas. Afinal, frente a tudo isso, que papel pode ter o psicólogo no ambiente escolar?

Diríamos que munido pelo arcabouço winnicottiano, o psicólogo pode atuar como um ambiente facilitador. Sua função também está em sustentar, manejar e apresentar objetos que articulem a intersecção entre educadores e a instituição escolar. A escola, enquanto instituição, assume uma posição no limiar entre educadores e psicólogos. Perceber esse ambiente como paralelo aos educadores nos instiga a conceber a necessidade de uma articulação entre ambos. Estaria o psicólogo, a partir do arcabouço psicanalítico, em uma posição diferenciada? Acreditamos que sim, já que uma de suas funções seria justamente em atuar no limiar; em outros termos, oferecer-se como uma extensão da zona intermediária, tal qual proposta por Winnicott.

Sua função se assemelha à do artesão que prepara o bordado: desembaraça fios, ajusta bastidores e ensina o manuseio das agulhas e dedais. Ele orienta educadores e crianças no processo criativo, onde o bordado simboliza a expressão do desenvolvimento emocional. Ao oferecer suporte e recursos, cria condições para que ambos explorem seu potencial pleno.

Encarar o psicólogo como aquele que desenha o cenário, ajusta as condições e ensina as habilidades necessárias para que o educador “bordador” possa trabalhar, sublinha sua importância na promoção da saúde emocional no ambiente escolar. Assim como os bastidores são fundamentais para a tapeçaria, os educadores e a instituição são integrados pelo psicólogo, que, como um orientador habilidoso, entrelaça cada ponto nessa rica tapeçaria de expressão emocional que compõe o ambiente escolar.

A professora como espelho identitário

Chico Buarque canta “É na soma do seu olhar que eu vou me conhecer por inteiro” (1981). O cantor e compositor brasileiro nos ensina em poucas palavras aquilo que Lacan, e mais tarde, Winnicott vão formular acerca da função do espelho na relação mãe-bebê. As indagações sobre o que há de tão fundamental para o sujeito na ligação com o outro explicitam a experiência de dependência absoluta vivida nos primeiros anos de vida. A relação primordial marca a subjetividade humana em sua prematuridade após o nascimento, colocando em evidência a impossibilidade de sobrevivência sem a ajuda de um semelhante.

Lembremo-nos do mito de Narciso, na mitologia grega, que tem uma de suas mais belas descrições no Livro Três da coletânea “Metamorfoses” (2003), em que o poeta Ovídio (43 a.C. - 18 d. C.) exalta a beleza e orgulho desse herói. Narciso, conhecido por sua beleza incomparável, rejeitou o amor de várias pessoas, incluindo a ninfa Eco, que se apaixonou por ele. Em punição, os deuses o fizeram se apaixonar por sua própria imagem refletida na água. Impossibilitado de se afastar de si mesmo, ele morreu, consumido pelo desejo de sua própria imagem.

No campo da psicologia e em especial, da psicanálise, a narrativa de Ovídio (2003) ganha destaque, e é a partir dela que Freud abre caminho para o entendimento do narcisismo como elemento constitutivo do amor-próprio e da autoestima e, portanto, destinado à autopreservação do sujeito e formação dos laços sociais. Nosso interesse, no entanto, está naquilo que Winnicott, inspirado pelo ensaio publicado por Jaques Lacan (1901 - 1981) “*Le stade du miroir*” [O estágio do espelho] em 1949/1998, reposiciona o conceito de espelho, não mais à imagem ótica de um espelho específico, mas de um rosto humano: o materno. Podemos pensar que a ausência dessa relação com o outro finda o destino de Narciso, uma vez que um indivíduo que não é visto em sua mais pura essência, não

existe como um self verdadeiro e que “[...] na ignorância de toda referência externa, mergulha numa visão amorosa, cujo colorido passional expressa uma total confusão entre o eu e seu modelo.” (Lambotte, 1996, p. 352).

Winnicott afirma em “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil” que “no desenvolvimento individual, o precursor do espelho é o rosto da mãe” (Winnicott, 1964/1982, p. 153). O autor propõe o rosto materno como matriz especular do bebê, associando-o ao desenvolvimento emocional infantil, cujas primeiras experiências são fundamentais para toda a vida. Nos estágios iniciais, o ambiente desempenha um papel crucial, pois o bebê ainda não distingue entre si e o mundo ao redor. Com cuidados adequados, o bebê começa a se integrar, diferenciando o “eu” do “não eu”, percebendo a figura materna e o ambiente como entidades separadas. Nesse processo, “o bebê olha em volta e vê a si mesmo” (Winnicott, 1971/2019, p. 179). Esse olhar correspondido influencia os processos de integração e realização, permitindo ao lactente existir e se sentir real (Almeida, 2023, p. 111).

A mãe, ou a figura materna, reflete no bebê seu próprio humor e defesas, influenciando como o bebê se vê. Winnicott (1971/2019, p. 179) observa que muitos bebês experimentam a frustração de não verem a si mesmos ao olhar para seus cuidadores, o que pode ter consequências diversas. No estágio de dependência absoluta, o bebê está imerso na ilusão, fundamental para sua capacidade criativa. Almeida (2023) enfatiza que o bebê cria a realidade subjetiva ao seu redor, sendo essa criação essencial para evitar a sobrecarga da realidade objetiva. Nos primeiros momentos de vida, tudo é subjetivo para o bebê, até que a realidade objetiva se revele gradualmente, evitando um trauma precoce. Assim, o processo de apercepção, relacionado ao reconhecimento do próprio corpo e do ambiente, é essencial para a formação do “eu”, enquanto a percepção objetiva surge com o reconhecimento das diferenças entre eu e não-eu.

Isso posto, primeiro o bebê precisa se ver para depois perceber e poder realizar uma troca criativa com a realidade objetiva. Assim, o olhar angustiado e triste de seu cuidador surge, na perspectiva do bebê, como algo de difícil assimilação e, como consequência, “[...] a capacidade criativa desse bebê começa se atrofiar e, de algum modo, eles buscam em seu entorno outras formas de conseguir que o ambiente lhes devolva algo de si.” (Winnicott, 1971/2019, p. 179). Um bebê que começa a buscar em seu campo de visão algo de si, já está envolvido em uma realidade objetiva muito prematuramente, “a percepção toma o lugar da apercepção, toma o lugar do que poderia ter sido o começo de uma troca significativa com o mundo, um processo em duas direções no qual o auto enriquecimento se alterna com a descoberta do significado no mundo das coisas vistas.” (Winnicott, 1971/2019, p. 155).

Também de forma prematura, em lugar de o bebê construir seu objeto subjetivo, torna-se dependente do objeto objetivamente percebido, Winnicott (1971/2019, p. 155) acrescenta: “se o rosto da mãe não reage, então o espelho constitui algo a ser olhado, não examinado”. A ausência de previsibilidade do ambiente às necessidades do bebê, produzem nele a urgência de prever - ou de se antecipar - quando, na verdade, ele poderia estar exercendo a sua espontaneidade. A base da criatividade, para Winnicott, vem justamente daí: poder ser espontâneo e criar.

Sendo assim, como poderíamos articular tais conceitos ao ambiente escolar? Recordemos que para Winnicott, a base da saúde mental será estabelecida na primeira infância, através dos cuidados suficientemente bons prestados à criança pelo meio. Aos poucos, esse círculo vai se ampliando e, quando o indivíduo inicia sua vida escolar, seu ambiente também é representado pela escola, pelos colegas e, principalmente, pelos educadores. Em seu texto “A mãe, a professora e as necessidades da criança”, Winnicott salienta o papel do professor e a importância da escola no desenvolvimento maturacional da criança:

A escola, que é um apoio, mas não uma alternativa para o lar da criança, pode fornecer oportunidade para uma profunda relação pessoal com outras pessoas que não os pais. Essas oportunidades apresentam-se na pessoa das professoras e das outras crianças e no estabelecimento de uma tolerante, mas sólida, estrutura em que as experiências podem ser realizadas. (Winnicott, 1964/1982, p. 217).

Portanto, no espaço escolar, é o olhar do professor que desempenha a função de espelho. Essa afirmação, que pode soar demasiada em um primeiro momento, nos convoca a refletir acerca de nossa própria história - quem de nós não tem no imaginário o registro afetivo para com a figura de um, ou ainda, de vários professores?! Winnicott enfatiza a escola como sendo um espaço em que as experiências podem ser realizadas, a partir das relações que nela existem. Se entendemos a escola como a extensão do colo familiar, o professor teria, para além dos processos de aprendizagem, um grande papel na constituição subjetiva da criança. Dessa forma, o professor espelha na criança o conhecimento, o suporte, a proteção e os afetos. Ao interagir com o professor, a criança identifica nele elementos que se assemelham aos fatores de sua família e do ambiente de origem.

Embora enfatizemos seu papel na constituição dessa criança, a principal função do professor ainda parece ser a de ensinar, e mesmo no processo de aprendizagem, é preciso passar pelo trâmite transferencial para que haja, minimamente, uma base para que a criança projete de si no professor e introjete a partir disso, algo do professor. A transferência, definida por Freud (1976, p. 998), como sendo uma “reedição de impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico”, se estende na relação professor-aluno, tal como na análise. A transferência reedita os impulsos e fantasias im-

pressas nos primeiros anos de vida, e o professor é convocado a ocupar um lugar que transcende a prática pedagógica, na medida em que se torna suporte dos investimentos libidinais de seu aluno, já que é objeto de uma transferência.

Nesta interação professor-aluno, o professor passa a ser a extensão do colo familiar. Se esta for uma interação favorável, a criança cria uma identificação com o professor e desta identificação pode construir seu processo de aprendizado de forma serena. Do contrário, se o professor não conseguir fazer esta interação de espelho com a criança, o processo de aprendizagem e pertencimento pode ser rompido, o que pode comprometer o desenvolvimento educacional e maturacional do indivíduo.

Compreendendo as contribuições da relação professor-aluno na vida dessa criança, parece ser pertinente considerarmos o outro lado da margem: a realidade brasileira do educador na contemporaneidade. Um levantamento realizado mostra que nos primeiros seis meses do ano, cerca de 112 professores da rede estadual de ensino foram afastados por dia em São Paulo por problemas de saúde mental, sendo as queixas mais presentes depressão, ansiedade e crise do pânico. (Jesus et al., 2023).

Esses números nos apontam para uma problemática cada vez mais evidente e ao mesmo tempo, naturalizada na cultura - o mal-estar docente e a desvalorização do seu ofício. Como sabemos, as instituições de ensino estão inseridas em um contexto social maior e, dessa forma, espelham as propriedades do neoliberalismo contemporâneo. Nas imposições relativas à modernização curricular, os professores precisam alcançar a reconstrução de culturas e identidades, sempre em um cenário de recessão econômica. Experimentam, portanto, uma dolorosa sensação de culpabilidade, ampliada pelo ritmo de trabalho intensificado. (Almeida, 2023).

Dessa forma, propomos indagar: será que um indivíduo, que se encontra sobrecarregado e desiludido, teria recursos

psíquicos suficientes para doar-se como espelho, refletindo espontaneidade e motivação? Pensamos que não. O que pode resultar quando não se tem essa vivacidade essencial tende a ser desastroso, pois se o objeto não conseguir responder ao gesto do bebê de necessidade pessoal, “o self central sofre um ataque.” (Winnicott, 1971/2019, p. 155). Quando o bebê vê no rosto da mãe fixidez, humor inconstante, ausência, distanciamento, “o que é visto é o rosto da mãe. O rosto da mãe não é um espelho.” (Winnicott, 1971/2019, p. 155). Paralelamente, a mãe - aqui, representada pelo Estado - ao não se atentar à saúde psíquica dos professores, por vezes reforça a ideia de um indivíduo mecanizado, anestesiado, desnutrido de vida e, consequentemente, desprovido de criatividade.

Atentando-nos à problemática, pensamos na urgência de se ter espaços que subjetivam e validam o ofício do educador, que parece inviabilizado pelo Estado e pelas instituições. Assim como o próprio Winnicott (1971/2019, p. 187) enfatiza a dificuldade em refletir o que o paciente traz - em suas palavras, exercer a função de espelho seria “emocionalmente exaustivo” - imaginemos como deve ser para um professor que, geralmente, não passa pela mesma preparação profissional. Sendo assim, como escreve Almeida (2023, p. 129):

Da mesma forma que o bebê precisa da presença e da continuidade dos cuidados ambientais, os alunos e os educadores necessitam de ações contínuas de órgãos estatais para que possam construir um sentimento de confiança no poder da coletividade.

Apesar das dificuldades apresentadas, a escola, de modo geral, é um espaço propício para a constituição e o desenvolvimento humano. No entanto, o que a realidade ocidental e sobretudo brasileira nos apresenta é o abandono da cultura em relação à educação.

Referências

Almeida, A. P. de; Naffah Neto, **A. A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 517–536, set. 2021.

Almeida, A. P. de. **Por uma ética do cuidado: Winnicott para educadores e psicanalistas.** São Paulo: Editora Blucher, 2023.

Bolognini, S. **A empatia psicanalítica.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** BNCC. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&aliás=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 01 mai. 2024

BUARQUE, C. **Tanto Amar.** Rio de Janeiro: Phillips, 1981. 3:06 min.

Franco, S. G. **O brincar e a experiência analítica.** Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, s.l, v. 6, n. 1, p. 45–59, jan. 2003

Freud, S. **O interesse da psicanálise.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, total de p. (Obras Completas, v. 11). (Publicado originalmente em 1913).

Jesus, C.; Mello, Z. **112 professores são afastados por dia em SP por problemas de saúde mental; aumento de 15% em 2023.** G1. Globo, São Paulo, 05 de set. de 2023. Notícias.

Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/05/112-professores-saofastados-por-dia-em-sp-por-problemas-de-saude-mental-aumento-de-15percent-em-2023.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2023. Acrescentar na citação do texto o autor MELLO LACAN, J. Escritos. São Paulo, p. 93-103, 1998. (Publicado originalmente em 1949).

Ovídio. **Metamorfoses.** São Paulo: Madras Editora Ltda, 2003. (Publicado originalmente em 8 d.C.).

Winnicott, D. W. **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982. (Publicado originalmente em 1964).

Winnicott, D. W. **O brincar e a realidade.** São Paulo: Ubu Editora, 2019. (Publicado originalmente em 1971).

O ESPAÇO DE FALA E O TEMPO PARA O AMADURECIMENTO¹

THE SPACE FOR SPEAKING AND
TIME FOR MATURING

Felipe Bello Dias²

Samantha Dubugras Sá³

Resumo:

Este ensaio, inspirado na teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott, parte da vivência, de um dos autores, com um paciente que se mostrou desafiador ao começar a falar às sessões, estabelecendo um padrão inusitado do uso do tempo e do espaço analítico. Ao realizar interpretações acerca dos aspectos agressivos que tal conduta revelava, isso não gerava *insights*, ao contrário, o que ocorria era uma espécie de angústia impensável, próxima a um desmoronamento do *self*. Frente a essa situação, o analista percebeu-se como intrusivo, sentindo-se convocado não a interpretar, mas a identificar as necessidades do analisando para que ele pudesse vir a SER e continuar sendo. No decorrer do processo, ao oferecer-lhe um espaço confiável e não intrusivo, o paciente tem podido integrar-se, cada vez mais, seguindo, assim, seu processo de amadurecimento.

Palavras-chaves: Winnicott, tempo e espaço, regressão, desenvolvimento maturacional.

1 - Trabalho apresentado no XVIII Encontro Brasileiro sobre o pensamento de W. D. Winnicott em 2024.

2 - Psicólogo. Psicoterapeuta de orientação psicanalítica pelo ESIPP. Endereço: Avenida Lajeado, 1212/703. Petrópolis, Porto Alegre – RS. 90460-110 Tel: (51) 98150-6296. E-mail: felipe.bello.dias@gmail.com

3 - Psicóloga. Psicanalista. Mestre e doutora em Psicologia pela PUCRS. Professora universitária. Atualmente, realiza uma pesquisa de pós-doutorado na PUC-SP. Endereço: Rua Eudoro Berlimk, 646/205. Moinhos de Vento, Porto Alegre – RS. CEP 90450-030 Tel: (51) 99962-3019. E-mail: samanthasadsa@gmail.com

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 35-48	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	----------	----------

Abstract:

This essay, inspired by Winnicott's theory of maturational development, is based on the experience of one of the authors with a patient who showed defiance when he began to miss sessions, establishing an unusual pattern of use of time and analytical space. When interpreting the aggressive aspects that such behavior revealed, this did not generate insights; on the contrary, what occurred was a kind of unthinkable anguish, close to a collapse of the self. Faced with this situation, the analyst perceived himself as intrusive, feeling called upon not to interpret, but to identify the needs of the analysand so that he could come to BE and continue to be. Over the course of the process, by offering him a reliable and non-intrusive space, the patient has been able to integrate himself more and more, thus continuing his process of maturation.

Keywords: Winnicott, time and space, regression, maturational development.

Introdução

A análise não consiste apenas no exercício de uma técnica. É algo que nos tornamos capazes de fazer quando alcançamos um certo estágio na aquisição da técnica básica. Aquilo que passamos a poder fazer é cooperar com o paciente no seguimento de um processo, processo este que em cada paciente possui o seu próprio ritmo e caminha no seu próprio rumo. Todos os aspectos importantes desse processo originam-se no paciente, e não em nós enquanto analistas. (Winnicott, 1956/2021, pp. 462-463)

A teoria do desenvolvimento maturacional de Donald Winnicott oferece importantes contribuições para a compreensão de pacientes cuja constituição psíquica foi impactada

por falhas ambientais precoces. Este artigo parte de um caso clínico para discutir a relevância do ambiente facilitador e da regressão como elementos fundamentais no tratamento psicanalítico. Winnicott (1962/1990a) destaca que o amadurecimento depende da oferta de um ambiente suficientemente bom que possibilite ao indivíduo experimentar e integrar suas vivências de forma saudável. No entanto, quando esse ambiente falha, especialmente nos primeiros estágios de desenvolvimento, o sujeito pode apresentar estados de angústia impensável, frequentemente manifestos na clínica como dificuldades em manter continuidade no vínculo terapêutico.

Winnicott concebe a existência humana como originária de um estado de não integração e de dependência absoluta. Nesse contexto, o processo de amadurecimento humano é compreendido como resultado da tendência inata ao crescimento e à integração, *psique – soma*, progressiva dos diversos aspectos da personalidade, culminando na constituição de uma unidade psicossomática coesa e contínua no tempo e no espaço.

Assim, integração no tempo e no espaço constitui uma das mais básicas e essenciais do processo de amadurecimento humano, conforme observa Dias (2003). Essa tarefa é crucial para a organização psíquica, pois possibilita ao sujeito estabelecer uma continuidade entre suas experiências internas e externas, permitindo-lhe constituir uma identidade coesa e funcional. Para explorar a temática proposta neste ensaio, será apresentada a história de um paciente, que denominaremos Leo, atendido por um dos autores. Durante o seu processo terapêutico, o caso revelou-se particularmente desafiador ao longo de um período em que o paciente começou a faltar a sessões consecutivas, por vezes duas ou três, instaurando um padrão transferencial marcado pela alternância entre presença e ausência. Tal dinâmica revelou aspectos profundos da sua organização psíquica, que serão analisados sob a luz dos conceitos winnicottianos acerca do desenvolvimento

emocional e do papel do ambiente facilitador na constituição do self.

Breve história de Leo

De origem germânica, Leo é um rapaz de vinte e poucos anos, alto, louro, com os olhos claros; está finalizando um curso universitário em uma instituição federal. Foi uma criança muito empenhada nos estudos e dedicada às artes. Desde muito pequeno passava horas desenhando. Conta que os seus desenhos eram sobre mulheres, vestuários femininos e cores rosas. Sentia-se valorizado por ter notas altas, mas, apesar disso, sempre se sentiu “estranho” (sic)⁴ na escola, com maior facilidade para se aproximar das meninas do que dos meninos. Diz que, na infância, os elogios à sua beleza eram algo que lhe “enchia o coração de afeto” (sic). Ainda assim, percebia-se muito “esquisito” (sic) com o próprio corpo durante a puberdade, até o término da adolescência, pois “era desengonçado” (sic). Aos 16 anos decidiu contar para os pais sobre o seu interesse por meninos, principalmente por ter se apaixonado por um colega de escola que havia lhe pedido em namoro.

Descreve a sua mãe como alguém com características um tanto narcisistas, muito voltada para as suas coisas e para o seu trabalho, controladora, rígida e exigente com ele. Refere que ela o queria e o mantinha sempre por perto, mantendo-o à disposição para receber os seus convidados, organizar a casa etc. Ela lhe cobrava quanto à sua aparência, quanto a jogar futebol, “como os outros meninos” (sic) – esporte que nunca gostou –, queria que ele fosse mais “ másculo ” (sic), pois demonstrava grande incômodo com o seu “jeito delicado” (sic); dizia que preferia morrer a ter um filho homossexual. Quanto ao pai o retrata como passivo e submisso à mãe; um “homem de poucas palavras” (sic), que não costuma expressar o que pensa, mas que, quando fica bravo, é capaz de quebrar os móveis da casa. Leo diz que sempre teve medo de

4 - SIC – assim informa o paciente.

apanhar do pai, embora isso nunca tenha ocorrido. Em uma das discussões, frente ao anúncio da sua homossexualidade, ele quebrou a porta do seu quarto, dizendo que o fez para “não quebrar o filho” (sic).

A relação entre os genitores é permeada por muitos conflitos e brigas; costumam “resolver” as suas questões com relações sexuais barulhentas no quarto do casal, fazendo com que os filhos as ouçam. Leo tem uma irmã mais velha, que se assumiu lésbica depois dele e, que também tem um vínculo conturbado com a mãe.

Por muito tempo o paciente procurou obedecer e agradecer a mãe; com isso lograva recompensas financeiras, além de sentir-se como “o filho preferido” (sic).

O espaço de fala e os tempos de amadurecimento

*Encontro você;
Você sobrevive ao que lhe faço à medida que
a reconheço como um não-eu
Uso você;
Esqueço-me de você;
Você, no entanto, se lembra de mim;
Estou sempre me esquecendo de você;
Perco você
Estou triste.
(Winnicott, 1968/2020a, p. 120).*

O paciente inicia o tratamento na época em que anunciou sobre a sua homossexualidade em casa, o que gerou muitas brigas e discussões na família. A mãe procurou o atendimento com a expectativa que a orientação sexual do filho fosse “reversível”. O paciente iniciou a análise por sentir necessidade de “banciar” os seus desejos para os pais.

Seu tratamento ocorreu em “dois tempos”; o primeiro durou um ano, numa frequência de uma vez por semana e foi interrompido quando houve a sua aprovação no vestibulo-

lar. Após 2 anos, Leo entrou em contato novamente, solicitando retomar as sessões. Contou que sentiu necessidade de retornar ao tratamento porque havia se envolvido com um homem – quase dez anos mais velho – e que a relação fora muito conflituosa, traumática e abusiva psicologicamente. Disse que quando houve a primeira agressão física ele rompeu o relacionamento.

No início do segundo tempo do tratamento – em 2018 –, foi combinada uma frequência de duas vezes por semana. As sessões eram povoadas pelos conflitos vivenciados com o ex-namorado e pelas frequentes discussões com a mãe; temas associados a processos de separação e individuação – dependência e independência.

A partir do ano de 2020, com a pandemia e o tratamento *on-line*, Leo começou a faltar às sessões – a duas sessões consecutivas, às vezes, três. Por conta disso e, diante de uma contratransferência inquieta, foram realizadas interpretações, no sentido dos aspectos agressivos relacionados ao analista, no melhor estilo kleiniano. No entanto, ao efetuar intervenções desse tipo, foi possível perceber que a ressonância no paciente era uma espécie de susto abrupto, no qual parecia se sentir invadido por uma sensação de não reconhecimento de si mesmo. Isso acontecia mesmo quando a interpretação ocorria no aqui-agora. Aliás, principalmente no aqui-agora!

A esse respeito Winnicott (1960/1990b) nos lembra que, se:

(...) uma mudança significativa é o que se pretende conseguir, o paciente precisará passar por uma fase de dependência infantil. (...) A dificuldade aqui está no diagnóstico, na identificação da falsidade da falsa personalidade que oculta o self verdadeiro imaturo. *Se se quiser que o self verdadeiro oculto aflore por si próprio, o paciente terá de passar por um colapso como parte do tratamento*, e o analista precisará ser capaz de desempenhar o papel de mãe para o lactente do paciente. Isto significa dar apoio ao ego em grande escala. O analista precisará permanecer orientado para a realidade

externa ao mesmo tempo que identificado ou mesmo fundido com o paciente. O paciente precisa ficar extremamente dependente, absolutamente dependente mesmo, e estas palavras são certas mesmo quando há uma parcela sadia da personalidade que atua como um aliado do analista e na verdade informa ao analista como se comportar. (p. 149, grifos nossos)

Safra (1995) considera que o analista precisa estabelecer um *setting* de confiança para que o paciente possa realizar as regressões necessárias para elaborações posteriores. O analista deve efetuar um *holding* que ampare a integração da personalidade do analisando. O autor nos diz:

Se a atitude do analista não for suficientemente adequada para levar em conta as necessidades psíquicas do seu paciente, este terá que reagir contra a invasão realizada e o eu verdadeiro do paciente permanecerá oculto, sem a possibilidade de vir a ser resgatado. *Passa a ocorrer um processo de submissão às teorias do analista, sem que nenhum processo de crescimento verdadeiro seja realizado* (1995, p. 32 – grifo nosso).

Pensando nisso, foi possível perceber que interpretar, meramente, no “aqui e agora” – à moda da tradição kleiniana –, embora possa vir a revelar o mecanismo inconsciente atuante – no caso de Leo a projeção dos seus aspectos internos agressivos –, também pode restringir a interpretação à situação momentânea, mantendo assim, a confusão entre o objeto subjetivamente concebido e o objeto objetivamente percebido (Winnicott, 2019a/1967). Dessa forma, interpretar suas projeções agressivas na relação transferencial, com base nas faltas às sessões, o deixava confuso, sentindo-se acusado e agredido injustamente pelo analista (Naffah Neto, 2023). Destarte, interpretar, neste caso específico, não gerava *insight* ou uma integração desses aspectos agressivos, ao contrário, o que ocorria era uma espécie de angústia impensável, próxima a um desmoronamento do *self*.

Ainda assim, não significa que a interpretação estivesse, necessariamente, errada, mas era como se o paciente pedisse “outra coisa” antes de poder suportar a realidade psíquica daquela interpretação. Sua necessidade transferencial estava mais ligada a vir a ser e a continuar sendo, uma vez que, ao examinar os motivos das faltas, a sua preocupação dizia respeito ao quanto o analista continuaria interessado em manter os atendimentos e se seguiria ali, disponível para ele. Após, uma intervenção na qual se procurou examinar os motivos das ausências, ele disse: “Claro! Isso aqui é teu trabalho, tu não vai querer permanecer com um trabalho mal feito...” (sic). Outra questão importante é que Leo, em momento algum, referiu querer interromper sua análise. Dessa forma, entendeu-se que ele pedia pela continuidade da presença, independente da dinâmica que se estabelecesse.

Para Winnicott (1956/2021), será a partir dos cuidados da mãe, que protege o bebê das intrusões ambientais, que ele irá adquirir uma existência própria, experienciando a continuidade do seu ser. Com base nessa vivência se dará o desenvolvimento emocional em direção à independência, pois o bebê nasce em um estado de absoluta dependência, mas com um potencial herdado que, pouco a pouco, vai constituindo um *si mesmo* independente e diferenciado.

Desse modo, o primeiro sentido do tempo para o bebê, no mundo subjetivo, é o da presença, que se instaura pela experiência repetida da mãe-ambiente, da sua permanência e da sucessão dos cuidados que lhe apresenta, paulatinamente, o mundo objetivo (Dias, 2003). A mãe que é capaz de identificar-se com o seu bebê, através do que Winnicott (1958/2021) nomeou como “preocupação materna primária”⁵, só se ausentará durante o intervalo de tempo em que ele conseguir suportar. Caso contrário, poderá ocorrer uma ruptura da sua

5 - Um “(...) estado de sensibilidade acentuada, quase uma doença” (Winnicott, 1956/2021, p. 496), “Nesse estado, as mães se tornam capazes de se colocar na pele da criança” (Winnicott, 1964/2020a, p. 49) e “Durante essa fase, em grande medida, a mãe é o bebê e o bebê é a mãe” (Winnicott, 1966/2020b, p. 20).

continuidade pessoal de existência, uma sensação de aniquilamento, de loucura (Winnicott 1967/2019a).

Assim, será a constância da presença da mãe e, no caso deste ensaio, do terapeuta, que formará memórias, tanto da mãe quanto do si mesmo, permitindo a sua continuidade de ser. Quanto à Leo, foi preciso que o terapeuta estivesse presente e disponível, não só visando identificar as suas necessidades, mas também para que ele pudesse confiar nisso, mesmo que continuasse a não comparecer nos seus horários.

Após os períodos de ausência, o paciente retornava, justamente, quando os seus sentimentos eram de uma angústia impensável, com sensações de aniquilamento, perda de controle, sentindo estar enlouquecendo e com uma desconfiança intensa sobre a eficácia do tratamento, pois, para ele, era muito difícil confiar; temendo a dependência.

Ao ser ampliada e flexibilizada a inclinação kleiniana do terapeuta – na condução do processo –, escutar o que o paciente falava despertou uma contratransferência que caminhou no sentido de sustentar a transferência para, assim, estabelecer uma confiança básica no processo de tratamento e, demonstrar que o terapeuta estava e seguiria ali, presente e com ele. Segundo Dias (2003), a marcação do tempo para o bebê acontece a partir do sentido de presença, pois a percepção da cronologia é posterior ao estabelecimento do tempo próprio, propiciado pela constância da mãe e dos seus cuidados.

Chamava a atenção, o quanto Leo era exigente consigo, demonstrando um fazer – submetido às demandas do Outro –, em detrimento do *ser* que, com frequência e contraditoriamente, o levava a perder os prazos da faculdade como, também, a “falhar” em comparecer às nossas sessões, por desligar-se do horário objetivo ou por sentir-se invadido por tantos compromissos a serem cumpridos.

Nafah Neto (2023) menciona um tipo de transferência que solicita do “(...) analista um estado de identificação ao paciente, chegando mesmo à fusão, sem que perca, ao mesmo

tempo, a orientação para a realidade externa e o contato consigo próprio” (p. 260).

Portanto, identificado com o paciente e podendo acolher o seu processo de regressão, lhe foi oferecida a possibilidade de que, quando faltasse à sessão e sentisse que precisava do contato com o terapeuta, ele mandaria uma mensagem solicitando a reposição do horário.

Atualmente, raramente Leo comparece a todas as sessões do mês. Quando está presente em duas consultas consecutivas, já é possível considerar um ganho, mas, com frequência, ele segue faltando a duas ou três sessões consecutivas.

Refletindo sobre quais as estratégias de tratamento usar e, tentando decifrar o inconsciente do paciente, acredita-se que a sua resistência diz respeito a temer depender do analista. Por conta disso, avaliou-se com ele sobre o risco de interrupção do seu processo, bem como questões relacionadas à desmotivação e resistência, ao que ele pôde refletir, demonstrando interesse genuíno em continuar. Não obstante, houve o receio, por parte do terapeuta, que houvesse uma espécie de conluio ou *enactment* crônico⁶. Por conta de tudo isso, buscou-se a supervisão contínua do caso.

Também é importante dizer que, mesmo que Leo siga se ausentando em alguns momentos, há presença, percebida pelo seu processo de amadurecimento desde que iniciou. Atualmente, ele tem conseguido respeitar mais o seu próprio tempo para investir mais em si mesmo, sem descuidar dos seus limites e necessidades, podendo, inclusive, sentir-se à vontade para solicitar a presença do terapeuta, mesmo quando a teria dispensado, na segurança de que esse estará ali, para, e com ele. Isso também revela avanços no sentido de poder confiar e pedir ajuda; tem sido trabalhado para que ele tenha maior autonomia e com isso, paulatinamente, ele tem

6 - *Enactment crônico* pode ser entendido como um conluio inconsciente entre analista e paciente que “congela, na relação dual, traumas inscritos no inconsciente não reprimido, incluindo fatos transgeracionais. O campo analítico é tomado por configurações arcaicas dramatizadas por ambos os membros da dupla, sem que eles o percebam” (Cassorla, 2013, p. 194).

conseguido fazer “uso do objeto” (Winnicott, 1969/2019b), conforme o seu ritmo e necessidade, demonstrando, ainda, uma “capacidade para estar só” (Winnicott, 1958/1990c) aumentada.

Como já mencionada, a dinâmica transferencial, com uma sequência de presenças e ausências, segue ocorrendo. Enquanto escrevemos este trabalho, baseados nos pressupostos winnicottianos, pensamos na hipótese que, talvez, Leo esteja dando pistas de um processo de regressão em análise. Nas palavras de Naffah Neto (2023, p. 240), “nas análises suficientemente boas – transpondo aqui, para a função analítica, o conceito original de Winnicott – quaisquer regressões que venham a ocorrer, são sempre necessárias e regeneradoras”.

Regredir, diz respeito a experienciar, em análise, um período em que havia a inevitável necessidade da mãe, mas onde houve falhas importantes. A mãe, no caso desse paciente, parece ter sido, sempre, muito voltada para ela mesma e para as suas próprias demandas; ela é sentida por Leo como alguém intrusiva e com baixa empatia. Desde muito pequeno ele ficou sob os cuidados da avó materna, de babás e escolinhas. Baseado na dinâmica transferencial e, levando em conta a regressão, atrevemo-nos a dizer que, na transferência, Leo estaria reconstruindo o ambiente traumatogênico, no qual ficou sem a presença da mãe por um tempo que superou a sua capacidade criativa de mantê-la presente. Consequentemente, a memória de si mesmo foi comprometida, no que diz respeito às suas necessidades e ritmos próprios (Naffah Neto, 2023).

Quanto à necessidade, Winnicott (1954/2000) assevera que:

É correto falar dos desejos do paciente, por exemplo o desejo de ficar em silêncio. Com o paciente regredido, porém, o termo desejo revela-se inadequado. Em seu lugar usamos a palavra necessidade. Se um paciente regredido precisa de silêncio, nada se poderá fazer se este não for conseguido. Quando a necessidade

não é satisfeita a consequência não é raiva, mas uma reprodução da situação original da falha que interrompeu o processo de crescimento do eu. A capacidade do indivíduo de “desejar” sofreu uma interferência, e testemunhamos então o ressurgimento da causa original do sentimento de inutilidade. (p. 385)

O papel da análise não é simplesmente interpretar produções do inconsciente, mas criar condições para uma nova experiência de vida que possa retomar as falhas ambientais precoces – ou mesmo as situações traumáticas presentes (Naffah Neto, 2023).

Finalizamos este ensaio com a certeza de que, cabe a nós, analistas/psicoterapeutas, acolher os nossos pacientes de acordo com as suas necessidades. Isso, obviamente, em certa medida, sem sermos intrusivos, nem tampouco nos deixarmos invadir.

O Dr. David Zimerman (1999) brilhantemente menciona que:

Para dar uma maior completude à árvore genealógica que tem em Freud a sua raiz e tronco principal, é indispensável acrescentar dois ramos de especial importância e fecundidade, que são as contribuições da mais alta originalidade trazidas por Winnicott e Bion, ambos de genitura kleiniana. (p. 27)

Entendemos assim, que o terapeuta suficientemente bom é aquele capaz de adaptar os dispositivos terapêuticos e o *setting* às necessidades do seu paciente, sem incorrer no erro de impor ou de tentar encaixá-lo em uma ou outra teoria.

Winnicott (1968/2020c) escreveu, a respeito da comunicação entre a mãe e o bebê e, aqui podemos aplicar à dupla terapeuta/paciente:

Parodiando a epígrafe de Winnicott, que escolhemos para esse último tópico do nosso escrito, falando de um te-

rapeuta/mãe suficientemente bom(a) introjetado(a), Kahtuni (2005) escreve:

*Lembro-me de você
E porque existindo como um não-eu,
você cuidou de mim,
Sei quem sou e sinto-me vivo;
Posso me esquecer de você, posso amar,
Posso reencontrar você, e também posso odiar
Amo o que você significou para mim
Estou sempre me lembrando de mim e não te esqueço
Por isso não me perco, e posso cuidar
Sou feliz (p.210).*

Referências

- Cassorla, R. S. (2013). **Afinal, o que é esse tal de *enactment***. *Jornal de Psicanálise*, 46(85), pp. 183-198.
- Dias, E. O. (2003). **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago.
- Kahtuni, H. C. (2005). **O terapeuta/mãe, o paciente/bebê e os cuidados requeridos**. *Psyche*, 9(16), pp. 197-212.
- Naffah Neto, A. (2023). **Veredas psicanalíticas: À sombra de Winnicott**. São Paulo: Blucher.
- Safra, G. (1995). **Momentos mutativos em psicanálise: uma visão winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D. W. (1990a). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. W. Winnicott, **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962)
- Winnicott, D. W. (1990b). Contratransferência. In D. W. Winnicott, **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1990c). A capacidade para estar só. In D. W. Winnicott, **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (2000). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In D. W. Winnicott, **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954)

Winnicott, D. W. (2019a). A localização da experiência cultural. In D. W. Winnicott, **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1967)

Winnicott, D. W. (2019b). O uso de um objeto e a relação por meio de identificações. In D. W. Winnicott, **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1969)

Winnicott, D. W. (2020a). O recém-nascido e sua mãe. In Winnicott, D. W., **Bebês e suas mães**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1964)

Winnicott, D. W. (2020b). A comunicação do bebê com a mãe e a da mãe com o bebê, comparada e contrastada. In D. W. Winnicott, **Bebês e suas mães**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (2020c). A mãe dedicada comum. In Winnicott, D. W., **Bebês e suas mães**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1966)

Winnicott, D. W. (2021). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1956)

Zimmerman, D. (1999). **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas.

LIMITES PSÍQUICOS E O RITMO NAS RELAÇÕES OBJETAIS PRIMÁRIAS¹

PSYCHIC LIMITS AND THE RHYTHM
IN PRIMARY OBJECTIVE RELATIONS

Issa Damous²

*Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo (...)*
Renato Russo, para Legião Urbana

Resumo:

A dimensão temporal incide sobre a constituição dos limites psíquicos, intersubjetivos e intrapsíquicos, já que em um percurso rumo à independência, a unidade primordial mãe-bebê é atravessada por encontros e desencontros em uma certa ritmicidade durante as experiências de satisfação. Se harmônicas, essas experiências facilitam ao sujeito situar-se quanto à percepção do tempo em termos de presente, passado e futuro, além de qualificar suas sensações corporais como fontes seguras para perceber a excitação/satisfação pulsional. Nesse sentido, principalmente sob o referencial winnicottiano, este trabalho aborda a configuração dos limites psíquicos considerando o ritmo de base nas relações objetais primárias. Trabalha-se com a hipótese de que uma desarmonia rítmica

1 - Trabalho apresentado em comunicação oral no XVIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D. W. Winnicott (tema: Temporalidade: permanências e transformações), oriundo da pesquisa Limites psíquicos e relações objetais primárias, desenvolvido pela autora no Deptº de Psiquiatria e Saúde Mental, da Universidade Federal Fluminense (MSM/UFF).

2 - Profª Adjunta do Deptº de Psiquiatria e Saúde Mental, da Universidade Federal Fluminense (MSM/UFF); Psicanalista Participante do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ); Doutora Psicologia PUC-Rio. End: R. Visconde de Pirajá, 4/507-Ipanema/RJ. CEP: 22410-000. Tel: (21)98119-2215. E-mail: issa@infoink.com.br

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 49-57	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	----------	----------

primária nas relações primordiais leva potencialmente à manutenção patológica da dependência, como evidenciam algumas compulsões ou contratos narcísicos.

Palavras-chave: Limites psíquicos; ritmo de base; relações objetais primárias; dependência

Abstract:

The temporal dimension focuses on the constitution of psychic, intersubjective and intrapsychic limits, since in a path towards independence, the primordial mother-baby unity is crossed by encounters and disagreements in a certain rhythmicity during the experiences of satisfaction. If harmonious, these experiences make it easier for the subject to situate himself in terms of present, past and future, in addition to qualifying his bodily sensations as safe sources to perceive the excitement/satisfaction of the drive. In this sense, mainly under the Winnicottian framework, this article discusses on the configuration of psychic limits considering the basic rhythm in primary object relations. We work with the hypothesis that a primary rhythmic disharmony in primordial relationships potentially leads to the pathological maintenance of dependence, as evidenced by some compulsions or narcissistic contracts.

Keywords: Psychic limits; base rhythm; primary object relations; dependency

Uma analisanda em torno de 50 anos desmarca a sessão pois conseguiu um encaixe para um exame médico. A analista atende sua solicitação e pede notícias. Para sua surpresa, poucas horas depois desta conversa travada por telefone, ao abrir seu aplicativo de mensagens no dispositivo móvel, percebe algumas ligações não atendidas desta mesma analisanda e uma mensagem (bastante desafortada) enfatizando o descaso da analista que “pede notícias da boca pra fora” já que não está de fato disponível para receber as notícias.

Outra analisanda, 40 e poucos anos, relata bastante decepção com o rapaz que bloqueara seu acesso a ele através das redes sociais e telefônicas após uma certa insistência sua quanto ao terceiro ou quarto encontro. Ela ligara 17 vezes no dia e deixara lotada a sua caixa de mensagens de voz, já que ele não atendia ou respondia às suas mensagens.

Em um outro relato, uma analisanda em torno de pouco mais de 20 anos, devora rapidamente uma grande quantidade de alimentos, passando um pouco de 5.000 kcal, antes de chegar seu pedido de uma refeição que fizera pelo aplicativo do dispositivo móvel. Poucos minutos após tanta ingesta, provoca o vômito.

Embora essas três situações recolhidas da clínica possam levar a diferentes desdobramentos, as tomo aqui pelo viés da dependência que parece se colocar de modo problemático para essas três mulheres, assim como para outros sujeitos na contemporaneidade, de muitas maneiras. Digo *dependência problemática* posto que parecem precisar, urgentemente, estarem asseguradas de que o objeto de satisfação estará lá, realmente presente. A analista, o rapaz do *date* ou o alimento pedido eletronicamente, são esperados concretamente, sem possibilidade de serem objetos simplesmente evocados em pensamento posto que estejam representados, ou sem serem objetos sobre os quais seja possível fantasiar algo, ou mesmo objetos com os quais o encontro possa ser minimamente adiado. Há, assim parece, uma necessidade de pronta aderência ao objeto, ao qual, vale dizer, não parece ser atribuída qualquer dimensão de alteridade.

De modo geral, essas situações evocam uma lógica de funcionamento psíquico pautada em um padrão de relação objetual guiado pela manutenção patológica da dependência, sem cadência possível entre continuidade e descontinuidade da presença/ausência do objeto de satisfação. Nesse contexto, a experiência subjetiva do tempo da resposta que se espera, ou que se exige, parece ser da ordem do traumático, em termos do excesso com que se vê convocado o aparelho psíquico

frente às exigências pulsionais. Esta situação nos remete às respostas do ambiente às exigências de satisfação colocadas ainda pela criança pequena, contexto de montagem do aparelho psíquico, e, portanto, a uma discussão sobre o fator tempo no processo de separação da unidade primordial a partir do qual se caminha rumo à conquista do EU SOU.

**Tempo de espera, tempo de resposta:
estados (potencialmente) traumáticos**

Para Winnicott (1967/1975) o fator tempo é de grande importância no processo rumo à independência que perpassa a constituição de si mesmo. Tolerar a ausência do objeto primário absolutamente necessário por X, X + Y ou X + Y + Z tempo pode fazer toda a diferença para a manutenção da experiência de continuidade do ser ou irrupção das agonias impensáveis. Com efeito, é preciso um manejo adequado do tempo de respostas visto que há, em contrapartida, um tempo ótimo de espera.

Roussillon (1999) propõe uma leitura a esse respeito situando o tempo X de espera pelas respostas do ambiente é apenas *potencialmente* traumático em se tratando de um psiquismo capacitado à estabelecer ligações ou a descarregar o fluxo de tensão, através, por exemplo, da atividade autoerótica. Em caso de fracasso dessas medidas antes de respostas adequadas do ambiente, entra-se no tempo X + Y, associado ao estado de desamparo, que, em certa medida, mantém uma abertura a objetos que, é claro, estejam dispostos a prestar um socorro apaziguador à tensão excessiva. O risco aqui é que com esses objetos apaziguadores do desamparo sejam estabelecidos contratos narcísicos, alianças patológicas, nas quais estes objetos, implicitamente, reconhecem narcisicamente o desamparado, mas cobram um preço alto para continuar assegurando-o, como bem o evidencia o amor servil. Resta ainda o tempo X + Y + Z, o estado traumático caracterizado como *sem saída*, posto que os recursos internos estejam esgotados e

que os externos sejam absolutamente falhos. Rompe-se desse modo a experiência de continuidade do ser, desdobram-se as agonias inomináveis.

Ocorre que nos primórdios dos processos de subjetivação, a organização da experiência temporal em termos de espera/resposta fica prejudicada com um manejo inadequado desse tempo, podendo atrapalhar a instauração e manutenção da área da ilusão, e, por conseguinte, o espaço potencial sob o viés da transicionalidade. Desse modo, pode ser da ordem do impossível para o sujeito tolerar a ausência da mãe, como diria Wiiniccott (1967/1975) ou alçar aos processos psíquicos secundários frente à descarga que imprimem ao psiquismo os processos psíquicos primários, como diria Freud (1911/1996b). A jornada rumo à independência é assim facilmente interrompida em favor da manutenção de uma dependência, isto sim, patológica.

Por uma harmonia rítmica de base na jornada rumo ao EU SOU

Antes que a experiência subjetiva de tempo seja formalizada nos moldes dos processos psíquicos secundários, associados diretamente à possibilidade de adiamento, os ritmos periódicos que marcam o aparelho psíquico orientam a representação do tempo (cf. Freud, 1895/1996a). Para Rousillon (1991/2006), um bom período equivale a um bom ritmo e torna aceitável a quantidade para o sistema psíquico, permitindo-lhe ser elaborada como qualidade. O ritmo biológico no contexto das relações objetais se situa na satisfação que resulta do encontro entre o ritmo interno da criança e o ritmo do objeto externo, campo de coincidência entre dois mundos, campo de sementeira da experiência da ilusão na qual o objeto é, ao mesmo tempo, encontrado e criado.

O aspecto rítmico da temporalidade mais primitiva remonta então à montagem do aparelho psíquico e abarca a harmonia entre a necessidade interna e a presença do objeto

externo, assim como um trabalho adaptativo na medida em que essa simultaneidade não se faz presente. De fato, a temporalidade em seus primórdios diz respeito à harmonia suficientemente boa dos ritmos interno e externo, durante a experiência de satisfação. Isto inclui o ritmo de sucção, da pressão dos toques, da continuidade e descontinuidade do fluxo de leite, da respiração, enfim de todos os cuidados mais primitivos que, na jornada rumo ao amadurecimento emocional compreendem o ritmo entre o sono e a vigília, noite e dia.

Com efeito, Nicolas Abraham (1972/1987), em “O tempo, o ritmo e o inconsciente”, leva algumas discussões justamente sobre a temporalidade, dentre elas a situa enquanto a própria singularidade do sujeito, um aspecto não apreensível pelo próprio eu, apenas por um outro, e mesmo assim de maneira não totalmente objetiva. Abraham supõe à temporalidade um estatuto simbólico cuja genealogia perpassa a sucção enquanto primeiro ato relacional. Nesse sentido, evoca a sua estrutura mais primitiva, a dupla tensão/descontração em jogo na cadência inicial marcada por dois tempos, o forte e o fraco, presentes na sucção. A repetição dessas marcações estabelece um ritmo de base bem representado em outra dupla, apetite/saciedade, que logo se multiplica em outras paridades, do mesmo modo cadenciadas, instigando a repetição no futuro a fim de obter novamente no presente a satisfação vivida no passado.

É no decurso da harmonização primária dos ritmos que permeiam essas primeiras experiências de satisfação, que o eu ainda incipiente encontra apoio, ou seja, no ritmo cadenciado dessas sensações – lembramos com Freud (1923/1996c) que o eu é inicialmente um eu corporal. Dessa forma, uma harmonização rítmica mais primitiva sedimenta para a criança a possibilidade de conceber que suas percepções, sensações corporais, são pertinentes e que podem ser investidas e legitimadas como suas. Como afirma Roussillon (1991/2006), pode ser formalizada em si e não no ambiente, a matriz per-

ceptiva (o si mesmo como fonte da excitação pulsional), e, igualmente, pode ser fomentada a autorrepresentação e o desenvolvimento da capacidade autorreflexiva (Roussillon, 1991/2006).

A harmonia rítmica primária caminha em conjunto com o estabelecimento do espaço temporal transitório de separação do objeto primário a partir do qual o objeto pode sobreviver na imagem infantil sem perder o seu devido valor e manter-se vivo. Essa terceira área de experimentação garante o trânsito necessário para a organização e aceitação interna de um tempo rítmico de si mesmo que, numa certa perspectiva, significa “o tempo necessário para que uma apropriação e uma organização suficientes do trajeto pulsional e de sua perenidade possam ocorrer” (Roussillon, 1991/2006:241). Sem essas experiências, o aparelho psíquico fica geralmente propenso às clivagens e aos desenlaces extrarepresentativos, sem o trânsito necessário para a entrada no funcionamento dialético dos processos psíquicos primários e secundários, sem possibilidade de espera ou adiamento de satisfação, como evidenciam as vinhetas clínicas trazidas inicialmente.

De fato, a desarmonia rítmica de base determina uma ruptura no paradoxo sobre o qual se organiza a transicionalidade e, em vez da indecidibilidade e da apropriação do ritmo de si mesmo, tem-se uma *certeza*: é o objeto quem sabe de que tempo se trata, ou de que ritmo está em questão. O objeto-termômetro do sujeito, o objeto de satisfação do sujeito, precisa estar lá na realidade externa, concretamente, de modo a garantir a saciedade. E, para o sujeito, é urgente que esteja. Não há, portanto, separação possível, mantendo-se patologicamente a dependência.

Quando predomina a desarmonia rítmica primária: manutenção da dependência

A desarmonia primária dos ritmos nas relações objetais primárias leva à efração da quantidade de energia que

chegaria ao aparelho psíquico ou a sua descarga domina a psique. Adentramos assim no campo do traumático, pois se trata aqui de uma experiência de ilusão negativa (Roussillon, 1991/2006), marcada pela impressão de que o mundo está fora de controle ou de que dele nada pode se esperar:

Num bom ritmo, os cuidados maternos aparecem à criança como significantes da união simbiótica harmoniosa primária. Ao contrário, a desarmonia, a disritmia darão a esta ou a impressão de um mundo incontrolável – se tudo vem muito depressa –, ou de um mundo desesperador – se tudo vem muito lentamente –, e em ambos os casos implicarão seja uma rejeição ou uma retirada, seja uma submissão passiva e uma experiência de aniquilamento da capacidade de satisfação (Roussillon, 1991/2006:237).

As consequências no sentido da desarmonia rítmica de base podem ser bem complicadas: “O interior da criança – inclusive, e sobretudo nesse momento, o interior ‘corporal’ – é então vivido como um mundo caótico, não organizado, que deve ser dirigido e controlado de fora” (Roussillon, 1991/2006:239). A referência para a representação de si remonta ao objeto externo e nele permanece depositada de modo que o objeto passa a assumir o lugar de invólucro protético ou de suprimento da vivência de desarmonia interna, o que requer naturalmente uma vigilância tenaz sobre ele.

Nas ilustrações que guiaram este trabalho, a vigilância tenaz sobre o objeto se evidencia na exigência de uma pronta resposta da analista, ou na expectativa de alguma garantia de um novo date com o pretendente, ou mesmo na abominada/cobiçada saciedade bulímica. Em todas essas situações se desenrola o padrão de uma dependência problemática em relação ao objeto, ou mesmo patológica. Isto se desdobra negativamente, é claro, na conquista de si mesmo enquanto uma unidade pautada em termos de integração, personalização e

realização (cf. Winnicott, 1945/2000) e, portanto, na própria configuração dos limites psíquicos, intrapsíquicos e inter-subjetivos.

Referências

ABRAHAM, N. (1995) O tempo, o ritmo e o inconsciente. In: Abraham, N. e Torok, M. (1987) **A casca e o núcleo**. (Maria José Coracini, trad., pp.85-115). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1972).

FREUD, S. (1996a) Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp.333-400). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).

_____ (1996b) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp.233-244). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

_____ (1996c) O ego e o id. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp.15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

ROUSSILLON, R. (2006) **Paradoxos e situações limites da psicanálise**. (Paulo Neves, trad.). São Leopoldo/RS: Editora Unisinos. (Trabalho original publicado em 1991).

_____ (1999) **Agonie, clivage et symbolisation**. Paris: PUF.

WINNICOTT, D. (2000) Desenvolvimento emocional primitivo. In: **Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas** (Davy Bogomoletz, trad., pp.218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).

_____ (1975) A localização da experiência cultural. In: **O brincar e a realidade**. (José Octávio de A. Abreu e Vanede Nobre, trad., pp.133-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).

EM TEMPOS MODERNOS OS DILEMAS SERÃO ANTIGOS? UMA RELEITURA DE CONCEITOS DE WINNICOTT NA ATUALIDADE¹

IN MODERN TIMES WILL DILEMMAS
BE OLD? A REINTERPRETATION OF WINNICOTT'S
CONCEPTS IN THE PRESENT DAY

Soraya Maria Pandolfi Koch Hack²

Resumo:

Foi no século passado que Winnicott desenvolveu sua teoria a respeito do amadurecimento humano, do ambiente familiar e social, das psicopatologias e da clínica psicanalítica. Apesar da passagem do tempo, suas concepções continuam vivas, sendo reconhecidamente absorvidas pelo movimento psicanalítico atual. Mas como explicar esta permanência, apesar das constantes mudanças no mundo? O presente artigo visa refletir sobre as contribuições de Winnicott que se encaixam em nosso tempo. Por outro lado, busca-se questionar também em que medida hoje alguns pontos de sua teoria se distanciam ou não da realidade atual.

Palavras-chave: Tempo; Permanência; Transformação.

Abstract:

In the last century, Winnicott developed his theory about human maturity, the familiar and social environment, psychopathologies, and clinical psychoanalysis (psychotherapy), as well. Throughout this time, his conceptions remain alive,

1 - Trabalho apresentado no XVIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de Winnicott, no eixo intitulado: A obra de Winnicott: permanências e transformações.

2 - Psicóloga clínica, Psicoterapeuta, Especialista e Mestre em Psicologia Clínica, Docente e Diretora do IPSI – NH – RS. Av. Maurício Cardoso, 1370/402 – CEP 93548-515 - Novo Hamburgo – RS - 051-999721494 - sohack@uol.com.br

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 58-68	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	----------	----------

acknowledged, and absorbed by the current psychoanalytical scene. But how can we explain such permanence, despite the passing of time and the constant changes the world is undergoing? This article/ paper aims to reflect on Winnicott's contribution which is compatible with present times. On the other hand, we are trying to question, whether some aspects of his theory reflect or not the current reality.

Keywords: Time; Permanence; Transformation/Change.

*Não, Tempo, não zombarás de minhas mudanças!
As pirâmides que novamente construístes
Não me parecem novas, nem estranhas;
Apenas as mesmas com novas vestimentas.
(William Shakespeare)*

Início minha exposição citando uma frase do poeta inglês Shakespeare, nascido em 1564, que até hoje é lembrado por sua sensibilidade, e cuja sabedoria sobrevive à passagem do tempo. Como explicar este fenômeno da permanência, apesar da transformação constante do mundo? Como diz o poema, não devemos zombar das mudanças que o tempo produz. Temos que entender as novas vestimentas.

Três séculos depois de Shakespeare, nasce Winnicott, o pediatra e psicanalista que teve no seu tempo coragem e sabedoria para inovar e ampliar o conhecimento sobre o amadurecimento emocional e a técnica psicanalítica. Mas o que pensaria Winnicott de nosso tempo, se hoje estivesse por aqui? Será que manteria suas concepções? Como lidaria e entenderia a aceleração da vida moderna e as contínuas e inacabáveis guerras? E com a globalização, com o enorme avanço das comunicações, incluindo a televisão e a difusão da telefonia? E como lidaria com a encantadora, facilitadora e também aprisionante vida virtual?

Por volta dos anos 50 o temor era o da bomba atômica. E hoje, quais são os nossos temores? Seguimos continuamente

te com o receio das guerras, mas surgiram outros medos. O desequilíbrio e as catástrofes da natureza, a poluição, as pandemias, o aumento da violência. Por outro lado, com todo respeito à poética de Shakespeare, não somente as vestimentas mudam a todo o tempo, mas o corpo que as veste também. Com o desenvolvimento da Ciência, podemos transformar o corpo, curar doenças e amenizar sofrimentos físicos. Sim, vivemos em outro tempo, de muito progresso, avanços em vários segmentos, mas também de apreensão.

Em meio a tantas mudanças possíveis de reflexão, preciso retomar o objetivo de minha escrita que é o de refletir sobre as concepções de Winnicott e o quanto elas cabem neste novo mundo. Há de se lembrar que ele foi um psicanalista de vanguarda, aberto à mudança e ao diálogo, e que hoje é considerado um dos autores da psicanálise mais estudados depois de Freud. De fato, há pressupostos inseridos em sua teoria que são sim muito atuais, tanto a valorização do ambiente, sendo este um facilitador na constituição do *self*, como também a adaptação da técnica psicanalítica ao paciente. Recebemos hoje Winnicott de braços abertos, parecendo por vezes ser o autor de nosso tempo.

Talvez por isso vem acontecendo nos últimos anos um resgate progressivo de Ferenczi, o psicanalista húngaro que escreveu sua teoria muito antes de Winnicott e que foi massacrado por suas ideias inovadoras, que incluíam a teoria do trauma, provocado pelo ambiente agressor, e a importância da elasticidade da técnica psicanalítica. Vivemos hoje um tempo de abertura e flexibilidade, onde a rigidez da técnica não cabe mais. E é neste formato que Winnicott e Ferenczi se atualizam.

A trajetória de Winnicott e os dilemas antigos

Foi como pediatra que Winnicott iniciou sua trajetória profissional. Ao atender muitas crianças e mães começou a observar a importância dos fatores emocionais na infância. Ingressando no mundo da psicanálise lutou para mostrar aos

seus colegas pediatras que muitos distúrbios não eram exclusivamente de causa orgânica. Na introdução do livro chamado “Natureza Humana”, Winnicott (1990a) disse que o pediatra “prefere manter-se firme na pediatria somática, mesmo sabendo que terá de embrenhar-se campo adentro até encontrar doenças suficientes para curar e prevenir” (p.28).

Winnicott (2022) formulou a teoria do amadurecimento, que inicia no nascimento com a dependência absoluta da mãe, que se transforma em relativa até chegar no rumo à independência, esta também chamada de independência relativa. Em todo este processo, Winnicott destacou a importância dos cuidados maternos e paternos, a continuidade e a previsibilidade, que despertam no pequeno ser a confiabilidade no meio. Para o autor “não há sentido em falarmos sobre o indivíduo sem considerarmos um ambiente suficientemente bom que se adapta às suas necessidades” (Winnicott, 2000, p.360).

A descoberta de distúrbios emocionais precoces influenciou de maneira decisiva a evolução de seu pensamento analítico. “Winnicott jamais deixou-se convencer pela centralidade do complexo de Édipo, proposta pela psicanálise freudiana” (Dias, 2002, p. 113). Assim afastou-se da teoria pulsional como vetor responsável pela estruturação da subjetividade.

A vivência na segunda guerra mundial, como consultor psiquiátrico, foi fundamental para uma mudança de outro paradigma da psicanálise. Ao observar crianças vivenciando o efeito das rupturas de seus lares e a separação de seus pais, Winnicott desenvolveu a teoria da tendência antissocial, cuja etiologia estaria ligada a um estado de privação, ou seja, a perda ou a descontinuidade dos cuidados parentais. Até então, a psicanálise tradicional encarava os problemas de conduta decorrentes de uma conflitiva edípica (Dias, 2002; Klautau & Salem, 2009). Todas estas observações consolidaram para o autor a convicção da importância do ambiente, que

hoje é incontestável. Mas ele sabia das repercussões que suas teorias poderiam gerar.

No livro “O Gesto Espontâneo”, Winnicott diz que:

Estremeço ante o perigo de que meu trabalho seja tomado como uma tentativa de fazer a balança da argumentação pender para o lado ambiental, embora eu realmente seja de opinião que a psicanálise tem agora condições de dar importância plena aos fatores externos, tanto bons quanto maus, especialmente à parte desempenhada pela mãe no estágio bem inicial, quando o bebê ainda não separou o “eu” do “não-eu”. (Winnicott, 1990b, p. 122)

Winnicott (1997) não somente voltou-se para os fatores relativos ao ambiente familiar, mas também valorizou o contexto social e cultural. Inclusive chegou a escrever sobre a democracia como a conquista de um povo, “num determinado momento do tempo, de uma sociedade [...] dotada de algum limite natural” (p.231). Dizia que o funcionamento democrático começaria num lar bom e normal, cultivando a liberdade de expressão de sentimentos profundos.

Há várias outras contribuições e expressões do autor que não somente foram incorporadas ao pensamento psicanalítico, mas também se instalaram como jargões fixando sua permanência, tais como: mãe suficientemente boa, preocupação materno-primária, função especular, *holding*, *handling*, fenômenos e objetos transicionais. Além da tendência antissocial, passaram a ser conhecidos o falso *self* e os transtornos psicossomáticos.

Suas concepções acabaram por modificar alguns princípios da clínica. Winnicott (2000) descreveu três categorias de pacientes: a) o neurótico (com o qual usava a técnica freudiana); b) aquele cuja personalidade recém integrou-se; c) aquele cuja estrutura pessoal não se encontra integrada. Escreveu sobre formas diferenciadas de trabalhar com pacientes que

necessitariam de um manejo diferenciado, pertencentes à segunda e terceira categoria, especialmente esta última, onde se enquadram indivíduos que necessitam de uma regressão em busca de seu verdadeiro *self* e um *setting* que lembre os cuidados maternos (Winnicott, 2000). “Nesse sentido, a técnica da análise se transforma para uma psicanálise modificada” (Celes, 2010, p. 70).

Winnicott e os tempos modernos

É preciso lembrar que ele viveu em uma outra época, e que escreveu em outro tempo, aliás parecendo estar à frente do seu tempo. Abro o leque para olhar os desafios que Winnicott enfrentaria hoje se estivesse por aqui. Penso que ele não se importaria em fazer alguns ajustes e dialogar a respeito com os colegas. Afinal, em 1967 escreveu que

De tempos em tempos pode ser proveitoso tentar explicitar o queremos dizer – sob o risco de dizer o óbvio ou de descobrir que não conhecemos a resposta. Seja lá como for, nosso ponto de vista se modifica no decorrer das décadas, de modo que uma afirmação que servia para os anos 1940 pode ser quase inútil nos anos 1960. (Winnicott, 2021, p. 03)

Em alguns escritos de Winnicott, coerentes no contexto de sua época, teríamos que fazer uma releitura; como por exemplo, um dos textos em que enfoca a temática sobre Família. Em 1958, no livro “A Família e o Desenvolvimento Individual”, ele sabiamente nos diz:

Não haveria nada de novo em afirmar que a família é um dado essencial de nossa civilização [...] a família nunca deixa de ser importante, e é responsável por muitas de nossas viagens. Nós escapamos, emigramos, trocamos o sul pelo norte e o leste pelo oeste devido à necessidade de nos libertarmos; e depois viajamos periodicamente de volta para casa para renovar o contato com a

família. Passamos boa parte do tempo escrevendo cartas, mandando telegramas, telefonando e ouvindo histórias sobre nossos parentes; e, em épocas de tensão, a maior parte das pessoas permanece leal às famílias e desconfiada dos estranhos. (Winnicott, 1997, p. 59)

Um conteúdo inquestionável e verdadeiro. Afinal, de fato a família continua sendo importante e responsável por algumas de nossas viagens. Porém, nos dias atuais, as cartas foram substituídas pelo *WhatsApp* e por outras plataformas, que incluem vídeos. Não enviamos mais telegramas, mas seguimos telefonando. E a tecnologia não somente encurta as distâncias, mas em muitos casos aproxima.

E a família continua a mesma? Arrisco-me a dizer que a família sofreu mudanças. O casal parental atual se divide nos cuidados destinados aos filhos, lembrando que as mães estão muito mais fora de casa do que quando Winnicott escreveu sua teoria. Assim, o pai também tem exercido outras funções que antes eram mais destinadas à figura materna. O divórcio trouxe a possibilidade de novas configurações familiares. Os filhos podem ser de um, de outro, ou de ambos. Com frequência encontramos famílias com irmãos e também o chamado meio-irmão. E as uniões conjugais podem ser com casais homossexuais. Felizmente hoje a liberdade de escolha prepondera. E, independente de qual seja o tipo de composição familiar, continuamos a pregar a importância da continuidade, da previsibilidade, tal como Winnicott sugeriu.

E a infância bombardeada de estímulos não estaria caminhando na contramão da sua concepção de que tudo deve desenvolver-se a seu tempo, com menos intrusões possíveis? O mundo não deveria ser apresentado ao bebê ou à criança em pequenas doses? E a função especular das mães será que muitas vezes não se divide entre um olho no *self* de seu filho e o outro olho no *self* a ser postado na rede virtual social? A internet não estaria sendo intrusiva na relação entre mãe e filho? Há de destacar que hoje o *google* dita normas. Winnicott,

que tanto olhou para o ambiente, ficaria impressionado com este panorama e certamente diria às mães: “Use mais a sua intuição do que os aplicativos informativos”. É preciso lutar pelas concepções winnicottianas, lembrando que o excesso de atividades e informações pode ser prejudicial aos relacionamentos entre pais e filhos.

De uma forma geral, os pais estão mais frágeis no exercício de sua autoridade, estabelecendo com os filhos relações mais igualitárias. Absorvidos em suas tarefas, acabam falhando em colocar limites, tão necessários. Como consequência a tendência antissocial está mais acentuada.

Com muita sabedoria Winnicott (1997) descreveu o desafio adolescente: “a luta para sentir-se real, a luta para estabelecer uma identidade pessoal, a luta para viver o que deve ser vivido sem ter de conformar-se a um papel preestabelecido” (p. 123). Sobre a adolescência, apontou também outros dois aspectos que parecem ser ainda muito atuais. Primeiro, “a rápida alternância entre independência e dependência regressiva, e mesmo a coexistência dos dois extremos num mesmo momento” (Winnicott, 1997, p. 117). Seria uma mistura entre rebeldia e dependência. Segundo os grupos de adolescentes são compostos por seres isolados que procuram um agregado por meio de identidade e gostos. Mas hoje temos que reconhecer que o jovem busca seus iguais também dentro de seu próprio quarto, conectado à internet, aos jogos e à interação virtual.

O autor dizia que as experiências sexuais dos adolescentes mais jovens são marcadas pelo fenômeno do isolamento, pelos jogos sexuais incompletos ou pelo comportamento afetivo com ênfase no sentimento. Eu diria que isso tudo segue acontecendo, mas hoje a vivência da sexualidade na adolescência é diretamente influenciada pelas mudanças sociais. A sociedade está menos repressora e, portanto, os adolescentes têm mais liberdade de iniciar os seus relacionamentos sexuais mais cedo, com diversas experiências diversificadas, o

que lhes dá uma possibilidade de escolha maior, e sem culpas. Por outro lado, os relacionamentos entre eles parecem ser mais superficiais, descartáveis, com muitas mudanças de parceiros. O fenômeno do “ficar” é o nome que se dá para uma intimidade rápida, não necessariamente motivada por sentimentos afetivos.

O autor considerou as mudanças sociais de seu tempo interferindo na adolescência da década de 50, citando as doenças venéreas o desenvolvimento de técnicas contraceptivas e a bomba atômica. Mas sobre a bomba atômica e a questão da guerra é preciso destacar que Winnicott foi um tanto otimista. Dizia:

Precisamos acostumar-nos a viver sob a suposição de que não haverá mais guerras. Pode-se argumentar que há possibilidade de que uma guerra estoure a qualquer momento em qualquer lugar do mundo, mas hoje sabemos que a organização do país para a guerra não é mais uma solução para os problemas sociais. (Winnicott, 1997, p.120)

A previsão esperançosa de Winnicott infelizmente não foi assertiva. Hoje vivemos o risco eminente de uma terceira guerra mundial, lembrando que parte do mundo segue em duelo constante e crescente. Além disso, a violência está mais acirrada. E o que diria Winnicott do descuido do homem à natureza, culminando em tantas catástrofes ambientais?

Não poderia encerrar esta reflexão sem falar mais uma vez sobre a modernidade de Winnicott na clínica. Já mencionei anteriormente como seguimos utilizando seus pressupostos, que continuam muito pertinentes, especialmente quando se fala da necessidade de o terapeuta adaptar-se às necessidades do paciente, com intervenções cuidadosas. É extremamente valiosa a sua contribuição no “manejo de casos e situações clínicas em que a técnica interpretativa encontra um limite” (Klautau & Salem, 2009, p. 45). E o uso da regres-

são da clínica se faz necessário em alguns casos, feito em um contexto de *holding*.

O mundo está cada vez mais em constante e rápida transformação, e este contexto clama por flexibilidade no atendimento das antigas e novas demandas na clínica. Uma das grandes e significativas mudanças no cenário atual tem a ver com a vida virtual. E nesse sentido podemos incluir os atendimentos psicoterápicos *online*, que se potencializaram e se instituíram com regularidade após o isolamento provocado pela pandemia da Covid 19. Winnicott não teve o privilégio de passar por esta vivência virtual, que nos exige tantas adaptações e criatividade. E quantos pacientes seus poderiam ter sido atendidos por esta modalidade, encurtando as longas horas de viagem? Ele não previu como a clínica teria que se adaptar a este novo tipo de *setting* e enquadre. Mas não poderíamos exigir que Winnicott previsse tudo.

Em 1967, quatro anos de seu falecimento, Winnicott reconhece que

Não posso abranger tudo o que desejaria. Direi apenas que não sei se gostariam de debater alguma coisa disto ou se prefeririam ajudar-me, por carta, a corrigir-me e a reunir-me com as várias pessoas através do mundo que estão fazendo trabalhos que eu quer furtei, quer apenas ignorei [...] Vou continuar a ter ideias que pertencem ao lugar em que estiver no momento, e não posso deixar de fazê-lo. (Winnicott, Shepherd & Davis 1994, p. 443).

Então, eu diria que aqui estamos, debatendo as antigas ideias, criando ou recriando novas. Seguimos assim entre a permanência e a transformação.

Referências

- Celes, L. A. M. (2010). **Clínica psicanalítica: Aproximações histórico-conceituais e contemporâneas e perspectivas futuras**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20(26), 65-80.
- Dias, E. (2002). **A trajetória intelectual de Winnicott**. Natureza Humana, 4(1), 111-156.
- Klautau, P., & Salem, P. (2009). **Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação**. Natureza Humana, 11(2), 33-54.
- Shakespeare, W. (s.d). Pensador. Acesso em 21/04/24 de <https://www.pensador.com/frase/NTEyNzY/>
- Winnicott, C., Shepherd, R., & Davis, M. (1994). **Explorações psicanalíticas – D. W. Winnicott**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1990a). **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Winnicott, D. (1990b). **O gesto espontâneo**. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. (1997). **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. (2000). **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. (2021). **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ubu Editora/WMF Martins Fontes.
- Winnicott, D. (2022). **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. São Paulo: Ubu Editora/WMF Martins Fontes.

ENTRE O AMADURECIMENTO E O ENCONTRO DE SI: O FATOR TEMPO NA INTERPRETAÇÃO DO ANALISTA WINNICOTTIANO¹

BETWEEN MATURING AND FINDING ONESELF:
THE TIME FACTOR IN THE INTERPRETATION
OF THE WINNICOTT ANALYST

Vanessa Dias dos Santos²

Resumo

A clínica winnicottiana fundamenta-se em uma teoria sobre o amadurecimento emocional. Nesta, a partir de uma tendência inata ao amadurecimento que encontra um ambiente suficientemente bom, o indivíduo pode se desenvolver e caminhar da dependência absoluta a uma independência relativa. Pode-se dizer, portanto, que essa teoria norteia o trabalho do psicanalista, bem como seus manejos e as interpretações pertinentes em cada caso. A partir desses pressupostos, o presente trabalho pretende avaliar de que modo o fator tempo se coloca na interpretação do analista winnicottiano, destacando-se duas dimensões: o tempo do amadurecimento e o tempo de encontrar a si. O trabalho evidencia a especificidade do uso da interpretação como ferramenta terapêutica, a partir das proposições de Winnicott e seus comentadores.

Palavras-chave: Winnicott; interpretação; amadurecimento; tempo

1 - Artigo suscitado pela participação como ouvinte no XVIII Brasileiro sobre Pensamento de D. W. Winnicott - 2024 - "Temporalidade: Permanência e transformação"

2 - Psicóloga Especialista em Psicologia Clínica e Especialista em Psicologia da Saúde, Psicanalista pelo Centro de Estudos Psicanalíticos, discente do Curso de Formação em Psicanálise Winnicottiana do Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana, filiada ao IBPW/IWA | Telefone: 11 99696-4101 | E-mail: vanessa@psicologiaepsicanalise.com

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 69-80	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	----------	----------

Abstract

The Winnicottian clinic is based on a theory of emotional maturation. In this theory, the individual can develop from an innate tendency to mature that meets a sufficiently good environment, and move from absolute dependence to relative independence. It can therefore be said that this theory guides the psychoanalyst's work, as well as his or her handling and interpretation of each case. Based on these assumptions, this paper aims to assess how the time factor is placed in the interpretation of the Winnicottian analyst, highlighting two dimensions: the time of maturation and the time to find oneself. The article highlights the specificity of the use of interpretation as a therapeutic tool, based on the propositions of the Winnicott and his commentators.

Keywords: Winnicott; interpretation; maturation; time

Introdução

O psicanalista inglês Donald Winnicott, ao longo de mais de 40 anos de experiência clínica, desenvolveu uma teoria sobre o amadurecimento emocional, que continua a guiar psicanalistas mais de cinquenta anos após seu falecimento. Essa teoria aborda a transição da dependência absoluta para a independência relativa, a partir de uma tendência inata ao amadurecimento que é sustentada por um ambiente suficientemente bom.

Esses pressupostos permitem ao analista winnicottiano avaliar o papel do ambiente em cada etapa do amadurecimento e sua própria atuação também como tal. No caso da interpretação, embora esta tenha um papel central para a atuação do psicanalista em uma abordagem tradicional, Winnicott revisita seu uso à luz de sua teoria de modo a alertar para a interpretação que pode interromper ou retardar o processo de amadurecimento emocional em dados casos.

Assim, este trabalho propõe avaliar o fator tempo na in-

interpretação do analista winnicottiano, revisitando a interpretação na psicanálise tradicional, a teoria do amadurecimento e duas dimensões do tempo: o tempo do amadurecimento e o tempo de encontrar a si. O objetivo é evidenciar a especificidade do uso da interpretação como ferramenta terapêutica, com base nas proposições de Winnicott e seus comentadores.

Psicanálise tradicional e interpretação

A Psicanálise tradicional postulou um lugar privilegiado para a interpretação enquanto uma técnica de comunicação capaz de elucidar aspectos inconscientes da personalidade. Freud entendia que todo analista deve ser capaz de interpretar os conteúdos trazidos pelos pacientes, possibilitando desvendar e desfazer as soluções de compromisso por trás dos sintomas.

A interpretação seria uma tentativa de reaver o conteúdo recalcado pelo paciente, seguido de sua rememoração para a elaboração dos representantes mentais de pulsões inconscientes (Almeida & Atallah, 2009). O psicanalista seria, portanto, alguém tecnicamente preparado para investigar o sentido pessoal dos sintomas e interpretá-los, a fim de que o paciente possa elaborar o material banido pela consciência.

Laplanche e Pontalis (1982/2001) destacam duas faces da interpretação freudiana: uma delas a investigação do sentido latente de palavras e comportamentos capazes de iluminar o conflito defensivo e explicitar o desejo inconsciente; e a outra a comunicação em si que é feita ao paciente para que possa acessar este sentido a partir da direção e da evolução do tratamento. Deste modo, a interpretação seria algo investigado e construído pelo analista de modo a ser devolvido ao paciente a partir de uma verbalização.

Em Freud, não é destacada uma contraindicação da interpretação a partir dos diferentes pacientes dada sua construção teórico-clínica baseada predominantemente em uma “clínica das neuroses”. Para Dias (2023) a tarefa do analista e

a interpretação podem ser vistas como sendo a mesma coisa, dada a categoria conceitual de Freud - a neurose. Sua teoria é guiada pelo desenvolvimento psicosssexual, onde é guardado ao Complexo de Édipo um papel central, tendo os candidatos a uma análise clássica sintomas relacionados à essa ordem.

Winnicott, por sua vez, traz uma outra concepção da natureza humana e do trabalho do analista, para além do trabalho com pacientes neuróticos. Sua atuação destaca o amadurecimento emocional a partir do qual é avaliado o uso da interpretação frente aos diferentes tipos de pacientes. Considera, por exemplo, que alguns destes nem mesmo chegaram ao Complexo de Édipo a pouco mencionado, de modo que a tarefa do analista deve sofrer modificações. Sua teoria, portanto, altera de forma significativa o uso da interpretação, como explicitado a seguir.

A teoria do amadurecimento como pressuposto teórico-clínico

Winnicott traz uma nova concepção sobre a natureza humana onde, em sua espinha dorsal, está a perspectiva de que todos os indivíduos têm uma tendência inata ao amadurecimento e à integração. Esta, no entanto, não ocorre sem um ambiente que o ampare, como Dias alerta:

Apesar de inata, a tendência à integração não acontece automaticamente, como se bastasse a mera passagem do tempo. Trata-se de uma tendência e não de uma determinação. Para que ela se realize, o bebê depende fundamentalmente da presença de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons. (Dias, 2014, pp. 93-94)

Em outras palavras, amadurecimento e processo de integração em um “eu unitário” ocorrem a partir de um ambiente suficientemente bom que sustente essas tendências inatas. Este, deve considerar o bebê em sua imaturidade e se iden-

tificar com seu estado inicial de dependência absoluta de cuidados. Com êxito, esta etapa inicial culminará na dependência relativa, seguida pela independência relativa/rumo à independência, considerando que não há uma “independência absoluta”.

O trabalho do analista winnicottiano é então pautado por uma perspectiva de que o amadurecimento físico deve ser acompanhado pelo amadurecimento emocional. Por exemplo, quando Winnicott descreve o processo de alimentação, explica: “Por meio dos processos de crescimento emocional, de desenvolvimento e de amadurecimento - que correspondem ao desenvolvimento de tecido cerebral -, torna-se possível para o bebê uma compreensão mais ampla do canal alimentar e do processo de alimentação” (1967/2021). Pode-se dizer que na linha do tempo, o amadurecimento dos órgãos e o crescimento deve caminhar junto ao desenvolvimento emocional. Nessa parceria psicossomática, o amadurecer leva tempo e requer cuidados, sobretudo nas bases da saúde mental.

O psicanalista britânico vai dizer que é nos primeiros estágios da intercomunicação entre mãe e bebê onde são estabelecidas as bases para uma futura saúde mental (Winnicott, 1968a/2021). Os primeiros estágios dizem respeito ao momento na linha do tempo onde fisicamente se está mais imaturo e predominantemente não-integrado, sendo inseparável o par mãe-bebê.

O bebê é inicialmente amalgamado com sua mãe e inseparável do mundo externo, ao qual sequer sabe como para além dele. Aqui, o bebê conta com a ilusão de onipotência, facilitada pelo ambiente, e lida com objetos subjetivos. No desenvolvimento saudável, de início, tudo o que existe é por ele criado ainda que, paradoxalmente, tudo já estava lá para ser encontrado. Winnicott (1971/2019), diz “(...) a mãe propicia ao bebê a oportunidade de ter a ilusão de que o seio é uma parte dele. O seio, por assim dizer, está sob o controle mágico do bebê”, o bebê cria e controla o mundo dentro desta perspectiva.

Aos poucos, a dependência absoluta é modificada a um estágio de dependência relativa, onde os objetos externos podem ser apresentados através de um processo que passa pela desilusão gradativa, pela transicionalidade, o uso do objeto até a chegada ao “Eu-sou”.

Passam a ocorrer pequenas falhas, que, por se darem na medida da maturidade crescente do bebê, pertencem ainda à pauta da adaptação. Isto coincide com a necessidade do bebê de dar prosseguimento ao amadurecimento; a desadaptação da mãe é imprescindível para o início do rompimento da unidade indiferenciada mãe-bebê, de modo a pôr em marcha o longo e vagaroso processo de separação que levará o pequeno indivíduo à integração em um eu unitário e separado, capaz de estabelecer relações com o não-eu ou o mundo externo. (Dias, 2014, p.217)

Importa dizer que muito antes do Complexo de Édipo, nas etapas da dependência absoluta e relativa, há diversas conquistas a serem desenvolvidas em termos de amadurecimento. Estas, propiciam que o bebê faça a passagem de um mundo subjetivo para um mundo interno, que pressupõe o reconhecimento de um mundo externo. Somente a partir do “Eu-sou”, pode-se discriminar dentro e fora, momento em que todo “não-eu” pode ser visto como externo. Ao mesmo tempo, é aqui que passa a haver uma realidade psíquica pessoal, onde podem residir as memórias de experiências, inclusive formações do inconsciente reprimido (Dias, 2014, p.244). É, portanto, a partir deste momento do processo de amadurecimento que o inconsciente reprimido e postulado pela psicanálise tradicional pode ser finalmente interpretado. Ocorre que nem todas as pessoas amadureceram a este ponto. Dias (2023, p.11), em consonância com os pressupostos de Winnicott, alerta que nem todo paciente chegou ao “sofisticado inconsciente reprimido”. Desta forma, a interpretação se res-

tringiria àqueles pacientes que podem ser descritos como pessoas inteiras ou que alcançaram um “eu unitário”. Isto é, aqueles cujo amadurecimento chegou ao “Eu-sou” e que alcançaram, portanto, inconsciente reprimido.

Interpretação winnicottiana frente ao tempo do amadurecimento

A interpretação em sentido winnicottiano apenas atende às necessidades do paciente quando é disto que ele precisa para continuar a amadurecer. Como descrito, isto depende de se ter um material inconsciente recalcado a ser interpretado, estatuto que diz respeito a pessoas que atingiram determinado momento do amadurecimento emocional. Isto é, o momento em que há o material que diz respeito aos instintos que surgem das fantasias, a exemplo da Edípica, ou das relações interpessoais a partir do “Eu-sou”.

Considerado dado tempo do amadurecimento, este será o caso de pacientes neuróticos (portanto, a partir de uma problemática edípica) e de depressões reativas (a partir do estágio do concernimento). Em ambos os casos, tem-se pessoas inteiras e o cuidado pode significar um verdadeiro *holding*, passando pela interpretação, como menciona Winnicott :

Uma interpretação correta e oportuna no tratamento analítico produz uma sensação de estar sendo fisicamente seguro, que é mais real (para o não-psicótico) do que ele estivesse sendo concretamente embalado ou posto no colo. A compreensão penetra mais fundo, e através da compreensão demonstrada pelo uso da linguagem, o analista embala o paciente fisicamente no passado, ou seja, na época em que havia necessidade de estar no colo, quando o amor significava adaptação e cuidados físicos. (Winnicott, 1988, p.80)

Neste caso, pode-se dizer que a interpretação traz efeitos terapêuticos e sustenta o paciente para o desenvolvimento.

Porém, de outro lado, há casos para os quais não é indicada, por exemplo, os casos de psicose, tendo em vista que esses pacientes tiveram seu processo de amadurecimento congelado em etapas precoces. Significa que o paciente psicótico não precisa da interpretação, mas de um mundo ambiente onde ele possa começar a ser (Dias, 2023). Para a tendência antisocial, do mesmo modo, Winnicott também propõe outro tipo de tarefa clínica, onde o manejo deve ser privilegiado.

Sobre a atenção ao tempo do amadurecimento de cada paciente, Winnicott diz “Estarreço-me pensar quantas mudanças profundas impedi ou retardei em pacientes situados *em certa categoria classificatória* pela minha necessidade pessoal de interpretar” (1968b/1994). Em outras palavras, pode-se dizer que a interpretação que não tem consonância com o amadurecimento pode inclusive ser iatrogênica ao paciente. Para além disto, há ainda de se examinar o tempo em que o paciente já pode encontrar a si, sobre o qual será discutido a seguir.

Interpretação winnicottiana frente ao tempo de encontrar a si

Assim como o amadurecimento emocional, encontrar a si é também um processo que requer tempo e um ambiente facilitador. Winnicott diz ser uma armadilha o analista acreditar que o bom desempenho deveu-se às interpretações, quando o determinante foi ter tomado um lugar de pai ou mãe bons (1948/2021). Mais adiante no mesmo texto, salienta: “O paciente pode avançar em seu próprio ritmo. Ele pode falhar, se quiser, sendo-lhe dado tempo e algo como um lugar seguro” (Winnicott, 1948/2021), demarcando a importância dos fatores tempo e ambiente. A interpretação que ajuda o paciente a encontrar a si no momento oportuno, vai também por este caminho.

Winnicott sugere que o paciente deve chegar a entendimentos de um modo criativo, se, para tanto, o analista puder esperar. Significa que o analista não interpreta por necessi-

dade própria de mostrar domínio da teoria, por exemplo, retardando o processo do paciente. Sobre esse aspecto, Dias diz:

Essa antecipação não apenas impede que o próprio paciente chegue criativamente ao entendimento necessário, como foi assinalado no item anterior, como também dificulta que ele se aproprie de sua crescente capacidade de comunicar a necessidade, inibindo assim o impulso criativo. Esse é um risco típico do momento em que está ocorrendo a passagem da dependência absoluta para a relativa e daí em diante, a cada nova conquista do amadurecimento. As mães muito treinadas em criar filhos, assim como os analistas experientes, são especialmente sujeitos a incorrer nesse erro (Dias, 2023, p.53)

Sobre esse aspecto, Winnicott vai destacar que psicanalistas mais experientes tenderiam a ficar entediados ao aguardar o ritmo do paciente, que pode ser inclusive bastante lento. Buscando avançar no processo, fariam interpretações quando o paciente ainda não está pronto ou ainda não deu indícios suficientes capazes de sustentá-las. Aqui jaz a necessidade do analista, não do paciente que chega criativamente a dada construção.

Encontrar a si requer paciência por parte do paciente e do analista para aguardar o tempo necessário. No entanto, Winnicott também destaca o prazer neste processo: “Se pudermos esperar, o paciente chega ao entendimento de modo criativo e com imensa alegria, e eu hoje desfruto dessa alegria mais do que costumava desfrutar da sensação de haver sido arguto” (1968b/1994). Aqui, o protagonista é o paciente, não o psicanalista que quer demonstrar sua esperteza.

Ainda sobre o tempo, o psicanalista britânico sugere que estejamos atentos ao tempo da interpretação a partir do explicitado pelo paciente, sendo naturalmente na mesma sessão. Interpretar algo no dia seguinte, ou na próxima sessão, como fruto de uma elaboração do analista ou de uma supervisão “não

tem utilidade, por causa desta operação muito poderosa de um fator temporal” (Winnicott, 1968c/1994). De outro modo, a interpretação correta estaria fora de tempo tornando-se, portanto, inapropriada ao momento posterior por estar fora da área de insight - aquela que foi produzida na sessão anterior.

Como descreve Serralha (2012), a interpretação fora de tempo pode ser não somente inútil, mas invasiva, ocasião na qual o paciente pode ter dúvidas sobre a possibilidade do analista em entendê-lo, recusar a interpretação, ficar assustado, dentre outras reações à invasão. Aqui, pode-se pensar que a interpretação fora do tempo de encontrar a si não reforçaria a confiabilidade, podendo inclusive quebrá-la.

Em suma, a interpretação atenta ao tempo do amadurecimento e ao tempo de encontrar a si, devolve a compreensão do analista ao paciente de modo não pedagógico, econômico, podendo esclarecer sobre seu estado atual e permitindo o devido cuidado. Ambas as dimensões do tempo devem se entrelaçar na interpretação terapêutica e atenta às necessidades do paciente.

Considerações finais

Em síntese, a teoria do amadurecimento humano de Donald Winnicott continua a ser relevante para a clínica psicanalítica contemporânea, oferecendo reflexões sobre processos saudáveis e de adoecimento. Destaca-se sua especial atenção ao ambiente que, junto à tendência inata ao amadurecimento, conduz o indivíduo da dependência absoluta à dependência relativa.

Este trabalho se propôs a resgatar os pressupostos winnicottianos para a interpretação, tendo em vista o fator tempo em duas dimensões: o tempo do amadurecimento e o tempo de encontrar a si. Nestes eixos, se destaca que a interpretação é apenas indicada aos pacientes que alcançaram o estatuto de “Eu-sou”, bem como salienta que se deve respeitar o ritmo do paciente em um tempo de encontrar a si.

Conclui-se a importância de se observar as duas dimensões do tempo de uma interpretação que seja de fato terapêutica. Ambas caminham de modo entrelaçado e de acordo com as necessidades de cada paciente e espera-se que possam, assim, promover intervenções clínicas pautadas pelo cuidado.

Referências

Almeida, L. P.; Atallah, R. M. F. (2009). **Clínica, a interpretação psicanalítica e o campo de experimentação**. Revista Psicologia em Estudo. 14 (1), mar. 2009

Dias, E. O. (2014). Os estágios da dependência e da independência relativas. In: **A teoria de amadurecimento de D. W. Winnicott**. (pp.217-297) 3.ed. São Paulo: DWW Editorial, 2014.

Dias, E. O. (2014). Conceitos básicos da teoria do amadurecimento pessoal. In: **A teoria de amadurecimento de D. W. Winnicott**. (pp.91-150). 3.ed. São Paulo: DWW Editorial, 2014.

_____ (2023). A interpretação na clínica winnicottiana. In: **Interpretação e manejo na clínica winnicottiana** (pp.9-118). 2.ed. São Paulo: DWW Editorial, 2023.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1982). **Vocabulário de psicanálise** (pp.245-248). 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Serralha, C. A. (2012). **Estudo sobre os elementos de uma interpretação invasiva na abordagem psicanalítica winnicottiana**. Revista Psico-USF, v. 17, n. 1, p. 43-51, jan./abr. 2012

Winnicott, D. W. (1948). A reparação relativa à defesa organizada da mãe contra a depressão. In: **Da pediatria à psicanálise** (pp.203-211). São Paulo: Ubu Editora, 2021.

_____ (1967). O ambiente saudável na infância. In: **Bebês e suas mães** (pp.73-82). São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____ (1968a). A comunicação do bebê com a mãe e da mãe com o bebê, comparada e contrastada. In: **Bebês e suas mães** (pp.104-123). São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____ (1968b). O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In **Explorações psicanalíticas** (pp.171-177). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

_____(1968c). A Interpretação na Psicanálise. In **Explorações psicanalíticas** (pp.163-166). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

_____(1971). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: **O Brincar e a realidade** (pp. 13-51). São Paulo: Ubu Editora, 2019.

_____(1988). O conceito de saúde a partir da teoria dos instintos. In: **Natureza Humana** (pp. 69-83). Rio de Janeiro: Imago, 1990

IDENTIDADE DE GÊNERO, HORMONIZAÇÃO E O TEMPO DE AMADURECIMENTO: COMO WINNICOTT NOS AJUDA A QUESTIONAR ESSES FENÔMENOS?¹

GENDER IDENTITY, HORMONAL THERAPY AND
THE MATURATION TIME: HOW DOES WINNICOTT
HELP US QUESTION THESE PHENOMENA?

Cesar A. N. Bridi Filho²
Giovanna Da Cas³
Thiago da Rosa Stribe⁴
Ícaro Donatoni Pinheiro⁵
Matheus Moreira⁶
Cezar Letiere Martins⁷

Resumo

As relações entre sofrimento psíquico, construção de identidade de gênero e o uso de hormônios é uma realidade para pessoas trans que buscam atendimentos em ambulatórios públicos. Partindo da vivência e das expressões dos usuários, com base em pesquisas qualitativas no Ambulatório Transcender, elementos da teoria de Winnicott servem de base para a compreensão deste fenômeno. As relações entre o

1 - Apresentado no XVIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D.W.Winnicott – TEMPORALIDADE: PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES (2024). Este trabalho foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Ciência & Descomportamento, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. cienciaedescomportamento@gmail.com

2 - Psicólogo, Doutor em Psiquiatria e Ciências do Comportamento (UFRGS). Telefone: (55)9 9972-4383. Endereço Eletrônico: bridifilho@gmail.com

3 - Acadêmica de psicologia pela FISMA. Telefone: (55)9 8112-4267. Endereço Eletrônico: giovannadacasps@gmail.com.

4 - Acadêmico de Psicologia para FISMA. Telefone: (55)9 8139-9545. Endereço Eletrônico: thiagolstribes@gmail.com.

5 - Acadêmico de Psicologia pela FISMA. Telefone: (16)9 9758-2508. Endereço Eletrônico: icdp.docs@gmail.com.

6 - Acadêmico de Psicologia pela FISMA. Telefone (55)991168049. Endereço Eletrônico: cienciaedescomportamento@gmail.com

7 - Acadêmico de Psicologia pela SOBRESP. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA). Telefone: (55)9 9630-7386. Endereço eletrônico: cezarletiere@gmail.com.

@cienciaedescomportamento

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 81-94	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	----------	----------

corpo, a imagem corporal, o amadurecimento subjetivo e longitudinal, as relações primárias e as defesas que constituem a organização subjetiva são apontadas ao longo do trabalho. A relação eu-meu, o papel da sexualidade no corpo e o fenômeno da transição são refletidas a partir de construtos teóricos da teoria winnicottiana.

Palavras-chave: Hormonização; Pessoas Trans; Imagem Corporal; Identidade de Gênero; Expressão de Gênero.

Abstract

The relationships between psychological distress, gender identity construction, and hormone use are a reality for trans people who seek care in public outpatient clinics. Based on the experiences and expressions of users and qualitative research at the Ambulatório Transcender, elements of Winnicott's theory serve as a basis for understanding this phenomenon. The relationships between the body/soma, body image, subjective and longitudinal maturation, primary relationships, and defenses that constitute subjective organization are highlighted throughout the work. The I-mine relationship, the role of sexuality in the body, and the phenomenon of transition are reflected based on theoretical constructs of Winnicottian theory.

Keywords: Hormonization; Transgender; Body Image; Gender Identity; Gender Expression.

Introdução

Antes de tudo, esse é o trabalho de um grupo. Esse grupo é formado por pessoas que trabalham e pesquisam no Ambulatório Transcender em Santa Maria, um serviço público, vinculado ao SUS e dedicado à comunidade LGBTQ+. Entre as muitas atividades oferecidas, esse espaço faz encaminhamentos para o processo de hormonização em um outro local, na mesma cidade, o Hospital Casa de Saúde. Neste encaminhamento, os usuários são orientados sobre o processo de hormonização para a transição de gênero. Porém, esse momento de encontro também serve como um espaço terapêuti-

co para repensar o seu próprio desejo sobre o processo, a imagem sobre o próprio corpo e qual papel terá a hormonização dentro da vida dessa pessoa. Todos se autodenominam com uma identidade “transgênero/transexual”⁸ e muitos apresentam também uma disforia (um sofrimento intenso) pela discrepância entre o gênero com o qual se identificam e o gênero designado ao nascimento, além das dificuldades relacionadas com a presença ou ausência de marcadores de gênero que possuem até então. Esse é um ponto delicado do processo, um momento de acolhimento e de reflexão sobre si, seu corpo e seu futuro imaginado. Nesse momento, através de uma técnica de representação do imaginário em uma expressão gráfica, via desenho, a pessoa pode refletir o que é fonte de sofrimento e o quanto, dentro do real, o processo de hormonização vai, realmente, mudar e ajudar o seu processo identitário.

Esse grupo de trabalho se dedica a pensar, através da catalogação desses dados, uma forma de perceber o que o sujeito busca, expressa e imagina sobre si e sobre o seu corpo. A partir dos dados coletados, iniciamos um processo de reflexão, de revitalização de conceitos psicanalíticos à luz de elementos que se repetem.

As teorias de Winnicott nos remetem a pensar fragmentos deste processo. Partindo de uma prática cotidiana com essas pessoas, que buscam um processo singular de construção ou reconstrução identitária, a Psicanálise de Winnicott se mostrou fundamental na busca de sentido e humanização do processo e do trabalho realizado. Foram necessárias muitas buscas conceituais para construir a possibilidade de entendimento desse fenômeno atual e ainda desconhecido na sua complexidade. A escrita que segue não quer apenas fazer um encaixe teoria-prática-vivência, mas sim estabelecer novas perguntas ao processo e à teoria. Não nos cabe criticar ou patologizar o processo, mas sim, estabelecer uma rede teórica que possa sustentar a complexidade desse fenômeno.

8 - Transgênero: Pessoas que não se reconhecem na identidade de gênero designada ao nascer. Transexuais: Pessoas que desejam uma intervenção corporal para adequar o sexo de origem à sua identidade de gênero (Coutinho Jorge, 2018).

Optamos por construir nesta escrita a sequência de questionamentos que vivenciamos como grupo e como estudiosos da Psicanálise. Em alguns pontos teóricos avançamos um pouco mais, em outros ainda estamos em aprofundamento. Corremos assim, o risco de formular um pensamento ou um questionamento incompleto sobre os pontos visíveis nesses processos.

Identidade de gênero

Iniciamos abordando a Identidade de Gênero como um conceito que, embora já tenha sido apresentado por Freud, passou por uma releitura contemporânea e politizada. A ideia de identidade postulada por Freud frente ao Complexo de Édipo, tinha como final desse processo o herdeiro Superego. Ou seja, segundo Freud (1925), o desenvolvimento do menino atinge seu acme em sua fase fálica, e o complexo edipiano minguia ao passar pela angústia de castração. Sua bissexualidade psíquica é, por assim dizer, ambígua, pois nesse processo se faz ativo e passivo, ao se identificar com o pai e desejar a mãe, tendo um papel ativo, ao se identificar com o pai, performando o que virá chamar de masculinidade. E se colocar em um papel, ou melhor, numa atitude “feminina”, se identificando com a mãe (Freud, 1996).

A Jornada da menina tem um duplo trabalho, ao ser “obrigada” a mudar seu objeto de desejo. Para Freud (1925), ambos, menino e menina tem a mãe como o primeiro objeto de amor, porém, ao passar pelo complexo de Édipo, a menina identifica-se com sua mãe ao notar sua semelhança com o sexo feminino e o lugar de prestígio performado pelo masculino através da posse do falo.

Freud nos apontou o caminho, mas hoje, pensamos o processo de forma ampliada, desvinculando o corpo da identidade de gênero e da orientação sexual como elementos a priori. Esses elementos tornam-se presentes e interligados, mas não mais estabelecidos unicamente pelo corpo físico ou sexo biológico.

De forma didática e simplificada, podemos demonstrar no quadro abaixo essa organização identitária que envolve vários elementos na sua manifestação ou expressão final dessa construção. Os elementos que compõem a estruturação da sexualidade passam pelo corpo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual. Esses elementos interligados e interagindo entre si, se fundem na expressão final de cada pessoa. Assim, esses elementos aqui didaticamente separados, formam um mosaico único que constitui cada ser humano.

Construção da sexualidade

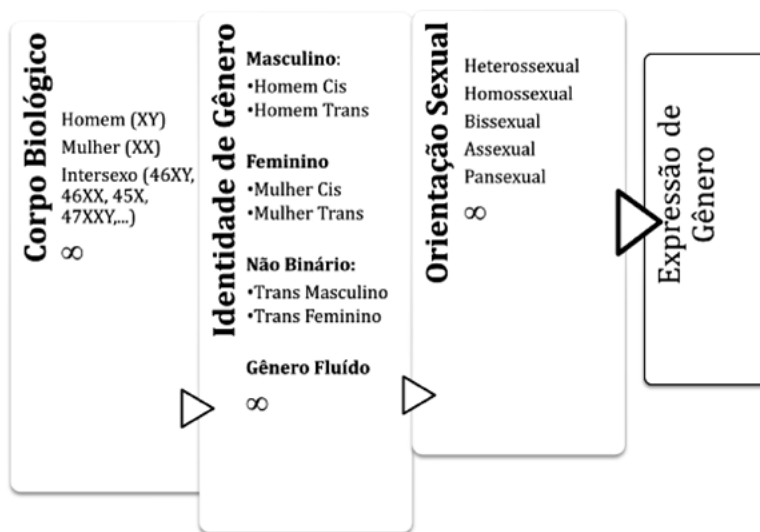


Tabela para fins Didáticos elaborada pelo @ambulatoriotranscender
Símbolo “∞” representa as infinitas possibilidades de manifestações

Além das construções identitárias, estruturais e inconscientes, hoje percebemos que essas organizações psíquicas apresentam muitas formas de expressão. Chamamos “expressão de gênero” esse trânsito manifesto, visível nas interações da nossa construção subjetiva. Podemos ver no social uma modificação na concepção de papéis sociais, de vestimentas,

de escolhas de vida. Essa expressão nos mostra o espectro de possibilidades e de roupagens sociais e constitutivas que podemos encontrar para nos manifestarmos no mundo.

Segundo Hoff (2021), a constituição psicosssexual reflete o papel do desejo do ambiente, na forma de cultura, do social, representada pela figura materna. A forma como o sujeito se reconhece, a identidade sexual e o equivalente lugar que ocupa com relação a seus amores não são definidos pelo corpo biológico, e sim por sua posição subjetiva, constituída a partir das origens do sujeito psíquico e dos destinos de sua constituição. Olhar para o ambiente formativo dessa pessoa dentro do contexto social, determina que o ambiente reflita e exija nas relações iniciais, posturas sociais previamente estabelecidas. Para a autora, “o bebê fica entregue aos movimentos pulsionais de quem lhe cuida ao exercer os cuidados primordiais” (Hoff, 2021).

Hormonização

A hormonização é um processo de escolha de modificação do corpo visando a adequação da expressão de gênero. Imaginamos que seja um processo que pode estabelecer uma consolidação da identidade como uma intensificação da “expressão de gênero”, ou seja, a forma como cada um quer expressar a sua própria identidade e como quer ser reconhecido pelos outros.

No quadro anterior, o processo de hormonização é a posteriori da formação identitária, um processo que fortalece a identidade prévia sem negar o corpo e suas dissonâncias, ampliando a expressão dessa identidade na relação com o outro. A identidade precede o corpo. O corpo ou o soma de qualquer pessoa, é o depositário visível das construções psíquicas de cada um (Donald Winnicott, 2022). Como vivem, suas escolhas, suas vestimentas, sua forma de obter prazer é um mapa, um registro histórico das relações primárias e como elas sobreviveram ou amadureceram frente ao ambiente.

Como muitos achados em pesquisa, o que nos sinaliza o direcionamento dos processos estruturantes são as suas dissonâncias, são aqueles momentos em que o esperado não acontece e, pelo seu avesso, começamos a compreender as múltiplas formas de construção possível e impossível. Esse achado é notado quando, mesmo sem uma identidade claramente estabelecida, o corpo é utilizado como um elemento propulsor na busca de uma identidade. O processo de harmonização inicia com o pedido explícito de modificação corporal pela via química, com o objetivo de sustentar elementos dessa identidade. Esse pedido possui várias falas com justificativas diversas, mas que nos remetem a essa angústia latejante. Escutamos frases como *“quando eu tiver seios, as pessoas vão ter que aceitar”*; *“quando eu tiver barba, não terei problema com os outros porque eles verão que sou homem”*; *“se eu retirar os seios não terei mais problemas”*;

Esses pedidos, dentro do campo psicanalítico, expressam a angústia subjacente no momento de vida daquela pessoa. A fala manifesta se conecta com uma expectativa, uma frustração ou um desejo que nos sinaliza sobre a busca de uma vivência integrativa dentro daquela condição humana.

Partindo dessas experiências, escutando os sentimentos de angústia em cada uma das pessoas, iniciamos um processo de questionamento sobre etapas mais remotas dessa configuração e quais os elementos que poderiam estar engendrados nessa constituição. O nosso direcionamento de pesquisa não está voltado para a configuração dos processos identitários, mas sim para o sofrimento subjacente que desemboca nessa configuração singular que tem no hormônio químico, o representante de uma busca de sentido.

Tempo de amadurecimento: o corpo e o soma

Partindo disso, como pensar esse processo, esse olhar sobre o corpo, essa construção simbólica tão diferente?

Iniciamos ressaltando que nosso intuito é observar um

fenômeno que tem sido recorrente nos nossos consultórios e lugares de escuta e, a partir dele, identificar pontos de uma organização subjacente a essa construção. Não se trata de um conserto, mas de um mapa do processo de amadurecimento. Não estamos questionando o processo de transição ou o uso de hormônios, mas sim, qual lugar ocupa essa etapa nas mais diversas possibilidades de expressão de gênero.

Há muito a amadurecer sobre a teoria psicanalítica neste confronto com os fenômenos identitários. Nossa velha roupa colorida, que ainda nos serve, precisa de novas conexões para pensar as múltiplas formas que o inconsciente tem de se exprimir. Freud repensou as históricas em sua época, retirando-as da passividade feminina na mão de Charcot (Guedes & Amaral, 2021), então cabe a nós pensarmos o espectro transgênero na atualidade a partir de uma ótica psicanalítica.

Para iniciar, retomemos os caminhos já apontados anteriormente. Como ponto de partida concordamos que, *“o soma precede o psiquismo”* (Donald Winnicott, 2021). Os registros corpóreos recebem a partir do holding materno os registros psíquicos iniciais. Segue o autor dizendo que (D. Winnicott, 1990) *“as funções somáticas têm como função mais importante a interligação das experiências passadas, com a consciência do momento e as expectativas para o futuro”* (p. 27).

Em “Desenvolvimento Emocional Primitivo” (Donald Winnicott, 2021) que as experiências primitivas são o que integram essa personalidade. Um conjunto maior de experiências saudáveis auxilia na integração do ego e na “personalização”, evitando a dissociação do sujeito com o psiquismo e o seu corpo. Esse processo, naturalmente, gera um quantum de ansiedade. Essa ansiedade serve como sinalizador do conflito. Quando o conflito inicia um processo de integração, ou seja, de inclusão dos elementos complexos que envolvem o problema, a ansiedade dá lugar à culpa. A presença da culpa nos sinaliza a integração do objeto. Que fique claro que a culpa aqui descrita não é o ato do massacre superegótico, mas sim,

a integração de elementos psíquicos que permitem reavaliar a situação e ampliar o amadurecimento do ego. Essa situação de amadurecimento do ego permitiria uma conciliação do ego com o superego, a possibilidade de amor e ódio coexistentes (Donald Winnicott, 2022). Esse processo importante no desenvolvimento nos estabelece um questionamento sobre as possíveis relações entre ego e superego. O sentimento de continuidade do ser, que é uma condição integrativa para os seres humanos, busca estabelecer uma conexão espontânea e ininterrupta entre soma e psiquê (Malgarin, 2021). Para a coexistência entre essas esferas do desenvolvimento, a presença de um elemento real (como a hormonização) seria a busca de uma aproximação na vivência desse processo?

A fantasia infantil auxilia a criança a costurar imagens e afetos para compreender, ao seu modo singular, a dualidade do ambiente em que está inserida. Em muitos casos, quando a ansiedade não é explícita no mundo externo, encontra no soma uma forma de se expressar. Nos processos psicossomáticos ela se espalha pelo corpo, e (nos questionamos se), na disforia, ela se localiza sobre os marcadores sociais de gênero: peito e genitais em sua maioria.

O que nos chama a atenção é o quanto a disforia pode estar localizada em aspectos tão específicos do corpo. É como se o corpo fosse depositário do mal-estar estabelecido em outras instâncias da vida. O que se destaca, desse modo, são os processos que acontecem a partir do corpo. Neste raciocínio, a hormonização buscaria uma nova reordenação desse sofrimento inicial, uma tentativa de minimizar registros de maior sofrimento advindo de períodos iniciais. Essa busca nos sinalizaria um direcionamento para as relações iniciais e as fissuras advindas desde os processos iniciais das relações da criança com o seu ambiente.

O que buscam aqueles que exigem uma mudança física para uma afirmação do gênero que ainda é sentida como insuficiente? Quais registros – ou ausência deles – demandam

uma libidinização via hormônio? Ali onde a relação com o ambiente faltou, o que pode um hormônio fazer? Seria a ideia da hormonização o holding faltante? Nosso raciocínio coaduna com Winnicott quando ele afirma que os mecanismos projetivos servem para o ato de notar o que está ali, mas não constituem o motivo pelo qual o objeto está ali (Donald Winnicott, 2019). Não buscamos uma relação direta entre falha básica primária, a ansiedade decorrente e uso de hormônio, mas sim, as sustentações para compreender esse fenômeno apenas como uma forma de reorganização frente ao ambiente atual.

O corpo em transição e seu amadurecimento: alguns questionamentos teóricos que instigam

1 - O Eu e o Meu:

Para pensar isso, trilhamos alguns caminhos na obra de Winnicott. O primeiro diz respeito ao conceito de objeto. Ao falar sobre a agressividade em relação ao desenvolvimento emocional (Donald Winnicott, 2021) a teoria referenda que na separação Eu e Não-Eu, o componente agressivo é que conduzirá o indivíduo a um não-eu que será sentido como externo.

O que nos questionamos neste momento, com uma percepção voltada para a condição disfórica que na vida adulta exige uma hormonização, é como se estabeleceram as experiências ao longo da infância inicial? Esse processo poderia ocorrer não na sua forma radical “Eu ou Não-eu”, mas talvez, através de um deslocamento deste elemento agressivo para um estágio intermediário que repousaria sobre o corpo: uma condição de “Eu e Não-**Meu**”! Como se os órgãos representativos de uma posição social e relacional contivessem pulsões agressivas insuficientemente erotizadas ou acolhidas nos processos naturais iniciais. Neste caso, o sujeito conseguiria adentrar o ambiente externo deixando localizado em uma

parte do seu corpo as incongruências e impossibilidades simbólicas do seu amadurecimento.

2 - Fenômeno de Transição:

Para André Green (Furieri Paes & Maria Abu-Jamra Zornig, 2018; Green, 2010), que muito bebeu da obra de Winnicott, o brincar está no limite da realidade interna e externa. Na obra de Freud, encontramos em “A Negativa” (Die Verneinung) a construção do Eu-Realidade, que se desenvolve a partir de um Eu-Prazer (Freud, 2007). Freud afirma que aquilo que se apresenta na realidade está conectado com elementos inconscientes. A negação de um objeto psíquico é a confirmação constante da sua presença. Neste caso, das falhas primárias e seu sofrimento constitutivo. Para Green (2010), o sujeito pode estabelecer relações com o objeto e, também, começar a representar a sua ausência. Esse direcionamento nos faz pensar na possibilidade de ausência-presença que esse sofrimento reflete. Localizado no objeto disfórico do corpo, a representação de ausência seria um reflexo constante da insuficiência materna. O pedaço de corpo que gera sofrimento careceria de ilusão, de um espaço criativo de religação entre o sujeito e a experiência de maternagem saudável. Em sua negação constante, e no caso da hormonização, essa poderia ser uma forma de modificar, soterrar, mas sem elaborar. Essa seria uma possibilidade para um jogo ilusório que permitiria uma vivência atual em busca da elaboração da falha inicial.

3 - O lugar da sexualidade no corpo

Corpo físico é um lugar, porém imagem corporal é um contexto. No texto “A mente localizada na cabeça” (Donald Winnicott, 2021), questiona a ideia de que mente estaria na cabeça e refuta a ideia de que o cérebro é o centro da mente. De forma análoga, pensamos que há um terceiro (ou outros tantos) caminho para a expressão da sexualidade. Compactuamos com a ideia de que, para muitos dos que nos procuram,

a identidade está localizada (e controlada), imaginariamente, nos marcadores de gênero (como genitais, peitos, pelos ou silhuetas). Contudo, mesmo quando esse processo evolui em direção ao processo de hormonização e ao próprio uso dos hormônios, as angústias primárias sobre o aspecto do corpo não se dissipam, apesar de diminuírem. Isso nos mostra uma via constitucional da sexualidade mais ampla do que o próprio corpo, incluindo a autoimagem, os registros primitivos de afetos e o jogo ilusório sobre o corpo. Françoise Dolto nos remete a “imagem inconsciente do corpo”, referindo que o corpo, como o movimentamos e como nos apropriamos dele ao longo da vida, depende de relações primárias. Esse conceito nos permite reconectar soma e mente, indissociando um do outro (Dolto, 2017). Nesta perspectiva, o sofrimento do corpo e no corpo, que busca ser camuflado ou banido, é uma condição constitucional na formação do bebê. O ambiente tem no corpo do bebê e nas suas relações iniciais, um forte registro que se manterá por toda a vida e servirá como matriz para as relações futuras consigo e com o próprio corpo.

Conclusão

Se podemos estabelecer alguma conclusão sobre esta discussão, são meramente os tópicos de reflexão que nos instigam a conectar e aprofundar pontos dentro da teoria.

Qualquer constituição humana e as suas infinitas formas de expressão no campo do sexual e social são estabelecidas a partir das relações primárias, da capacidade de holding inicial pelo ambiente e seus representantes, assim como a condição de ilusão e desilusão permanente. No nosso foco de pesquisa, esses processos estão expressos nas relações com o corpo, com a imagem corporal e na busca de elementos que possam minimizar o impacto do sofrimento e da angústia presente, mas nem sempre consciente.

O que percebemos é que esses processos podem exigir um olhar mais delicado para o sofrimento subjacente e não

apenas para a manifestação externa ou algum método, como a hormonização, de revivência para a busca de uma relação mais harmoniosa, afetiva e integrativa com as partes do corpo e ou o conjunto delas frente ao ambiente.

Ressaltamos as inúmeras possibilidades que esse fenômeno da hormonização nos aponta dentro do campo psicanalítico, mais especificamente, na teoria de Winnicott. No campo clínico, isso deve se traduzir em cuidado, em respeito e delicadeza na busca de sentido para cada uma das pessoas que se conectam conosco com o intuito de se reposicionar no mundo, integrando suas falhas, assim como suas criativas potencialidades de se gerir e se movimentar no ambiente.

Referências

- Coutinho Jorge, M. A. (2018). **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência** (1a.). Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- Dolto, F. (2017). **A imagem inconsciente do corpo** (3ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2007). A Negativa. In **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**: Vol. III (p. 145–158). Rio de Janeiro: Imago.
- Furieri Paes, F., & Maria Abu-Jamra Zornig, S. (2018). **O brincar negativo na teoria de André Green**. Cadernos de Psicanálise (CPRJ), 40(39), 148–163.
- Green, A. (2010). **O trabalho negativo**. Porto Alegre: Artmed.
- Hoff, F. I. D. (2021). Relações entre gênero e sexualidade infantil. In J. Stona (Org.), *Relações de Gênero e Escutas Clínicas*. Salvador: Editora Devires.
- Malgarin, B. (2021). Amor no excesso, o avesso do cuidar: o mito do amor materno pela perspectiva winnicottiana. **Rabisco Revista de Psicanálise**, 11, 34–45.
- Winnicott, D. (1990). **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, Donald. (2019). **O brincar e a realidade** (Breno Longhi, trad.). São Paulo: Ubu Editora.

Winnicott, Donald. (2021). **Da pediatria à psicanálise** (Davy Bogolometz, trad.). São Paulo: Ubu Editora.

Winnicott, Donald. (2022). **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador** (Constantino Ortiz, trad.). São Paulo: Ubu Editora.

O ANALISTA SUFICIENTEMENTE BOM E A PROBLEMÁTICA DA BRANQUITUDE: REFLEXÕES PARA O EXERCÍCIO DE UMA ÉTICA DO CUIDADO¹

THE GOOD ENOUGH ANALYST AND THE
PROBLEMATIC OF WHITENESS:
THOUGHTS FOR THE EXERCISE OF
AN ETHICS OF CARE

Marina Reigado²

Resumo

O presente artigo propõe revisitar a função do analista suficientemente bom, considerando os possíveis impactos da branquitude na escuta clínica exercida por analistas brancos. Tal investigação mostra-se essencial para alertarmos sobre os efeitos iatrogênicos da branquitude na prática clínica analítica. Para tanto, será apresentado o conceito de branquitude, demonstrando como, apesar de sua aparente invisibilidade, ela se configura como “um ponto de vista”, tendo a ideia de raça, portanto, um papel fundante na constituição da identidade dos sujeitos brancos. Enfim, analisaremos o caso Mollie, apresentado por Winnicott, alertando sobre os eventuais efeitos da branquitude na capacidade de identificação cruzada, destacando a relevância do letramento racial na formação do analista.

Palavras-chave: Winnicott; branquitude; relações raciais; elaboração imaginativa;

1 - Texto fruto de estudos e pesquisas da autora que articula a teoria winnicottiana com autores contemporâneos.

2 - Psicóloga formada pela UFMG especialista em Teoria Psicanalítica pela mesma universidade. Iniciou os estudos em teoria winnicottiana em 2008 e é filiada ao IBPW (Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicott). É também a fundadora do “Pensando Winnicott”, espaço de estudos interessados na articulação da teoria winnicottiana com temas contemporâneos e atuais. Endereço: Rua Mato Grosso 800, sala 403. Santo Agostinho, BH/MG Endereço eletrônico: marina.reigado@gmail.com Telefone: 31 999672653

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 95-107	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	-----------	----------

Abstract

This article proposes to revisit the role of the “good enough” analyst, considering the possible impacts of whiteness on the clinical listening practiced by white analysts. Such inquiry is essential to raise awareness about the iatrogenic effects of whiteness in psychoanalytic clinical practice. To this end, the concept of whiteness will be presented, demonstrating how, despite its apparent invisibility, it operates as a “point of view,” with race playing a foundational role in shaping the identity of white subjects. Finally, we will analyze the case of Mollie, presented by Winnicott, to highlight the potential effects of whiteness on the analyst’s capacity for cross-identification and to emphasize the importance of racial literacy in the training of psychoanalysts.

Keywords: Winnicott; Whiteness; Race relations; Imaginative elaboration;

A ausência da temática do racismo nos estudos e teorias psicanalíticas têm se mostrado um empecilho para uma prática clínica atenta à complexidade desse sofrimento. Apesar de encontrarmos contribuições importantes de autores como Neusa Santos, Frantz Fanon, Virginia Bicudo, Lelia Gonzalez, entre outros, é relativamente recente o alcance dessas discussões no campo psicanalítico brasileiro.

Algumas investigações tem sido feitas na tentativa de aproximar o problema do racismo a partir de uma perspectiva winnicottiana (Guimarães e Podkameni, 2008; Guimarães e Podkameni, 2016; Luepnitz, 2017; Belo e Reigado, 2021; Laubender, 2024) mas ainda nos deparamos com um campo silencioso no que diz respeito à temática da branquitude e função do analista.

A ausência de pesquisas sobre o tema acarreta o risco de negligenciarmos, entre outros aspectos, os efeitos da branquitude tanto na produção teórica da psicanálise quanto na

prática clínica do analista winnicottiano.

Nesse sentido, parece importante que possamos retornar à função do analista suficientemente bom reconhecendo os possíveis impactos da branquitude na escuta clínica produzida por um analista branco. Essas investigações parecem fundamentais para enfrentarmos os efeitos iatrogênicos da branquitude na prática clínica analítica e suas consequências no campo de nossa produção teórica.

Por isso, sustentada pela ideia de uma ética winnicottiana do cuidado, pretendo aqui, tomar a noção de branquitude como eixo norteador da escrita, articulando-a com conceitos winnicottianos fundamentais no intuito de que eles possam nos auxiliar a pensar a branquitude como elemento constituinte da subjetividade e da personalidade do analista branco.

Tomo este ensaio como oportunidade para um debate que dê visibilidade à noção de branquitude dentro do campo winnicottiano, nos convocando a assumir, enquanto analistas brancos, a posição de responsabilidade que nos cabe no enfrentamento do silenciamento, do pacto narcísico e da negação que sustentam a manutenção do racismo e das desigualdades na clínica e no campo social.

Sobre a branquitude: Colocando o analista branco no centro do debate

Fanon (1980) já afirmava que a opressão e o racismo, próprios da estrutura de colonização, constituíram não apenas a subjetividade de sujeitos negros, mas também a dos brancos. Nesse caso, o racismo é apropriado em uma relação assimétrica resultando na constituição de identidades raciais brancas.

Diante disso, os estudos críticos da branquitude surgiram justamente denunciando a necessidade de se considerar o papel da identidade racial branca enquanto elemento ativo nas relações raciais em sociedades marcadas pelo colonialismo. A partir de então, o branco emergira como “objeto de aná-

lise” e parte fundamental na compreensão da dinâmica das relações raciais (Silva, 2017).

A pesquisadora, Lia Vainer Schucman (2012) apresenta o conceito de branquitude como a construção sócio-histórica que resulta, nas sociedades estruturadas pelo racismo, em uma posição em que os sujeitos identificados como brancos adquirem privilégios simbólicos e materiais em relação aos não brancos.

A branquitude inclui a preservação das hierarquias raciais por meio de pactos narcísicos, descritos por Maria Aparecida Bento (2002) como alianças inconscientes, caracterizadas pela negação do racismo, pela negação do problema racial, pelo silenciamento, pela interdição de negros em espaços de poder, pelo permanente esforço de exclusão moral, afetiva, econômica e política do negro no universo social.

Da mesma maneira que os marcadores de classe social e gênero, a branquitude se configuraria como “*um ponto de vista*” atuando diretamente na produção de subjetividades, engendrando, portanto, modos distintos de estar, agir e perceber o mundo (Schucman, 2012).

Cumprе ressaltar que os efeitos da branquitude na subjetividade não se restringem ao campo da consciência, se apresentando à sua revelia. Poderíamos dizer, que a branquitude se comportaria tal qual o inconsciente recalcado, escapando ao controle, à censura, ao recalque e à consciência.

Na companhia de Winnicott, poderíamos alertar sobre os possíveis efeitos da branquitude na constituição do self da pessoa branca tomando o conceito de elaboração imaginativa das funções corporais como norte importante nas discussões que versam sobre o tema. Partindo disso, retomamos a pergunta central deste ensaio: “*Quais seriam os seus efeitos ou possíveis impactos da branquitude sobre o analista suficientemente bom?*”

Retornemos então à teoria winnicottiana e pensemos a questão na companhia do autor.

Pensando a branquitude na companhia de Winnicott

Recorro aqui, à breve discussão de um caso apresentado por Winnicott no texto *“Sobre as bases para o self no corpo”* de 1970, artigo em que Winnicott recorre à exemplos clínicos de crianças portadoras de anormalidades ou deficiências físicas para investigar os efeitos dessas experiências corporais sob a constituição do *self*.

O caso a que me refiro é a vinheta clínica do atendimento de Mollie, uma menina de 08 anos, negra, adotada com um ano, por uma família inglesa branca. Desde sua adoção, havia nascido um irmão com quem a menina estabeleceu uma constante perseguição, o que estava produzindo efeitos danosos para o menino. Após a consulta num centro de orientação, foi sugerido à mãe que Mollie fosse encaminhada para uma escola interna. A mãe, *“horrorizada”* com a indicação, recorre à Winnicott em busca de ajuda.

Mollie revelava, por meio de desenhos e rabiscos, os ataques que recebia na escola por ser uma menina adotada - *“Porca adotada”* (Winnicott, 1970/1994, p. 217) - além de expressar o *desejo*³ em ser branca - *“Oh, como eu queria ser branca”* (Winnicott, 1970/1994, p. 217).

Em outra oportunidade, o caso pôde ser discutido em mais detalhes (Belo e Reigado, 2021) mas me concentro agora nos aspectos que podem contribuir para a discussão que pretendo neste ensaio.

Chama atenção que, curiosamente, em meio aos casos apresentados, Mollie seja o único relato, entre todos os outros, onde não há referência à qualquer deficiência ou deformidade física. Pelo contrário, Mollie é descrita como uma

3 - O termo utilizado aqui mereceria desdobramentos e questionamento que não poderão ser realizados nessa oportunidade. Enquanto Winnicott compreende a fala de Mollie como um desejo, fruto de sua organização psíquica e modo de se fazer pertencente à família adotiva, propusemos, em outra oportunidade, que pudéssemos compreender o desejo de ser branca como um efeito do ambiente profundamente marcado pela lógica colonial, onde o negro introjeta o branco como um ideal, algo mais próximo à identificação com o agressor (Belo e Reigado, 2021)

menina perfeitamente saudável. Sua dificuldade, no entanto, provinha do fato de ela estar às voltas com a *descoberta* de sua cor de pele negra.

Vale retomar que o ponto central deste artigo é a tese, defendida por Winnicott, de que as experiências corporais de toda ordem — as funções fisiológicas, as sensações, a forma física — são elaboradas imaginativamente, constituindo um longo processo de personalização que ocorre juntamente com o sentimento crescente de ‘habitar’ o soma (Laurentiis, 2016).¹⁵ Ao fazer referência ao conceito de elaboração imaginativa das funções corporais Winnicott está, justamente, destacando que o processo pessoal de apropriação das experiências corpóreas conta não apenas com o soma, o corpo vivo, mas também com os elementos fornecidos a partir do suporte ambiental disponibilizado.

Neste sentido, Winnicott apontará que a associação entre o corpo físico e a constituição das bases para o *self* não se dá de forma direta ou óbvia, muito menos se restringe apenas às características físicas do corpo. Para Winnicott, a saúde do *self* dependerá fundamentalmente de que, antes da percepção de qualquer diferença ou anormalidade, a criança seja mantida protegida desses elementos e dados externos, sendo aceita e amada como ela é.

Em outros termos, Winnicott sugere que a criança seja mantida num estado de onipotência, onde não seja necessário tomar consciência de sua condição como uma deficiência ou defeito. Por isso, muitas anormalidades físicas não são sentidas como tais desde o início: “*na realidade o bebê tende a presumir que o que se acha lá é normal. Normal é o que está lá*” (Winnicott, 1970/1994, p. 209). Dessa forma, mesmo um bebê que apresente alguma deformação ou deficiência poderá crescer e transformar-se em um bebê sadio e saudável em termos emocionais.

Na contramão disso, uma criança saudável fisicamente, como era o caso de Mollie, poderá, ainda assim, apresentar as-

pectos adoecidos em termos de *self* em virtude do modo como lhe foi apresentado o próprio corpo. Nas palavras de Winnicott: “*Distorções podem provir de distorções na atitude daqueles que cuidam da criança*” (Winnicott, 1970/1994, p. 210). Nesse sentido, o autor parece estar em plena consonância com a ideia apresentada por Kilomba (2019):¹⁶ “*Mesmo antes de uma criança negra ter lançado o olhar para uma pessoa branca, ela já foi bombardeada com a mensagem de que a branquitude é tanto a norma quanto superior*” (p. 154).

Apesar das intuições do autor, sua análise do caso, atribui às dificuldades de Mollie à experiência de adoção e a percepção da diferença de sua cor de pele em relação à família adotiva. Nas palavras do autor (Winnicott, 1970/1994, p. 217), o sofrimento da menina “*Tinha a ver com o fato de ela ter vindo a perceber que tem pele escura (seus pais reais sendo etnologicamente africanos)*, enquanto que a família que a adotara era inglesa e de pele clara”. Nesse caso, a cor de pele, se constituiria como um marcador físico de sua estrangeiridade que comunicava à Mollie, e também aos outros, seu não pertencimento como membro biológico da família adotiva.

No entanto, o sofrimento apresentado por Mollie não parece ser suficientemente compreendido apenas pela experiência de adoção e da consequente percepção da diferença da cor de pele (Belo e Reigado, 2021). Neste ponto, o caso parece revelar o que há de mais potente no artigo: o reconhecimento de que as bases do *self* se originam a partir da elaboração do corpo, do soma, não apenas objetivamente percebido - a forma física em sua concretude - mas especialmente em como esse corpo é visto, reconhecido e apresentado para a criança pelo ambiente em que ela está inserida. Este parece um aspecto importante para pensarmos os efeitos precoces do racismo e o seu impacto sobre a elaboração imaginativa do corpo.

Apesar das intuições, parece ter faltado à Winnicott uma leitura do caso que considerasse esses aspectos. Certamente, o trabalho de letramento racial expandiria o campo de

compreensão do autor, e, portanto, dos cuidados possíveis e necessários. Certamente, considerar a branquitude revelaria “pontos cegos” que nos ajudariam a pensar a presença do analista, sua contratransferência assim como os caminhos de construção do caso. Diante disso, nos perguntaríamos: “*Quais seriam os efeitos clínicos se Winnicott tivesse considerado o racismo na análise do caso Mollie?*” (Belo e Reigado, 2021).

Dessa forma, parece importante retomar o caso Mollie não apenas para reconhecer os efeitos da elaboração imaginativa da pele negra na constituição do *self* mas também para considerarmos a repercussão da elaboração da pele branca do analista, pensando como a sua presença e personalidade serão atravessadas pela branquitude.

Com isso, recorreremos a vinheta clínica de Winnicott como alerta de que, mesmo o mais sensíveis dos analistas, não está assegurado de suas falhas, nem protegidos de seu daltonismo, apesar de suas intuições clínicas certeiras.

Pensando com Winnicott: conceitos que nos permitem novas construções

O tema da branquitude não era alvo das investigações de Winnicott e nem esperaríamos que fosse. Desse modo, longe de apontar falhas, cabe a nós, analistas dedicados ao estudo da obra do autor, empreender um trabalho de costura e construção, a partir dos conceitos que herdamos, colocando a teoria winnicottiana para pensar os problemas de nosso tempo.

Com isso, ainda que Winnicott não trate do tema da branquitude, o autor não ignora o risco de que certos aspectos interfiram na capacidade do analista se identificar com seus pacientes. Em texto de 1967 ele nos alerta que “*Um grau de maturidade pessoal realmente é necessário neste trabalho, assim como uma ausência de inclinações, tendências e afiliações.*” (1967a/1997, pp. 216-217).

Vemos então que o autor reconhece a importância de uma certa vigilância do analista em relação às suas propensões. Nesse sentido, poderíamos nos perguntar se não seria, a

branquitude, um desses aspectos que exigem do analista cuidado e enfrentamento em direção à uma desconstrução.⁴

Em artigo de 2020 Goedert destaca a importância do analista tomar consciência do racismo na contratransferência. Segundo o autor, isso poderia ajudar a minimizar as hostilidades perpetuadas pelo clínico, tornando-o menos inclinado a interpretar mal as experiências dos pacientes permitindo-o, também, redirecionar suas intervenções, considerando a sua visão racializada e equivocada dos pacientes. Nas palavras do autor:

Podemos tolerar desconfortos associados aos nossos preconceitos de não sermos influenciados por eles e desviar-se de outros conflitos dos pacientes. Nossas instituições, treinamento, análises pessoais ou nossas diádes de tratamento devem trabalhar para analisar o racismo consciente e inconsciente. Esses esforços irão idealmente, promover um maior crescimento em nós mesmos, em nossos pacientes e em nossas comunidades. (Goedert, 2020, p. 739).

A fala de Goedert (2020) parece nos alertar para a importância de um trabalho empreendido pelo próprio analista, na sua formação e na sua análise pessoal, que o permita alcançar uma escuta suficientemente boa, do paciente e de si mesmo.

Winnicott apontava que a condição de escuta clínica do analista estava relacionada à sua capacidade de alcançar *identificações cruzadas*. O conceito, criado pelo autor, é um indicativo de saúde e diz respeito à capacidade do indivíduo de entrar, imaginativamente e, ainda assim, acuradamente, nos pensamentos, sentimentos, esperanças e medos de uma outra pessoa. Assim, segundo Dias (2021):

4 Concordo aqui com Apolonio e Verztman (2021), de que a ideia de “desconstrução” de aspectos da racialidade do analista está longe de apontar para um possível esgotamento. Em sintonia com os autores, defendo “uma postura ‘suficientemente atenta’ para esses aspectos que fazem parte da vida psíquica de todos os brasileiros e brasileiras” (p.51)

Pela identificação, o terapeuta é capaz de *se pôr na pele* do paciente, sem, contudo, abandonar seu eu, ou seja, a posição a partir da qual ele mesmo vive e exerce seu ofício. Pela identificação cruzada, ele permite, além disso, ao paciente já mais amadurecido, que este se identifique com ele, terapeuta, e veja nele coisas que lhe dizem respeito (ao paciente). É pela identificação que o terapeuta é capaz de entender as necessidades do paciente, mesmo quando estas não são claramente enunciadas, como ocorre numa comunicação silenciosa. (Dias, 2021, p. 49. Grifo meu)

A citação acima revela algo interessante: a capacidade de identificação cruzada implica a capacidade de colocar-se *na pele do outro*, e essa não me parece uma expressão corriqueira. Ela revela o lugar central da pele como invólucro e membrana que permite, ao mesmo tempo, diferenciação do meio e possibilidade de contato.

Se adicionarmos à leitura do conceito de identificação cruzada, a noção de branquitude, poderíamos nos perguntar, se nós, analistas brancos, nos sentiríamos aptos a afirmar nossa capacidade de nos identificarmos com um paciente negro, sem antes enfrentarmos a invisibilidade e os efeitos da branquitude em nossa própria identidade.

A ideia de um enfrentamento em direção à desconstrução da branquitude compreende uma reformulação dos modos de ver e pensar o mundo, a si mesmo e os outros, a partir de um engajamento teórico e comprometido nos estudos e nas discussões étnico-raciais. Estes nos parecem, portanto, o início e o estopim de um processo profundo que incluirá uma certa modificação na identidade da pessoa branca. Não à toa, Apolonio e Verztman (2021) descrevem essa experiência como a “*branquitude em ruínas*” apontando um processo que incluiria “*abrir mão de parte decisiva de si mesmo*”. Nas palavras dos autores:

Neste momento de regressão, os sujeitos fazem uma travessia por aspectos que compõem a branquitude. Passam a racializar as dimensões da sua vida psíquica tais como as suas posições socioeconômicas, suas orientações sexuais e de identidade de gênero, bem como o conjunto de marcadores sociais que os constituem. (Apolonio e Verztman, 2021, p.50)

Na companhia de Winnicott, poderíamos pensar que esse processo certamente colocaria o analista diante da tarefa de elaborar o próprio corpo, a pele e seus sentidos múltiplos, agora mais consciente do impacto da branquitude na sua constituição. Isso parece implicar o analista na elaboração de uma pele e de um corpo que lhe permita experimentar novos limites abrindo espaço para existências diversas e para o exercício da alteridade.

Conclusão

Parte importante do processo de decolonização da teoria psicanalítica inclui encarar o tema da branquitude investigando os seus efeitos na análise e na formação do analista.

A breve articulação apresentada neste ensaio entre a noção de branquitude e a teoria winnicottiana, em especial a partir dos conceitos de elaboração imaginativa das funções corporais e de identificação cruzada, buscou apontar a importância de levarmos em frente estudos que considerem esses aspectos na prática clínica e na formação de analistas brancos.

Nesse sentido, é fundamental que uma psicanálise que se pretende antirracista, retome a ideia de analista suficientemente bom se interrogando sobre os possíveis efeitos da branquitude na escuta clínica de um analista branco.

Assim, a prática psicanalítica enraizada em território brasileiro e comprometida com a ética do cuidado, exige que os analistas brancos possam encarar o próprio processo de racialização, sustentando o desconforto que é resultado desse enfrentamento e se engajando na direção de uma desconstrução.

Certamente ao longo desse trabalho de enfrentamento iremos nos deparar com a constatação de um certo falseamento que funda e organiza o mundo branco, e nos daremos conta do silenciamento, do apagamento, das violências do qual somos herdeiros e beneficiários.

Precisaremos também lidar com a tarefa de elaboração do corpo disparada pelo processo de racialização indo além da culpa e buscando modos de instaurar a reparação, colocando-nos não como salvadores ou protagonistas, mas assumindo a parte que nos cabe no processo de transformação.

Concluo, apontando que a trama complexa do racismo à brasileira exige o esforço cotidiano que não se esgota apenas em nível individual. Manter a discussão no âmbito particular de cada analista é postergar e evitar a constatação de que problemas complexos e estruturais como o racismo só serão seriamente combatidos se nos mobilizarmos coletivamente, inclusive por meio de nossos espaços de estudo e formação.

Referências

APOLONIO, G. S. e VERZTMAN, J. S. (2022). **Hipocrisia do analista e branquitude: os limites da analisabilidade na formação de psicanalistas no Brasil**. Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 44 n. 46, p. 35-53, jan./jun.

BELO, F. R e REIGADO, M.R. (2022). Winnicott e o Caso Mollie: considerações a partir da temática do racismo. In: A psicanálise na encruzilhada. **Desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil**. Hucitec Editora: São Paulo- Porto Alegre, 2021.

BENTO, M.A. **O Pacto da branquitude**. Companhia das Letras: São Pulo, 2022

DIAS, E.O. (2021). **As competências do analista winnciottiano**. Dww editorial: São Paulo. 2021.

FANON, Franz. (2008) **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Fator

GOEDERT, Mead (2020). **Racism in the Countertransference, The Psychoanalytic Quarterly**, 89:4, 715-740, DOI: <https://doi.org/10.1080/00332828.2020.1805270>

- GUIMARÃES, M. A. C.; PODKAMENI, A. B. (2016) **Espaço potencial, população negra e sofrimento psíquico**. TRIEB ; 15(1/2): 255-267, 2016.
- GUIMARÃES, M. A. C.; PODKAMENI, A. B. (2008) **A rede de sustentação coletiva, espaço potencial e resgate identitário: projeto mãe-criadeira**. Saúde Soc ; 17(1): 117-130, jan.-mar. 2008.
- GUERRA, A. M. C. (2020). **O Papel da Psicanálise na Desconstrução do Racismo à Brasileira**. Rev. Subj. vol.20 no.spe2 Fortaleza 2020. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iesp2.e9547>
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódio do racismo cotidiano**. Cobogó: São Paulo. 2019
- LAURENTIIS, V. (2016). **Corpo e Psicossomática em Winnicott**. São Paulo: DWW Editorial.
- LAUBENDER, Carolyn. **The Political Clinic: Psychoanalysis and social change in the twentieth century**. Columbia University Press.
- LUEPNITZ, Deborah Anna. (2017). **The name of the Piggle: Reconsidering Winnicott's Classic case in light of some conversation with the adult Gabrielle**. Internacional Journal of Psychoanalysis 98.343-370.
- NOGUEIRA, S. G. (2013b). **Ideologia da supremacia racial branca: processos de colonização e descolonização**. Revista Psicologia e Sociedade, 25(spe), 23-32.
- SCHUCMAN, Lia Vainer (2012). **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- SILVA, P. E (2017) O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. Em: Branquitude: **Estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris.
- WINNICOTT, D.W. (1967). A associação de psicologia e psiquiatria infantil observada como um fenômeno de grupo. In: Winnicott, D.W. (1997). **Pensando sobre crianças**. Porto Alegre, RS: ArtMed. pp. 205-219.
- WINNICOTT, D.W. (1970). Sobre as bases para o self no corpo. In: Winnicott, D.W. (1994/1989). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre, RS: ArtMed. pp. 203-218.

MAR ... MAREMOTO ... PERFORMANDO CONTRA A VIOLÊNCIA E A CISHETERONORMATIVIDADE¹

“MAR... MAREMOTO...”
PERFORMING AGAINST VIOLENCE
AND CISHETERONORMATIVITY

Ana Leal Zanchet²

Resumo

Neste trabalho, apresentamos relato de um recorte da prática clínica baseada no atendimento de um adolescente, aqui denominada Mar, que se identifica como uma pessoa não-binária e homossexual, que amadureceu sem poder experimentar um ambiente suficientemente bom. Na infância, a imposição de limites rígidos ocorria através de violência física e psicológica. Seu corpo passou a denunciar as violências sofridas e desenvolveu lúpus sistêmico. Durante a adolescência, sua performatividade andrógina não foi inicialmente aceita pelos familiares, mas, gradativamente, sua mãe passou a entender a construção de sua identidade. Porém, seu pai nunca a compreendeu e os conflitos se intensificaram, levando-a a romper esse relacionamento. Após alguns episódios de autoagressão, Mar foi encaminhada à psicoterapia. Demonstrou alta capacidade narrativa e de simbolização, tendo desenvolvido um bom vínculo terapêutico. O *setting* winnicottiano foi importante para que a adolescente pudesse encontrar acolhimento e *holding* para elaborar as situações de violência intrafamiliar, bem como o preconceito enfrentado

1 - Trabalho derivado de atendimento clínico, sob supervisão de Dalva Alencar, apresentado no XVIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D.W. Winnicott.

2 - Psicóloga e psicoterapeuta em Natal/RN; membro do GWRN; bacharel em Ciências Biológicas e mestre e doutora em Ciências Naturais. Contato: 84-99108-1636; lealzan-
chet@gmail.com

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 108-116	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	------------	----------

cotidianamente na sociedade.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, cisheteronormatividade, adolescência, violência

Abstract

This work approaches a fragment of a clinical practice based on the care of an adolescent, herein called Mar, who identifies himself as a non-binary and homosexual person. Mar grew up without being able to experience a good enough environment, since strict limits were imposed through physical and psychological violence in his childhood. His body then began to denounce the violence he had suffered and Mar developed systemic lupus. During adolescence, his androgynous performativity was not initially accepted by his family, but gradually his mother came to understand the construction of his identity. However, his father never understood him and the conflicts intensified, leading Mar to break off the relationship. After a few episodes of self-harm, Mar was referred to psychotherapy. He showed a high capacity for narrative and symbolization and developed a good therapeutic bond. The Winnicottian setting was important so that the teenager could find support and holding to work through the situations of violence within the family, as well as the prejudice she faced on a daily basis in society.

Keywords: gender, sexuality, cisheteronormativity, adolescence, violence

Estava mais familiarizado com os buracos que se abrem aonde o amor não chega. Já tinha estado em buracos rasos e profundos e era capaz de apontar uma infinidade de coisas feitas para preencher esses espaços. Pode-se tentar cobrir alguns até a superfície e eventualmente ter sucesso nisso. Ou cair buraco adentro indefinidamente. Pode-se passar uma vida inteira sem fazer outra coisa além de cavar e cair. (Sawitzki, 2022, p. 168)

Embora as possibilidades de subjetivação sejam numerosas, incluindo aspectos relacionados à sexualidade, gênero e escolha de objeto (Ceccarelli, 2017), a sociedade contemporânea ainda é amplamente cisheteronormativa, levando as pessoas LGBTQIA+ a enfrentarem preconceitos e vivenciarem situações de violência. Neste trabalho, apresentamos relato de um recorte da prática clínica baseada no atendimento de Tamara, adolescente que se identifica como uma pessoa não-binária e homossexual, em sofrimento psíquico devido a questões de gênero e sexualidade, autoagressões e adoecimentos psicossomáticos. Do alto dos seus 16 anos, Mar, como prefere ser chamado, busca atendimento psicoterápico com receio de sua autodestrutividade. Já havia flertado com a ideia suicida na infância e na adolescência e recentemente havia iniciado um tratamento psiquiátrico.

Ao escrever sobre Mar, revisei dois romances cujas protagonistas são pessoas não binárias: Manu, uma mulher trans, de “Venco”, escrito por Manoela Sawitzki, e Klaus, uma pessoa intersexo, de “Uma fuga perfeita é sem volta”, de autoria de Marcia Tiburi. Ambas são personagens extremamente marcadas pelas violências sofridas dentro e fora de suas famílias. Elas se questionam sobre seus corpos e a forma como são vistas pelas pessoas com quem convivem, assim como sobre os muros impostos pela sociedade, como mencionado por Klaus: “Com o tempo, entendi que o poder não esvanece, enquanto, ao mesmo tempo, constrói muros invisíveis por todos os lados e que esses são os mais difíceis, senão impossíveis, de derrubar.” (Tiburi, 2016, p. 24).

Mar foi o primeiro filho de uma mãe jovem e inexperiente e um pai dependente químico e envolvido com atividades ilícitas, desenvolvendo-se sem poder experimentar um ambiente suficientemente bom. Sua mãe desejava seguir uma carreira na área de saúde, mas a gravidez não planejada e, posteriormente, a chegada de mais dois filhos, a fez abrir mão de planos pessoais e profissionais e assumir um relacionamento

instável com o pai de Mar, que se mostrava pouco acolhedor e até mesmo agressivo. Na infância de Mar, a imposição de limites rígidos ocorria através de violência física e psicológica. Seu corpo passou a denunciar as violências sofridas e Mar desenvolveu sintomas psicossomáticos, posteriormente identificados como pertencentes a um quadro de lúpus sistêmico, necessitando de tratamento contínuo e deixando marcas no seu corpo, muitas delas facilmente visíveis. Os relatos da mãe de Mar indicam que as frustrações e situações violentas vivenciadas nesse relacionamento, aliadas às suas próprias características pessoais, a impossibilitaram de desenvolver a preocupação materna primária nos cuidados de Mar. Para Winnicott (1975), diante de uma mãe incapaz de ser suficientemente boa, o bebê se desenvolve sem a capacidade de ser, e, portanto, sem uma identidade, ou com uma capacidade mutilada de ser. Assim, podem surgir adoecimentos psicossomáticos relacionados com a persistência da cisão na organização do ego do sujeito ou mesmo com dissociações múltiplas (Winnicott, 1989/1994). Mar frequentemente relata perceber-se fragmentado e preocupado com várias possibilidades de aniquilamento, como se estivesse enfrentando constantes maremotos, simbolizando a fragilidade do seu ego.

Durante sua infância, além da convivência com os sintomas psicossomáticos e as marcas corporais resultantes, Mar cresce em meio à acirrada disputa de seus pais na constituição de um núcleo familiar frágil, sendo seu desenvolvimento marcado por imposições cisheteronormativas, além de situações violentas. Dessa forma, Mar não parece ter experienciado um ambiente facilitador, impossibilitando-o de vivenciar os processos de integração, personalização e adaptação à realidade, os quais têm por base a sustentação recebida da figura materna (Winnicott, 1964 citado por Muller, Elbsocaierbe, Melo, Lucena, Xavier, Medeiros & Benevides, 2019; Winnicott, 1989/1994). Seus pais se separaram ao final da primeira infância de Mar e ela e seus irmãos passaram a viver sob a

guarda da mãe, que conta com uma contribuição financeira do ex-companheiro, a qual seria suficiente caso se concretizasse como acordado, sendo supostamente muito maior do que uma pensão judicial. Porém, como tal acordo não se concretiza, na prática, o sustento familiar provém da mãe. Os conflitos de seus pais, muitas vezes tendo Mar como principal alvo, se intensificam, apesar da separação.

Mar, que nasceu biologicamente como menina, tem dificuldades de se identificar com uma figura feminina e, a partir da pré-adolescência, desenvolve um corpo andrógino. Durante a infância, Mar já demonstrava traços e gestos masculinos, mas foi na adolescência que sua performatividade andrógina passou a ser mais visível, sendo intensamente criticada pelos familiares. Adolescente, Mar percebe que, fora de casa, seu corpo é alvo de olhares curiosos. Mar sente que as pessoas têm aversão às suas marcas e, talvez, também ao seu visual andrógino. Questiono-me se, em casa, a performatividade de Mar não teria sido alvo de olhares atravessados ainda na infância? Os relatos de Mar lembram a percepção do personagem Klaus:

Ainda hoje, quando me vejo nu no espelho, quando olho para mim, vejo aquela estranheza vinda de fora, uma estranheza que eu mesmo não vejo em mim, aquela estranheza que é dos outros quando me olham e que me atinge apenas na forma de um medo do que os outros possam fazer diante do que sou. (Tiburi, 2016, p. 472).

Gradativamente, durante a adolescência, sua mãe passou a entender a construção da identidade de Mar, embora tivesse resistência a usar seu nome social. No entanto, seu pai nunca o compreendeu e os conflitos se intensificaram, levando Mar a romper esse relacionamento. Para uma sociedade cisheteronormativa, permanece difícil aceitar o fato de que, como comenta Ceccarelli (2017), os gêneros se constituem perfor-

mativamente, a partir da repetição de atos, gestos, signos e outros tantos elementos. No entanto, é importante refletir, como proposto por Cavalcanti, Barbosa e Bicalho (2018, p. 187), sobre os perigos que a construção corporal não cisgênera traz para a sociedade. Estes autores sugerem que o principal perigo que um corpo não cisgênero pode representar é revelar o caráter artesanal da construção de todos os corpos, incluindo aqueles cisgêneros, além da “artificialidade que sustenta suas fronteiras e que pode facilmente ser borrada”. Klaus também traz uma reflexão a esse respeito: “Mas as pessoas têm na base de sua burrice o fetiche do igual. Amam o igual, porque na vida só querem ver é o espelho. O espelho que certifica que existem. Onde não há espelho, as pessoas põem ódio.” (Tiburi, 2016, p. 360-361). E Manu, abordando a questão da violência contra pessoas LGBTQIA+, complementa:

Dizer que todo agressor era necessariamente um gay enrustido devolvía o problema aos gays, apenas aos gays, e não dava conta de todo o problema. Eu achava que alguns só matavam pra limpar o mundo deles do que fosse diferente ou complexo demais, talvez porque essa diferença reforçasse o quanto o mundo deles era feio, tedioso e opressivo. Ou pra aliviar alguma tensão. Ou pela simples possibilidade de destruir alguma coisa. (Sawitzki, 2022, p. 92).

Mar se identifica como não binário, mas ao aceitar as características sexuais do seu sexo biológico, não se reconhece como uma pessoa transgênero. Tem suas primeiras experiências amorosas com pessoas binárias e se considera homossexual, baseando-se em suas características biológicas, mas não em sua identidade de gênero não binária. Desenvolve principalmente relacionamentos virtuais, pois padece com as marcas corporais resultantes de seu adoecimento psicossomático e envergonha-se dessas marcas, um sentimento que pode estar relacionado com uma ameaça de despersonalização e de

perda das fronteiras corporais, como proposto por Winnicott (1989/1994) ao fazer referência a adoecimentos crônicos da pele com seu papel de membrana limitadora do corpo e da personalidade. A dualidade de Mar lembra a da personagem Manu, como pode ser ilustrado pela fala:

Mesmo na privacidade do quartinho, Ela (=sua performatividade feminina) continuava sendo ela. *O corpo como uma cama estreita demais pra dois*. Eu era ao mesmo tempo o cara que podia ser visto por aí carregando as compras do supermercado, arrastando esfregões, e a soma dessas partes que resistiam a se integrar totalmente”. E uma vez que não queria me livrar de nenhuma delas, nos virávamos assim e podíamos até conversar. (Sawitzki, 2022, p. 147).

Porém, Mar tem a fantasia de desenvolver um relacionamento afetivo estável em vez de breves relações amorosas. Buscaria uma estabilidade nunca vivenciada no seu núcleo familiar ou uma fusão que nunca se concretizou no seu desenvolvimento? Para Winnicott (1975), referido por Hack (2019), o sentimento do *self* constitui-se com base na experiência fusional com a figura materna, desenvolvendo-se a identificação primária a partir do elemento feminino, e constituindo a base para todas as experiências subsequentes de identificação. Após a constituição do *self* e a delimitação do eu/não eu, a figura paterna passa a apoiar a inserção do sujeito em um contexto social mais amplo. Assim, o elemento masculino auxilia a criança na distinção entre o eu/não eu (Abram, 2000 citado por Hack, 2019). Mar parece ter tido dificuldades na constituição do seu *self*, assim como na sua inserção social. Em suas relações de amizade e amorosas, tem dificuldade de aceitar a ambivalência presente em qualquer relacionamento e reconhecer que, além de alegrias e compartilhamentos, momentos tristes e decepções também se fazem presentes.

Durante a adolescência, Mar vivencia sua montanha russa particular. Parece aprender com facilidade, mas não demonstra vontade de seguir estudando após a conclusão do ensino médio. Interage bem no ambiente digital e deseja seguir uma carreira em meio ao universo de influenciadores digitais. Tem o desejo de ajudar a mãe e os irmãos financeiramente, mas depende de um reconhecimento que demora a chegar nesse meio digital e tem dificuldades de aceitar a dura realidade de dificuldades financeiras do seu núcleo familiar. Sua situação de saúde, especialmente por ser portador de lúpus, o preocupa, fazendo-o verbalizar que *“só gostaria de ter as preocupações normais da adolescência”*. Segundo Winnicott (1975), como referido por Hack (2019), quando o ambiente impede o gesto espontâneo de um sujeito, este não consegue sonhar, mas apenas fantasiar, constituindo-se um fenômeno isolado, absorvendo energia, sem contribuir para o sonhar, nem para o viver. E, assim, Mar ainda seguiu, por um tempo, construindo castelos no ar sobre a possibilidade de se tornar um influenciador digital reconhecido e bem remunerado.

Em tratamento psiquiátrico, fazendo uso de antidepressivos após alguns episódios de autoagressão, Mar notou diminuição de sua memória e atenção, além de um embotamento afetivo, que o impedia de chorar. No atendimento psicoterápico, demonstrou alta capacidade narrativa e de simbolização, tendo desenvolvido um bom vínculo terapêutico. Sua resistência surgia em alguns momentos de euforia, decidindo repentinamente faltar à terapia. Na contratransferência, predominavam os sentimentos de empatia e preocupação com sua segurança em uma sociedade cisheteronormativa. A psicoterapia possibilitou que Mar pudesse entrar em contato com seus sentimentos de angústia e tristeza, saindo do embotamento afetivo causado pela medicação, além de poder elaborar as violências vivenciadas ao longo de sua infância e adolescência. Para Lobo (2023, p. 53-54), “quando se é muito seriamente ferido, os sentimentos se perdem em um labi-

rinto”, como parece frequentemente acontecer com Mar. Ao longo do seu processo psicoterápico, com base no *setting* winnicottiano, Mar intensificou a busca da unidade psicossomática e do seu *self* verdadeiro em meio ao labirinto de emoções do seu processo de amadurecimento.

Referências

- Cavalcanti, C, Barbosa, R. B., Bicalho, P. P. G. (2018). **Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 38, n. sp. 2, p. 175-191. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>.
- Ceccarelli, P. R. (2017). **Psicanálise, sexo e gênero**. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, v. 48, p. 135-145. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200014&lng=pt&tlng=pt.
- Hack, S. K. (2019). “Ser ou não ser” um self verdadeiro?. In D. Thé, J. Cavalcante, S. Ribeiro & V. Adjafre, **O Gesto Espontâneo** (pp. 383-390). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Lobo, S. (2023). A analista. In S. Lobo, **A paciente, a analista e o Dr. Green** (A. G. Lobo, org., pp. 1-78). São Paulo: Jardins da Infância.
- Muller, R., Elbsocaierbe, E., Melo, E., Lucena, N., Xavier, F., Medeiros, K. & Benevides, I. Transtorno Psicossomático, a perspectiva winnicottiana (2019). In D. Thé, J. Cavalcante, S. Ribeiro & V. Adjafre, **O Gesto Espontâneo** (pp. 407-413). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Sawitzki, M. (2022). **Vinco**. São Paulo: Ed. Schwarcz S.A.
- Tiburi, M. (2016). **Uma fuga perfeita é sem volta**. Rio de Janeiro: Record.
- Winnicott, D. W. (1975). **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda.
- Winnicott, D. W. (1994). **Explorações Psicanalíticas** (C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis, org.). Porto Alegre: Artmed Ed. S.A. (Trabalho original publicado em 1989).

A MARCA DO TEMPO NO EXISTIR NA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DE WINNICOTT¹

THE MARK OF TIME ON EXISTENCE FROM
WINNICOTT'S ONTOLOGICAL PERSPECTIVE

Hélia Borges²

Resumo

No seu fazer clínico, Winnicott nos convida a repensar as construções teóricas a partir da constatação da impermanência e continuidade que evocam o tempo como participante ativo na sua teoria sobre os processos de maturação. Essa proposta nos leva, necessariamente, à constatação de que a corporeidade em seus ritmos é participante ativa na criação de mundo nas trocas estabelecidas com o ambiente. Lembra-nos que a memória afetiva, mais do que a memória factual, nos envia para o registro das experiências vividas e que são estas que poderemos acessar por uma escuta sensória que se estabelece no encontro clínico.

Palavras-chave: Winnicott. Temporalidade. Processo de maturação. Memória afetiva.

Abstract

In his clinical work, Winnicott invites us to rethink the-

1 - Conferencia apresentada na mesa plenária de abertura do XVIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D W Winnicott. Setembro 2024.

2 - Doutora em Saúde Coletiva no IMS / UERJ; Pós-Doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica PUC-SP (2015). Psicanalista, membro do Grupo de Pesquisas Sándor Ferenczi. Professora da Faculdade Angel Vianna no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* - Mestrado Profissional de Dança na Contemporaneidade da Faculdade Angel Vianna - PPGPDAN, onde coordena a linha de Pesquisa Arte, Corpo e subjetivação. Professora do curso de Especialização em Psicanálise e Contemporaneidade do Departamento de Psicologia da PUC/RJ. Trabalha, principalmente, com seguintes temas: psicanálise, filosofia da estética. Nestes temas tem vários artigos em revistas e livros especializados. Três livros publicados: Movimento, o Corpo e a Clínica (2016); A Clínica Contemporânea e o Abismo do Sentido (2019); Sopros da pele, murmúrio do mundo (2019). - Rua General Glicério 326/901. Laranjeiras. Rio de Janeiro. RJ - CEP 22245-120 - 55 21 996833644

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 117-128	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	------------	----------

oretical constructions based on the observation of impermanence and continuity that evoke time as an active participant in his theory on maturation processes. This proposal necessarily leads us to the observation that corporeality, in its rhythms, is an active participant in the creation of the world in the exchanges established with the environment. He reminds us that affective memory, more than factual memory, sends us to record lived experiences and that it is these that we can access through sensory listening that is established in the clinical encounter.

Keywords: Winnicott. Temporality. Maturation process. Affective memory.

As transformações que se realizam no tempo, como podemos constatar na plasticidade do corpo, são experiências no percurso existencial da vida. Tornar-se sujeito se corporifica através dos processos de metamorfose decorrentes dos múltiplos encontros que realizamos ao longo de nossa existência. São esses que produzem os estados de mudanças. Esse permanente devir-outro opera transformações e não tem volta. Somos seres híbridos, nos misturamos com o mundo incessantemente.

No tipo de cultura em que estamos inseridos, ao nos subjetivarmos, perdemos grande parte do acesso às vivências registradas em nosso corpo. Essa perda é responsável por dificultar a ruptura com modelizações instituídas que resultam na redução de horizontes, fechando a possibilidade ao pensamento crítico.

A essas questões, a contrapelo, Winnicott expõe em suas considerações sobre o sofrimento, a importância de atentar-se para o ambiente implicado na experimentação vivida no tempo através das afecções, pois ressalta que é na relação com o meio, com o ambiente, que se constitui um psiquismo atravessado de corpo – mundo afetando e modificando, e não só

como interioridade representada na expressão fantasmática, como na figura do teatro edípico. Seus textos são laboratórios que nos mobilizam a interrogações, paradas, súbitos impactos que, por isso mesmo, são textos que ampliam pensamento e criação.

Liberar a âncora desse campo significa colocar à deriva o que foi construído a partir da instauração da Razão, do humano como aquele que no lugar de superioridade exclui a experiência da vida na sua força transformadora, produzindo um estancamento das possibilidades existenciais.

O existir se compõe em sua trajetória pelas experiências vividas, linha interminável no presente intenso e perene de nascimentos de mundos. Fora da lógica racionalizada nos encontros, o acontecimento, ao colocar em cena o indeterminado, capta a força de deslocamento que faz a vida se realizar.

Não por acaso, o ambiente, o paradoxo e a linguagem a-semiótica atravessam a clínica e, portanto, os escritos winnicottianos. Seus traços marcam o percurso em que o estado de transformação – que caracteriza o vivo – faz visível a ideia de processo na instabilidade que constitui o território do existir. Uma clínica que se afasta da lógica racionalizada das interpretações de sentido para propor a espera como atitude clínica que favorece a emergência do vivo no encontro entre aquele que observa e aquele que se expressa.

A maternagem, para Winnicott, estaria na capacidade de acessar as micropercepções através dos movimentos dos bebês, que revelam suas marcas pelas articulações motoras. A sensorialidade é o lugar dos primeiros encontros entre o ser humano e seu meio ambiente. Um encontro que contempla a comunicação a-semiótica, os paradoxos e a possibilidade em sustentá-los.

No texto “Os estados iniciais”, do livro “Natureza Humana”, Winnicott (1990) reafirma sua convicção de que o processo de desenvolvimento de um ser humano se dá necessariamente na relação com o ambiente, marcando a re-

ceptividade ao mundo-ambiente, pois todo o movimento de abertura para a vida – o continuar-a-existir-no-tempo, ou seja, *o seguir sendo* – confirma a confiança na vida e o valor da vida mesmo em sua descontinuidade.

Esse autor, ao se voltar para as experiências motoras e sensoriais dos primeiros meses do infante colocou em relevo, entre outras consequências, a violência destrutiva como oriunda do manejo inadequado, pelo mau acolhimento ambiental às forças agressivas e impulsivas constituintes. Ao evidenciar a importância do ambiente nos processos de vir a ser, não só o espaço, mas o tempo se constituem como fatores substanciais. Aponta-nos que a repetição é sempre diferencial, o que nos conduz de volta à temporalidade. No texto “O medo do colapso” (1994), afirma que o trauma revivido não existe enquanto tal; é no presente que o acontecimento vivido pode ser atualizado de modo diferencial, possibilitando o desvio do que ficou interditado, pela ausência de registro psíquico. Ele nos diz:

[...] o medo do colapso é o medo do que já foi experienciado [...] existem certos momentos em que se precisa dizer a um paciente que o colapso, do qual o medo destrói-lhe a vida, já aconteceu. [...] A experiência original da agonia primitiva não pode cair no passado a menos que possa reuni-la [...] o paciente tem que continuar procurando o detalhe do passado [micropercepção] que ainda não foi vivenciado. (Winnicott, 1994, p. 72-73).

Aqui Winnicott já está apontando que a repetição na transferência é o encontro com uma repetição diferencial no tempo, e é justamente aquilo que permite acessar o que não pode chegar a ser conectado – ou seja, revelar-se nas micropercepções, nos pequenos detalhes que só um encontro aberto às afecções pode propiciar.

Winnicott, ao tomar a maternagem como referência para a clínica, compreende que são as comunicações sutis entre

mãe e bebê que oferecem elementos para formular novos dispositivos para viabilizar experiências que não podem ser evocadas pela memória discursiva, pela memória representada. Como Bergson (1982), Winnicott nos fala das memórias vividas, memórias afetivas que independem da consciência, diferentemente das memórias representadas. Segundo Bergson, o tempo da duração se compõe da memória corporal, memória da experiência, ou por hábitos que independem da consciência. De modo diverso, difere da memória por imagens: memória representada que pode ser consciente ou inconsciente. O tempo dos filósofos e cientistas seria um tempo esquemático e espacial, incompatível com o tempo da duração que é o próprio tecido do real. Ou seja, duração é o tempo que Bergson define como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação.

Para Winnicott, o existir em continuidade com o mundo é uma tarefa arduamente construída na relação inter e transubjetiva, nos espaços de transicionalidade, realizada desde os primeiros movimentos, como modo de se conquistar um existir. Um existir que se compõe de um corpo vivo em intensa produção de sentidos, em movimentos de passagens, vivido ou revivido em cada experiência realizada nos encontros que, em continuidade e sucessão, ativam memórias e criação.

Criativo e curioso sobre a vida, abre horizontes, ao invés de fixar e buscar verdades. No livro “Natureza Humana”, Winnicott (1990) nos diz que habitamos *um mundo que não quer nada*, o que nos retira, de imediato, de toda uma concepção de mundo mergulhada na negatividade. Negatividade que se sustenta em uma tradição oriunda do pensamento dissociado, opressivo, um mundo que se define pela antecipação, pelos processos de assujeitamento que nos modelam.

Em Winnicott, o ser emerge para a vida, num enfrentamento com um mundo que não desejou, e é essa condição que permitirá se constituir como força de enfrentamento, positivando a existência. Segundo ele, “a partir da interação com

o ambiente, surge um emergente, o indivíduo que procura fazer valer os seus direitos, tornando-se capaz de existir num mundo não desejado” (Winnicott, 1990, p. 26).

Ser “*uma amostra-no-tempo* da natureza humana” (Winnicott, 1990, p. 29) é a afirmação que nos restaura a dimensão de alteridade inscrita na própria lógica da existência. Implacado na crítica à dualidade entre psíquico e somático, esse autor faz ver a condição da vida como positividade e criação.

Num pequeno trecho do texto “Os estados iniciais” do livro “*Natureza Humana*”, Winnicott se questiona se haveria, para o bebê, um conhecimento prévio antes do nascimento:

Devemos presumir que antes do parto, o bebê já seja capaz de reter memórias corporais, pois existe uma certa quantidade de evidências de que a partir de uma data anterior ao nascimento, nada daquilo que o ser humano vivencia é perdido. Sabemos que, no útero os bebês realizam movimentos natatórios de um peixe. As mães dão intenso valor à atividade de seus bebês [...] é possível a existência de uma organização central que seja capaz de perceber essas experiências. (Winnicott, 1990, p. 147-148).

Existem, portanto, traços mnêmicos que atravessarão a vida em formação. Para Winnicott, a mãe começa a sentir a existência da vida em seu útero quando o bebê desencadeia as articulações e as movimentações. A questão que aqui se coloca é buscar ampliar um saber sobre o modo como se daria tal percepção, que se realiza através destes movimentos característicos “e por que/para que” Winnicott nos chama atenção para esse fato.

O que parece estar em jogo, desse ponto de vista, seria a possibilidade de conceituar de modo ampliado a experiência da comunicação e da não comunicação – tema que inaugura em uma nova perspectiva, saindo do modo redutor em que tem sido constituída – através do eixo lógico-racional – para

nos permitir uma aproximação do saber a partir dos ritmos, desvios e deslocamentos do corpo.

Partindo da afirmativa de Winnicott, podemos dizer que, quando o bebê está dentro do útero, a mãe contempla sua atividade pela experiência, pela ressonância, pelo ritmo dos movimentos que se desdobram a partir dos micromovimentos. Existe um movimento propulsor no bebê que faz com que ele realize movimentos a partir dos micromovimentos – uma produção de movimentos que são produção de vida e que está inscrita no corpo a partir de sua trajetória de constituição espaço-temporal.

A comunicação do bebê com a mãe, que consegue ter uma luz de consciência oriunda a partir dos movimentos do bebê, estaria na possibilidade de acessar, através dos movimentos, o campo das articulações diferenciais entre as micropercepções, de modo tal que o ambiente (função mãe) será capaz de prover, de dar um retorno ao bebê para que o processo de dar sentido possa se desdobrar.

Voltando aos comentários de Winnicott, parece-nos que é na possibilidade de encontro entre o que cuida e aquele que é cuidado, que um campo se abre para a apreensão de signos. Esse processo se realiza a partir das articulações entre as micropercepções, e dessas articulações se manifesta o movimento, o expresso. São as modulações implicadas nos ritmos singulares de cada díade, através de um corpo sensível-senciente ativo, que estão inscritas nessa comunicação.

Trabalhando com o conceito de natureza humana, o autor busca restaurar no corpo sua sabedoria, sua capacidade em acessar as articulações microperceptivas, que se friccionam no que é expresso. Winnicott nos aponta a possibilidade de apreender no encontro o campo vibratório, em que *dispersão-forma-dispersão* sejam entrevistas.

Entrever no sentido de experienciar o entre, o intervalo, colocando em suspenso o já codificado, revelando que a forma é o devir das forças. Por que o corpo? É justo na dimensão

das forças, do campo intensivo, sensível, campo que antecede as formas, pré-individual, que o corpo é evocado.

A arte, como experiência estética, dimensão do vivido, consiste em seguir os fluxos da matéria; consiste em ofertar à sensação a possibilidade de captar as forças invisíveis, mostrar o momento de metamorfose. Ao buscar no corpo a marca do tempo, é possível desvelar o fato de que a eternidade, como matéria em movimento e não como vazio transcendente, aponta para a vida como obra de arte, massa sensorial produto de experimentação, em que memória e desejo compõem as atualizações existenciais.

Seus textos apontam, a partir das experiências vividas no corpo, a ideia de temporalização na implicação necessária dos ritmos como campo organizador do existir. É na alternância rítmica de ausência e presença que se possibilitará sustentar o desenvolvimento mental do pensamento a partir da ausência. Ao nomear como função da mãe suficiente boa possibilitar, a partir de um certo tempo, no desenvolvimento, a experiência de frustração, Winnicott dirige nosso olhar para a capacitação à existência. Esta se dá por meio da comunicação sintônica entre mãe e bebê, viabilizando a apreensão do tempo em que sua ausência se torna sustentável para o bebê, permitindo que o pensamento se constitua como criação.

A ausência, portanto, é tolerável e produz amadurecimento se se alterna com a presença em uma ritimicidade que garanta o sentimento de continuidade, havendo entre a descontinuidade e a permanência o ritmo que propõe uma ilusão de permanência através de sua temporalização característica. Para tal, Winnicott (1975), em “O brincar e a realidade”, no artigo “A localização da experiência cultural”, sublinhou que o aspecto traumático da separação, para além de um certo tempo de ausência da figura de cuidado ($X + Y + Z$), produz no bebê uma experiência de perda e sofrimento, levando *ao-estar-louco*. Ele nos diz: “Temos que supor que a maioria dos bebês nunca experimenta a quantidade de

privação $x+y+z$. [...] A loucura aqui significa [...] uma ruptura que possa configurar, na ocasião, *uma continuidade* pessoal de existência.” (1975, p. 136).

A loucura, portanto, se constitui como um fato traumático produzindo o estado louco, se o tempo de espera do retorno da figura de amparo for além do que o bebê poderia experimentar como possível. Este jogo entre ausência e presença afirma-se, para Winnicott, como possibilidade para um exercício em que, por um lado, o pensamento criativo se produz ocupando o espaço de ausência; ao mesmo tempo, por outro, na configuração do insuportável pela ausência que excede a capacidade de espera, a loucura se manifesta: o pensamento louco no desabamento da condição de sustentação e amparo.

Winnicott, com suas observações, aponta-nos os estados vividos em um tempo que não é passível de medida, pois se manifesta no encontro entre os seres. Isso implica, necessariamente, a construção de uma proposta teórico-clínica fora da leitura cientificista do discurso ordenado pelos paradigmas da razão, consciência que tem como vetor de referência o mensurável, o homogêneo.

São, portanto, estados subjetivos que se encontram fora do campo semiotizado do discurso, permitindo que o experienciar tome o espaço da relação analítica. Menos interpretar sentido, menos lógica do significante e maior abertura para o estar-com. Aqui se privilegiam o tornar-se pelas afecções vividas, os estados de atravessamentos, o experimentar-se, o sentir-se vivo, o sentir-se real. Assim, nos diz Winnicott ainda no texto “O brincar”, no livro acima citado, em relação à diferença entre a abordagem do brincar em M. Klein e sua própria perspectiva:

Klein, na medida em que estudava a brincadeira [...] [estava] mais ocupada com a utilização do conteúdo da brincadeira do que olhar a criança que brinca e escrever sobre o brincar como uma coisa em si [...] é evidente que estou fazendo uma distinção [...] entre

o substantivo “brincadeira” e o verbo substantivado “brincar” (Winnicott, 1975, p. 61).

O verbo marcado pelo autor evoca a temporalidade como constituinte necessário da capacidade para sustentar a criação, já que, como campo de experimentação, implica-se na partilha do jogo difícil e encantador da intimidade.

Nesse sentido, da experimentação como contato íntimo, Winnicott fará referência diversas vezes à motilidade no processo de amadurecimento, aspecto não somente ligado à motricidade do corpo mas, também, à própria característica encarnada do processo de vir a ser que caracteriza o desenvolvimento e a maturação. Paradoxo, espaço potencial, continuidade, movimento, duração e transicionalidade. A linha do tempo como continuidade e a necessária implicação do movimento na continuidade. Uma problemática que nos aponta para o movimento contínuo-descontínuo que se expressa no desenrolar do processo de maturação que perdura por toda vida. Caminhos que se bifurcam, multiplicidades contraditórias coabitando espaços.

Trabalho incessante de criação, germinações, para se aproximar dos estados indizíveis que nos implicam na temporalidade das experiências. Um tempo vivido compondo com a ideia de duração, um tempo em que o presente é entendido como campo de permanência e mudança.

Winnicott nos diz sobre a experiência de construção de mundo no início da vida, em que um ser emergente começa a se apropriar dos encontros com o mundo através outra linguagem, que é encharcada de dinâmica temporal, na qual a coreografia acontece sobretudo fora da consciência, via musicalidade da língua.

Uma produção que se faz através de um suporte estético ao tratar da relação coisa-pessoa. Não existe um eu ainda, nem um outro nesse estado mais primário, mas um campo de produção incessante no qual o próprio tempo de cada expe-

riência é indefinível para ser mensurado, pois que pertence à dinâmica singular de cada díade em seus encontros sensoriais ativados pela motricidade e receptividade dos corpos. Para Winnicott, existir é criar; e criar, antes de tudo, é gerar.

Estar circulando nos afetos, nas afecções que os encontros suscitam, lhe permitia ter um olhar para além do que se manifestava como destino encomendado em leituras e interpretações psicanalíticas da época. Sua preocupação com o sofrimento perpetrado pela guerra e pelas disputas intermináveis pelo poder – inclusive nas instituições, mesmo dentro da própria sociedade psicanalítica e, posteriormente, na clínica psicanalítica, pela leitura que nos trazia dos sintomas manifestos – marcava a dimensão sensível do psiquismo expresso no esforço de cada qual para conseguir sentir-se real, sentir-se vivo. Não mais as representações de objeto como foco, mas as afecções do vivo – portanto, as experimentações do estar *sendo*.

A clínica psicanalítica, diferentemente da ciência, não possui protocolos ou modos de fazer que se universalizam. A clínica é o dispositivo que nos instrui sobre seu próprio fazer.

Ao possibilitar o desencadeamento de uma perspectiva estética, que se dá na sustentação de uma escuta que se volta para as experiências sensoriais, Winnicott distancia-se de uma certa clínica e nos implica na sutileza do encontro, que longe de adaptar-se – se há algum sentido – restaura a potência do viver. E isso se compõe através dos ritmos espontâneos do corpo, na sintonia fina entre os sons e o balanço da vida, que recupera justamente o que perdemos pelos processos de assujeitamento à multiplicidade de protocolos identitários que prometem uma integridade ilusória. E, hoje sabemos: somos feitos de fragmentos infinitos que não param de se deslocar; isso é a vida em sua mínima constituição. A vida pulsa.

Referências

- Bergson, H. (1939/1982). **Matière et mémoire**. Paris: PUF.
- Winnicott, D. W. (1975). A localização da experiência cultural. In **D. W. Winnicott, O brincar e a realidade** (pp. 133-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (1975). O brincar. Uma exposição teórica. In **D. W. Winnicott, O brincar e a realidade** (pp. 59-77). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (1990). Estudando a criança humana. Introdução. In **D. W. Winnicott, Natureza humana** (pp. 25- 28). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1990). Os estados iniciais. In **D. W. Winnicott, Natureza humana** (pp. 147-152). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1990). Psicossoma e a mente. In **D. W. Winnicott, Natureza humana** (pp. 29 -32). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1994). O medo do colapso. In **D. W. Winnicott, Explorações psicanalíticas** (pp.70-76). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963).

OS CAMINHOS DO AMBIENTE EDUCATIVO: O MAL-ESTAR SOBRE AS ATITUDES EDUCATIVAS NA RELAÇÃO ENTRE O CONTEXTO FAMÍLIA, ALUNOS E PROFESSORES¹.

THE PATHS OF THE EDUCATIONAL ENVIRONMENT:
THE DISCOMFORT ABOUT EDUCATIONAL ATTITUDES
IN THE RELATIONSHIP BETWEEN THE FAMILY,
STUDENTS AND TEACHERS

Nilce Badaró de Campos Martins²
Rita Helena Cucê Nobre Gabriades³

Resumo:

O artigo pretende dialogar com a desconstrução temporal sobre os caminhos da educação. Com base no desenvolvimento maturacional de Winnicott e a experiência de Dolto sobre as atitudes educacionais, nossa reflexão percorre nas questões de temporalidade, ambiente, família e escola. Ressaltando a evolução preventiva do ambiente educativo versos os resultados de pesquisas atuais apontando, que nos dias de hoje, existem muitas pesquisas com evidências negativas relacionadas ao contexto da Educação. Retomando a origem e significado em latim de “Educare”. Consideramos que o termo mal-estar é o que mais representa as mutações no caminho da educação, em relação ao núcleo familiar com os cuidados e responsabilidade no processo educativo, assim como

1 - XVIII EBSPDW – Porto Alegre, na Mesa Redonda, Eixo Temático: Winnicott e Educação: que tempos são esses?

2 - Nilce Badaró de Campos Martins - Psicóloga, Especialista pelo Instituto Sedes Sapientiae/ SP em Psicanálise. RG 5.045.890 CRP: 06/7495 Cel: 11 99938-1133 E-mail: nilce-badaro@outlook.com - Rua Dr. Jorge Veiga 175 apto 32 CEP 03424-000 VILA CARRÃO São Paulo SP

3 - Rita Helena Cucê Nobre Gabriades – Psicóloga, Psicanalista, Professora Universitária, Mestre em Educação (UNIP), Mestre em Psicologia Clínica (PUC/SP), Especialista pelo Instituto Sedes Sapientiae/ SP em Psicoterapia com Base Psicanalítica. Rua Guarará, 117 apto73 São Paulo/SP CEP: 01425-001 Cel. (11) 99991.4161 E-mail: rita.gabriades@gmail.com

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 129-140	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	------------	----------

a relação do ambiente das instituições na contemporaneidade, institucionalizado e centralizado em modelos formais, não formal e informais.

Palavras-Chave: Winnicott, ambiente educativo, família, escola, mal-estar.

Educação e suas origens

*A esperança na educação está em nós,
na nossa resistência.*

Carlos Rodrigues Brandão

Compreendemos que a transmissão do saber de uma geração para outra são transferidas das estruturas sociais, onde ainda não foi se quer criada a sombra de um ensino formal e centralizado, diferindo do modelo da contemporaneidade formal, institucionalizado e centralizado.

Na Grécia antiga o ato de educar começa nos exercícios coletivos da vida em convivência social e comunitárias, com o efeito de educar-se que faz parte do viver humano, dentro da história da espécie. Os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser. Com a riqueza da polis grega, designação usada para a totalidade das cidades-estados, tudo começa e acaba na vida do cidadão livre e educado. Voltada ao nobre guerreiro o termo grego “**paideia**” deriva da palavra grega **paidos** (criança) que significa a educação da criança, que se refere à ideia de cultura geral ou formação, surgiram as diferenças de classes e a elite foi privilegiada com a educação, buscando sentido na formação harmônica.

Das sociedades primitivas, ou do greco-romano até os dias de hoje, a educação escolar mantém essa relação dialética com o sociopolítico-cultural. Nesse contexto os estudiosos demonstram o quanto a forma de estruturação sociopolítica

alimenta e é alimentada pela educação escolar, que reproduz desigualdades sociais oriunda do sistema político.

Podemos atribuir que o processo de educação no desenvolvimento humano inicia historicamente na antiga Grécia com Sócrates, no entendimento como um processo de tirar de dentro de uma pessoa algo que já está dentro dela, ou trazer para fora da pessoa aquilo que está presente nela mesma.

“Educare”, “Educere” tem origem no latim, língua indo-europeia utilizada na Roma Antiga, que significa literalmente “conduzir para fora”, “direcionar para fora” ou “extrair de dentro”. O termo era empregado no sentido de preparar as pessoas para o mundo e viver em sociedade, ou seja “conduzi-las para fora” de si mesmas e por permitir que o conhecimento viesse à luz mostrando as diferenças que existem no mundo.

Segundo Brandão (1994) é importante identificar os caminhos e o processo vital da Educação na interatividade do “Ser” humano em seu desenvolvimento maturacional com a cultura e temporalidade. Na espécie humana a educação não continua apenas no trabalho da vida, porque ela se instala dentro de um domínio humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. O processo educacional continua no homem e o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir na sociedade e no tempo que está inserido:

“A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, de

como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte.” Brandão, C. R. 1994 pg 63

Daniel Munduruku um escritor, professor, ator e ativista indígena brasileiro e originário do Povo Mundurukus. Em 1996 lançou uma obra literária infantil/juvenil: “Histórias de Índio” tendo como tema principal a diversidade cultural indígena. Um dos depoimentos do autor na segunda parte do livro com o título “Educação e Arte” apresenta como aprendeu com o seu povo o verdadeiro significado da educação. O educar do seu povo é fazer sonhar com experiência e a vivência respeitando a natureza e o ser humano. Segundo Munduruku, 1996:

Percebi, que na sociedade indígena, educar é arrancar de dentro para fora, fazer brotar os sonhos e, às vezes, rir do mistério da vida. Descobri, depois, que, na sociedade pós-moderna ocidental, educação significa a mesma coisa: Tirar de dentro, jogar para fora. Mas isso fica na teoria. Decepcionei-me ao ver que os professores faziam o contrário. Punham de fora para dentro. Os sonhos ficavam entalados dentro das crianças e jovens.... As crianças não têm tempo para sonhar, por isso acham a escola uma grande chatice. pg 38-39.

A atitude desenvolvimentista de Winnicott

Winnicott (1945-1956) utiliza o termo devoção com referências as mães que possuem a capacidade de cuidar bem de seus bebês, com uma adaptação sensível e ativa às necessidades corporais do início da vida, sendo suficientemente boa. Nos princípios básicos na visão winnicottiana do amadurecimento emocional saudável do ser humano enfatiza a existência de uma relação sensível ao meio ambiente, e considera

que aos nove meses de gestação, o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional primitivo.

As condições evolutivas de amadurecimento físico e emocional, tem uma importância fundamental relacionadas aos contatos iniciais do bebê com o ambiente em vários estágios; gestação, primeiras semanas de vida, a fase do espelho, a fase dos cinco meses aos seis meses, em referência às necessidades do corpo, do desenvolvimento neurológico e físico. O processo da transição na etapa da dependência relativa dos seis meses aos dois ou três anos a criança começa a perceber, enquanto um indivíduo separado do todo e a necessidade do ego de caminhar para a independência.

Com a definição do desenvolvimento emocional individual que será concebido no decorrer dessa relação existencial mãe/bebê, e a mãe devotada comum, oferece um suporte egóico e torna-se uma unidade que não é um indivíduo, mas uma estrutura ambiente – indivíduo. A essa característica de um estado verdadeiro de fusão emocional considerado na fase do espelho, evolui a partir do olhar da mãe, com referência ao vínculo apercepção e percepção como um processo histórico que, está na dependência de ser visto. Segundo Winnicott:

“Quando olho, sou visto; logo existo. Posso agora me permitir olhar e ver. Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção, também percebo. Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto” (1975, p.157).

A função ambiental envolve; o segurar/o *holding*, o manejar/o *handling*, apresentação do objeto, e a maternagem voltada à subjetividade essencial de manuseio corporal em seus cuidados físicos, em ações empáticas com fatores emocionais que sustenta o não existir sozinho do seu bebê, ocorrendo a dependência absoluta ao ambiente.

A preocupação materna primária, no período inicial que depende do setting no qual a constituição do bebê pode vi-

venciar suas tendências de desenvolvimento, com movimentos espontâneos e sensações apropriadas ao início da vida. A mãe que consegue ter a condição de capacitar-se e adaptar-se a delicadeza e sensibilidade das necessidades iniciais do bebê, entra nesse estado e depois recupera-se dele, consegue então fornecer ao bebê uma adaptação de convivência com a mãe suficientemente boa sem prejuízos psíquicos. A evidência das primeiras necessidades corporais demanda da experiência sensorial que emerge da reação aos estímulos físicos, internos e externos, captados pelos órgãos sensoriais. Em relação as necessidades corporais e as percepções sensoriais, compreendemos que ocorre uma experiência subjetiva de informações capturadas pelos órgãos dos sentidos, com base em interesse, hábitos, memórias e associação de dados.

Os registros sensório-perceptivos na experiência vivida e memorizada individualmente nesta fase primitiva do desenvolvimento, fundamenta a nossa vida emocional adulta. Apresenta uma característica extremamente variável e o traço principal é a ligação temporal existente entre o eu-auxiliar materno e o eu em formação da criança. Citado por Biachi (1993).

Dolto e os caminhos da Educação

Françoise Dolto pediatra e psicanalista infantil, como pediatra marcou sua prática clínica com “ler o corpo” das crianças e inovando o pensar sobre a doença somática. Com um estilo próprio desenvolveu uma postura de escuta com seus pacientes, observando frequentemente a linguagem corporal, portanto ampliando o diagnóstico do funcionamento puro e simples, ou mecânico do corpo, para reflexões de outras causas. Participou de uma série de programas na Radio Francesa entre os anos de 1976 e 1978, onde respondia as cartas dos pais conquistando a sociedade e alcançando muito sucesso. Influenciou a postura de cuidadores de creches nos anos 50 e criou as Casas Verdes, instituições educativas. Claude Hal-

mos 1998 organizou uma coletânea de artigos e conferência a partir de textos recolhidos, anotados e apresentados que marcaram os quarenta anos do itinerário na elaboração do livro de “Françoise Dolto - Os caminhos da Educação”

“Educar é suscitar a inteligência, as forças criativas de uma criança, dando-lhe também seus próprios limites, de modo que ela se sentia livre para pensar, sentir e julgar diferentemente de nós mesmos, ao mesmo tempo nos amando.” 1998

Dolto descreve que a relação mãe-bebê e o meio ambiente inicial, são a base para o desenvolvimento emocional, ela supõe que trabalhadas e explicadas as supostas raízes das dificuldades de compreensão e interação aos cuidados maternos, faz parte do processo educativo para um desenvolvimento saudável. Seu trabalho com a família, o social e a coletividade trouxeram na época a possibilidade dos pais/famílias refletirem sobre seus pressupostos instalados pela educação cultural e ambiental, conscientizando que a ato de educar é sustentado pela ação de criar, de formar crianças e jovens na maturidade emocional em suas faculdades psíquicas, morais e intelectuais.

Na trajetória dos caminhos da educação de Dolto como sua experiência com bebês introduz o trabalho educativo aos pais, com professores e cuidadores com a intenção preventiva para evitar “os problemas de educação”. Atribui na década de 40(quarenta) e 50(cinquenta) a terminologia “educação doente” buscando uma ação mais abrangente no contexto educacional para a visão importante da comunicação e intervenção respeitosa para as crianças e adolescente. Considera a criança como um indivíduo inteiro que deve ser respeitado, em seu corpo e seus ritmos em seus desejos, enfatiza que a educação não consiste em impor uma série de comportamentos.

Ambiente

O ambiente tem que ser fortalecedor, mas nem sempre pode ser de forma ampla e responsabilizado pelo que sucede na saúde mental do bebê. Quando o ambiente falha pode ser danoso e levará a instabilidade e à doença. Considerando os autores citados acima neste trabalho o ambiente - indivíduo, uma mãe adaptada, representa um fator determinante para fundamentar o desenvolvimento emocional infantil. Como facilitador possibilita ao bebê crescer com uma saúde emocional usufruindo dos cuidados de um adulto suficientemente bom. As referências de base para o desenvolvimento saudável e a capacidade do bebê se tornar uma unidade passando a ser capaz de sentir o self, como inteiro unificando o mundo interno e externo e vivenciar a continuidade do ser. Winnicott (1950 – 1964).

Contextualização Tempo, Espaço, Cultura, Sociedade e Natureza Humana.

Temporalidade e contemporaneidade se correlacionam baseadas em áreas do conhecimento: filosofia, física, história, sociologia e a arte. O passado, presente e futuro estão fundamentados nos eventos que são sequenciados, duram e se repetem ao longo do tempo na natureza da realidade e da existência humana. Assim podemos recordar o passado, viver o presente e imaginar o futuro. A memória e a sensopercepção desempenham um papel fundamental no amadurecimento emocional e nessa relação com o ambiente. Se olharmos pela física a questão do tempo encontramos a ideia ligada de espaço e movimento. Na contemporaneidade é importante reconhecermos as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas que ocorrem no presente e refletirmos sobre a era da Educação Contemporânea. Vivemos um período de rápidas mudanças gerando novas possibilidades, novos desafios com as transformações sociais e tecnológicas que são construtivas e necessárias para o desenvolvimento humano.

O mal-estar na Educação

Nas buscas dos textos, artigos e livros observamos que com a evolução do ato educativo existe a necessidade de identificar os desencontros e dificuldades que fazem parte do processo, e decorrem das estruturas sociopolítica-cultural, como também correr atrás dos avanços tecnológicos.

Nos deparamos que sempre a ênfase dada aos textos aponta consequências de desconstrução e instabilidade dos processos educativos derivadas das relações educacionais família, escolas, alunos e professores.

Em relação aos professores, poucos prazeres e muitos desprazeres. Várias pesquisas realçam que o mal-estar que abraça alguns professores é um reflexo das dificuldades vivenciadas na escola e da sociedade atual assim atingindo a saúde psicológica do professor

Na escola, na vida dos professores, dos alunos e familiares o mal-estar e o ambiente educacional são afetados pela queda da autoridade do professor, da subjetividade do docente, questões sociais com a constatação do fenômeno da desautorização presente na escola, desestruturando não só o processo educacional, mas na vivência de todos no ambiente.

Considerações finais

Winnicott, Dolto e Biachi citados neste trabalho direcionam a importância ao ambiente - indivíduo, uma mãe adaptada, que representa um fator determinante para fundamentar o desenvolvimento emocional infantil saudável. Assim como a importância de um ambiente pessoal contínuo gerando uma maturidade de crescimento sobre a tendência inata ao desenvolvimento, retomando desde os primeiros estágios de desenvolvimento da personalidade da criança, no contexto físico, emocional, educativo, relacional e ambiental. A essa característica de um estado verdadeiro de fusão emocional junto a função ambiental.

Na visão de Dolto a relação mãe-bebê e o meio ambiente

inicial são a base e defende o processo educativo com o olhar sensível e profundo da expressão e linguagem corporal, com orientação e acompanhamento de pais, mães, cuidadores e professores. Destaca a necessidade de que a Educação precisa ser tratada usando o termo educação doente.

Para Biachi, os pais, responsáveis ou professores pela educação são facilitadores oferecendo firmeza, amor, empatia, frustração suficiente, e confronto com a realidade e a agressão.

Importante reconhecer as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas que ocorrem no presente e refletirmos sobre a era da Educação contemporânea. Vivemos um período de rápidas mudanças gerando novas possibilidades, novos desafios com as transformações sociais e tecnológicas que são construtivas e necessárias para o desenvolvimento humano.

Identificamos que o caminho da Educação no decorrer da linha do tempo trouxe muitas mudanças e avanços sobre o SER humano e apresenta muitas oscilações na sua prática enfrentando o desafio de lidar com o tempo e sua velocidade em mudanças e criações.

Pensando na contemporaneidade o levantamento dos artigos e livros citados sobre o mal-estar na educação, todos estudos apontam várias categorias fundamentado num processo negativo do ambiente escolar. Segundo Coutinho & Carneiro:

Levando-se em conta toda a discussão sobre a medicalização da educação e a redução do mal-estar a categorias diagnósticas naturalizantes e impessoais, faz-se necessário questionar o modo como os conflitos e entraves na vida escolar têm sido concebidos e as consequências que isso gera seja no campo subjetivo daqueles que neles estão envolvidos, seja no campo educativo (familiar e escolar) no que diz respeito ao que sustenta a função do educar.2018

Silvia (2012), reflete que não se pode generalizar sobre o afeto que se instala no professor em um momento social que sofre constantes reformulações. Seu artigo propõe reflexões sobre a pós-modernidade, sobre o bem-estar e o mal-estar do professor e no ambiente educacional. Deixando em aberto o seu questionamento sobre o bem-estar na escola está no campo das possibilidades ou é mais um desejo utópico? Será o mal-estar docente uma marca da escola contemporânea.

Outeiral & Cerezer (2003) Utilizando a técnica de entrevistas de debates com os professores buscaram significados da experiência vivida. Com uma escuta cuidadosa sobre o mal-estar na sala de aula enfatizam que a subjetividade é uma partícula importante no campo da educação. Os desvios do mal-estar buscados pelo professor nas suas relações de trabalho denota sua atual dificuldade de encarar o mal-estar como algo que faz prática do ato educativo da atualidade. Na visão de Silvia (2012) assim como para Outeiral & Cerezer(2000) deixamos em aberto como podemos compreender a escola, definindo como espaço que possibilita e sustenta o sonho, o desejo e a esperança, a ética e talvez uma utopia.

Partindo do significado de Educare compreendemos que na perspectiva da natureza humana se faz necessário refletirmos sobre a importância do respeito da infância, da adolescência e dos professores utilizar o significado de extrair de dentro o sentido de preparar as pessoas para o mundo e viver em sociedade.

Como uma ação preventiva com os problemas da educação usando o termo de Dolto Educação Doente, devemos considerar que a base do desenvolvimento emocional e chegar na maturidade emocional temos que olhar para os princípios básicos educativos da família e escola.

Refletimos que dentre a intenção social de curar a educação e proporcionarmos um desenvolvimento emocional saudável, observamos um adoecimento do ambiente educacional. E os principais integrantes do processo educativo na

função de intensificar o bem-estar e desejo de estudar estimulando as crianças e os adolescentes, estão sob as amarras da subjetividade do mal-estar.

Referências:

- Brandão, C. R.: **O que é Educação**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
- Bianchi, H.: **O Eu e o Tempo: Psicanálise do Tempo e do Envelhecimento**; São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- Dolto, F.: **Os Caminhos da Educação**; São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- Coutinho G. L. & Carneiro, C.: **Escola Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28(4), e280407, 2018.
- Munduruku, D.: **Histórias de Índio**; São Paulo, Editora Schwarcz LTDA, 1996.
- Outeiral, J. & Cerezer C.: **O Mal-Estar na Escola**. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter Ltda, 2003.
- Winnicott, D.W.: **Textos Selecionados da Pediatria à Psicanálise: Parte 3 12**. Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945). 24. Preocupação Materna Primária (1956) Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro, 1993.

PRÁTICAS CRIATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AS CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT¹

CREATIVE PRACTICES IN HIGHER EDUCATION:
WINNICOTT'S CONTRIBUTIONS

Michele Scheffel Schneider²

Resumo:

O presente trabalho aborda o quanto as práticas universitárias tiveram que se reinventar após a pandemia (que começou em março de 2020) e as recentes enchentes que devastaram o Estado do RS (em maio de 2024), exigindo estratégias docentes criativas para dar conta dos processos de aprendizagem dos alunos, considerando a dinâmica e formato das aulas, bem como os métodos avaliativos. O artigo busca articular conceitos Winnicottianos, entre eles a criatividade, os fenômenos transicionais, o espaço potencial, o ambiente facilitador, o gesto espontâneo às atividades pedagógicas que o colegiado do Curso de Psicologia da Universidade foi construindo para enfrentar as adversidades próprias do nosso tempo. Ainda, a autora aborda a sua própria história com os Encontros Winnicott, trazendo a estreita relação com a sua experiência como docente.

Palavras-chave: Docência, adversidades, práticas criativas, ambiente facilitador

1 - Escrita realizada para participação no XVIII ENCONTRO BRASILEIRO SOBRE O PENSAMENTO DE D. W. WINNICOTT, cujo tema foi TEMPORALIDADE: PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES, na mesa intitulada "Winnicott e educação: que tempos são esses?", no dia 21 de setembro de 2024.

2 - Psicóloga pela UNISINOS, Professora do Curso de Psicologia e Supervisora acadêmica do Estágio Profissional em Psicologia, da UNISINOS; Supervisora Local no Programa de Atenção Ampliada à Saúde – PAAS/UNISINOS, em diferentes ações; Psicanalista pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre – CEPdePA; Mestre em Psicologia Clínica e Especialista em Psicoterapia Psicanalítica de Crianças e Adolescentes pela UNISINOS; Atendimento em clínica privada, na cidade de Novo Hamburgo. - Telefone: (51) 99109-9824. E-mail: michelescheffel@gmail.com

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 141-151	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	------------	----------

Abstract:

This paper addresses how university practices had to reinvent themselves after the pandemic (which began in March 2020) and the recent floods that devastated RS State (in May 2024), requiring creative teaching strategies to cope with students' learning processes, considering the dynamics and format of classes, as well as assessment methods. The article seeks to articulate Winnicottian concepts, including creativity, transitional characteristics, potential space, facilitating environment, and spontaneous gesture to pedagogical activities that the UNISINOS University Psychology Course board has been building to face the adversities of our time. Even so, the author addresses her own history with the Winnicott Meetings, bringing a close relationship with her experience as a professor.

Keywords: Professoring, adversities, creative practices, facilitating environment

*O professor disserta
Sobre ponto difícil do programa.
Um aluno dorme,
Cansado das canseiras desta vida.
O professor vai sacudi-lo?
Vai repreendê-lo? Não.
O professor baixa a voz
Com medo de acordá-lo.
Carlos Drummond de Andrade*

O texto a seguir parte das inquietações que tenho diante da minha prática universitária, no Curso de Psicologia da UNISINOS³, numa história de 13 anos. Desde o início da minha experiência com a docência, o mundo mudou significativamente e rapidamente. Vou focar nas mudanças desencadeadas pela pandemia iniciada em março de 2020 e que seguiu

3 - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo.

com seus desdobramentos até hoje, e as recentes enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, em maio de 2024, assuntos que vêm sendo debatidos em diversas instâncias, inclusive na Psicologia. Tais fenômenos refletem diretamente na prática docente e, considerando a minha experiência, entendo que os últimos tempos têm sido os mais desafiadores, exigindo dos professores e alunos saídas criativas, para um aprender com qualidade.

Começamos com a pandemia que modificou completamente nossa relação com os alunos, pela introdução das aulas remotas síncronas e assíncronas, híbridas e, posteriormente, um retorno ao presencial que certamente não voltou ao que era antes. Agora, recentemente, tivemos as enchentes, um grande trauma coletivo, que novamente trouxe mudanças na docência, na medida que alguns alunos e professores perderam tudo e tiveram que retomar as aulas em meio ao caos ainda instalado, considerando que muitos ainda não tinham casas e condições emocionais para tal. Aqueles que sofreram indiretamente a dor da inundação, das águas de maio, tampouco estavam nas melhores condições, mas como diz Cazuza em parceria com Arnaldo Brandão, *“o tempo não para, não para não, não para”*, letra escrita em 1988 e ainda muito atual.

Me deparei falando do tempo, tema dos nossos Encontros Winnicott Gaúcho e Brasileiro (ocorrido em 2024), que sabiamente escolheu abordar uma questão que fala das práticas, das experiências, das histórias que tanto estamos acostumados a viver, sentir e escutar. Minha intenção inicial era abordar a criatividade que lançamos mão para pensar sobre as dinâmicas das aulas e as estratégias que utilizamos para desenvolver os conteúdos em sala de aula (virtual e presencial). Ingenuidade a minha começar a escrita assim, sem antes trazer reflexões sobre o que nos faz professor, afinal esse querer também está relacionado com a criação.

Para Maria Cláudia Dal’Igna (2023, p.45) *“Ser professora é uma marca que se produz na pessoa, que constitui sua identida-*

de”. Ao citar Maurice Tardif e Selma Pimenta, Dal’Igna (2023, p.45) refere que estas autoras *“identificam e analisam um tripé que constrói e sustenta a profissão docente, formado pelos saberes disciplinares, saberes pedagógicos e saberes da experiência”*. A partir disso, considero que ser professor não diz só de ter um conhecimento e pensar na transmissão, mas sim é sua disponibilidade para construir junto o conhecimento que se estabelece diferente com cada aluno, cada turma. Entendo que ser professor é algo que acontece espontaneamente, considerando suas experiências, vivências, história; a prática docente exige um eterno repensar, preparar, ajustar, criar, inovar. Ainda nas palavras de Dal’Igna (2023, p.106):

“É preciso pensar e viver a docência recusando ser uma cópia de si mesma. É preciso reafirmar a docência todos os dias para viver. É preciso reinterpretá-la para saber-se viva como professora e, e não morta-viva, como repetidora de letras-mortas e de jargões educativos. É preciso ser capaz de pensar além do senso comum, ser capaz de negar um lugar-comum, ser capaz de buscar ser professora e professor sem usar fórmulas, sendo uma parte diferente de si em cada aula, em cada experiência educativa.”

A citação se entrelaça aos ensinamentos de Winnicott sobre a criatividade, algo do espontâneo que nasce a cada encontro e jamais é igual ao vivido anteriormente. Para Winnicott não há repetição e sim um vir-a-ser inaugural, em que a qualidade da disponibilidade, capacidade de abertura ao novo, continência diante das dificuldades da dupla, fará toda a diferença na interação que se estabelece, na confiança criada e, consequentemente, na possibilidade de aprender.

O laço que se constrói, a partir de encontros potentes, são essenciais para o processo de aprendizagem. Acredito que a afetividade na educação deva ser a tônica na relação professor-aluno, na transmissão de um conhecimento, pois com

confiança e vínculo construídos a partir de uma experiência amorosa e investida, o aprender ganha (mais) sentido, constrói-se de forma compartilhada, considerando a autonomia tanto de quem ensina como de quem aprende e torna-se uma marca, registrada afetivamente.

Tal compreensão está intimamente relacionada a teoria proposta por Winnicott, que foi uma pessoa extremamente sensível e empática. Ele observou o quanto o brincar espontâneo relaciona-se a capacidade de criar, aprender, encontrar saídas para as desesperanças, se colocar no lugar do outro e a qualidade de tais características dependem da qualidade das primeiras relações afetivas, ou seja, como o mundo foi sendo apresentado ao bebê. Esta apresentação ocorre através de uma mãe que, quando suficientemente boa consegue adaptar-se necessidades do seu bebê e, assim, *“dar a este a ilusão de que existe uma realidade externa que corresponde à sua capacidade de criar.”* (WINNICOTT, 1951) – no texto “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, do livro *Da pediatria à psicanálise*.

A partir dessa reflexão inicial, gostaria de compartilhar algumas estratégias criativas que temos desenvolvido junto ao colegiado do Curso de Psicologia da UNISINOS e que, quando colocadas em prática, ganham o tom e autoria de cada professor. Este pensar coletivo é de extrema importância para o nosso ofício, uma vez que as trocas realizadas, as ideias compartilhadas, as aulas pensadas conjuntamente são respiros que oxigenam o dia a dia acadêmico e tornam o trabalho mais leve. Muitas vezes isso acontece na sala dos professores, espaço fértil, potente, considerando que não raras vezes combinamos atividades extremamente ricas nos quinze minutos antes de iniciar uma aula ou no intervalo. São momentos, encontros, instantes, conversas despreziosas, olhares, algo do espontâneo que circula pela sala promovendo criações e ações. Felizmente temos um colegiado que se encontra, que se ajuda, que confia e que deseja trabalhar coletivamente.

Comparo a sala dos professores com o espaço potencial, aquela área intermediária da experimentação entre o mundo interno e a realidade externa, na qual o objeto transicional representa o eu e o não eu, caracterizando-se como a raiz do simbolismo. É um vir a ser, uma transição, uma construção, como uma ponte que promove caminhos e deixa marcas. Para Winnicott (1951, p.321) *“o objeto transicional abre espaço para a possibilidade de aceitar diferenças e similaridades e, com o tempo, evolui para o brincar, para o brincar compartilhado e para as experiências culturais”*. Ainda, conforme Winnicott *“a área intermediária da experiência, constitui a parte maior da experiência do bebê, e pela vida afora se mantém como o lugar das experiências intensas no campo da arte, da religião e da imaginação e do trabalho científico criativo”*. (p.331)

O professor suficientemente bom é aquele que acolhe, compreende, ajuda a pensar, mas também sabe o momento de frustrar, cobrar e dar limite. A relação estabelecida a partir de um ensinar com cuidados suficientemente bons, considera a dupla, o ritmo de cada um, o tempo. A sala de aula também é um espaço potencial. Muitos sentimentos se atravessam, diferenças existem, exigindo grande disponibilidade de todos os envolvidos. O professor apresenta o conteúdo, esse novo mundo de conhecimentos, tal qual a mãe apresenta o mundo ao seu bebê e, para tanto, precisa de disponibilidade afetiva, tempo, tato, sensibilidade para dar conta não de um ou dois, mas de 15, 30 ou até mais alunos por turma. O que temos feito diante da realidade atual?

Temos nos movimentado, inventado coletivamente. Movimento sempre foi um conceito valorizado na teoria de Winnicott. Como abordado acima (considerando a prática docente), parto do pressuposto de que o processo de aprendizagem, a criação, a construção de um conhecimento, nasce nessa área intermediária entre professor-aluno; também entre professor-professor quando são pensadas as atividades conjuntas, os encaminhamentos diante de uma situação desafiadora. A

ideia construída não é de um ou de outro (interno ou externo), mas sim é de ambos, espontaneamente acontece. Para tanto é necessário um ambiente facilitador que permite e sustenta este tipo de interação. O ambiente facilitador não vem pronto, ele é construído com base na história de cada um (de cada curso) e, também, com base no vivido no aqui-e-agora.

Vamos aquilo que acredito como ambientes facilitadores do Curso de Psicologia da UNISINOS e que ganharam ainda mais força após a pandemia e a enchente, que serão descritos brevemente abaixo:

1. A cada semestre docentes e discentes elegem uma obra literária para ser lida, sendo incorporada e discutida à luz do conteúdo de cada atividade acadêmica. Desta proposta surgem discussões e trabalhos riquíssimos, inclusive reunindo turmas distintas para realizar uma reflexão conjunta. Para citar algumas obras, lemos: Uma duas, de Eliane Brum; O alienista, de Machado de Assis; O Averso da Pele, de Jeferson Tenório; Olhos d'água, de Conceição Evaristo.
2. No nosso serviço-escola, o Programa de Atenção Ampliada à Saúde – PAAS, organizamos, desde 2015, o “Cadernos do PAAS”, espaço destinado para a publicação de artigos científicos, relacionados as práticas desenvolvidas no serviço-escola, nas atividades acadêmicas, na interface com os demais programas da ação social da UNISINOS, nas parcerias com serviços da rede de saúde de São Leopoldo, elegendo temáticas específicas para cada edição e, também, relacionadas ao contexto social. A proposta é que nestas escritas os alunos/estagiários possam ser os protagonistas, com o suporte dos professores/supervisores, na intenção deles irem se experimentando, redigindo seu fazer, suas experiências e os sentimentos despertados neste vir-a-ser psicólogo. Nosso trabalho por ser conhecido

no seguinte endereço <http://www.casaleiria.com.br/catalogo/acervo.html#page-10>

3. A sexta Incomum é uma proposta que surgiu na sala dos professores, numa discussão informal na sexta-feira à noite. Fomos nos dando conta que tínhamos vontade de seguir falando (após as aulas) com os colegas e o quanto as atividades acadêmicas ministradas naquela noite tinham algo em comum. No entanto, tínhamos a convicção que ao colocarmos áreas distintas (psicologia, nutrição, enfermagem, fisioterapia, biologia) para pensar coletivamente, uma nova tecnologia de trabalho poderia surgir, algo que entendemos como um trabalho interdisciplinar, que é uma das diretrizes pensadas pela nossa instituição UNISINOS e que incorporamos as aulas. Ou seja, algo incomum surgiria, que não seria da especificidade de cada área, mas sim de um pensar conjunto. Daí surge a Sexta Incomum, provavelmente em meados de 2016, uma atividade que perdura até hoje.
4. Aulas descontraídas na beira do lago e nos diversos espaços verdes da Universidade, assim como atividades artísticas, tais como o dia do psicólogo organizado em 2024, um grande encontro entre todas as turmas, com lanche coletivo e performances artísticas realizadas pelos alunos e professores. Espontaneamente tivemos diversas apresentações, sendo que algumas surgiram no momento do evento, sem combinação prévia. Tivemos dança, leitura de poesias, apresentações músicas e encerramos o encontro ao som colocado por uma aluna DJ.

Como diz Winnicott (1975), em “O brincar e a realidade”, *“a criatividade é percebida na espontaneidade”*, algo que ainda não foi moldado pelo outro e, por isso, não está submetido ao

outro. Neste mesmo livro, Winnicott aponta que *“é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu eu (self)”*. Luiza Helena das Neves Teixeira (2011) ao escrever uma dissertação de mestrado sobre as contribuições da criatividade para a dificuldade de ensinar: uma revisão da literatura à luz da psicanálise apontou que *“o que irá diferenciar uma pessoa criativa de outra não criativa é a maneira como cada um suporta o que a vida lhe impõe”*. (p.14)

Sem dúvidas a prática docente tem muitos desafios, altos e baixos, cansaço e desesperança que deixam o professor, muitas vezes, num estado de excessos, dúvidas, desamparo, solidão. No entanto, na medida que se consegue refletir e experimentar novas alternativas/saídas, pensando pelo viés Winnicottiano, é possível compreender a potência dos momentos difíceis, que se tornam molas propulsoras para um lançar ainda mais alto e seguro. É nesse interjogo entre a integração, desintegração e não integração que vamos crescendo e caminhando rumo a independência. É assim na vida, é assim na formação docente, acadêmica.

Gostaria ainda de comentar o quanto a docência e os Encontros Winnicott estão totalmente entrelaçados na minha formação profissional, considerando que fui inserida nestes Encontros por meio da docência. Vamos a história: Conheci o Outeiral através da UNISINOS, quando eu coordenava a Especialização em Psicoterapia Psicanalítica de Crianças e Adolescentes, juntamente com a professora Vera Ramires. Na época, o Outeiral foi convidado como professor referência sobre a teoria e prática com adolescentes. Depois de uma de suas aulas, quando tomávamos um café ele, com sua maior generosidade, me faz o convite para participar de uma mesa no “V Encontro Brasileiro Sobre o Pensamento de D.W. Winnicott – Trauma”, a ser realizado em novembro de 2010. Mesmo com as inseguranças próprias dos inícios - afinal me sentia engatinhando nos estudos de Winnicott – aceitei! Convidei uma grande amiga, colega, comadre, Patrícia Coral

Viegas, que conheci na época da faculdade e que juntas já estudávamos Winnicott (por conta) para escrevermos juntas o artigo, que logo depois foi publicado na revista Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade.

Portanto, “A fraldinha de Alice” apresentada na Mesa Redonda intitulada “Desamparo e trauma: transferência e contratransferência” foi meu trabalho inaugural, neste espaço (também) potencial, que são os Encontros Winnicott. Depois disso nunca mais me desvinculei. Sou muito grata ao querido e sempre presente Outeiral, por ter me inserido num grupo tão afetivo e propício ao aprender com criatividade. Por ter me dado esta oportunidade que segue sendo reeditada a cada convite que recebo para participar de alguma mesa, tanto nos Encontros gaúchos como nos brasileiros que, desde 2010, são 8 participações. Certamente seu convite segue reverberando e estimulando para a continuidade e aprofundamento dos meus estudos em Winnicott. Desde a minha primeira participação me senti em casa, acolhida e passei a conhecer pessoalmente autores que eu estava lendo e estudando, algo muito significativo que este espaço segue me proporcionando. Enfim, o tema deste ano, tanto do Encontro gaúcho como do brasileiro instiga olhar para a nossa própria história e trazer à tona tantas lembranças.

Agradeço imensamente esta oportunidade, por meio do convite feito pela Denise Souza, a quem tenho todo apreço e considero uma referência no estudo de diversos autores psicanalíticos, entre eles Winnicott. Com esta escrita pude novamente pensar sobre o meu fazer enquanto professora universitária e reafirmar o quanto este é um ofício que sigo desenvolvendo com amor e afetividade, mesmo diante das adversidades que não são poucas. Também agradeço a todos que estão aqui me escutando e com quem terei o maior prazer em dialogar.

Referências

TEIXEIRA, L.H das N. (2011). **Contribuições da criatividade para a dificuldade de ensinar: uma revisão da literatura à luz da psicanálise. Dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em Educação Escolar**, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, São Paulo.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

A FUNÇÃO PATERNA PARA WINNICOTT: UMA ANÁLISE DO FILME “PINÓQUIO” DE GUILLERMO DEL TORO¹

THE PATERNAL FUNCTION FOR WINNICOTT:
AN ANALYSIS OF GUILLERMO DEL TORO’S
FILM “PINOCCHIO”

Alexandre Patricio de Almeida²

Resumo

Este artigo aborda a função paterna na perspectiva de D. W. Winnicott, tendo como referência a animação *Pinóquio* (Netflix, 2022), de Guillermo del Toro, vencedora do Oscar. A partir da trajetória de Gepeto, um pai que cria o filho sozinho, ampliamos a compreensão de família para além do modelo tradicional. Buscamos, assim, desfazer a ideia equivocada de que Winnicott desconsiderava a presença do pai no amadurecimento emocional. Além disso, ressaltamos a importância da capacidade de sobrevivência do ambiente cuidador e seu papel na elaboração imaginativa dos impulsos destrutivos – aspectos fundamentais para a conquista no estágio da consideração (*concern*).

Palavras-chave: Winnicott, pai, função paterna, estágio da consideração.

Abstract

This article explores the paternal function from the

1 - Este trabalho integra uma pesquisa científica desenvolvida durante um estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. Uma versão simplificada foi apresentada no XVII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D. W. Winnicott, realizado em João Pessoa, em setembro de 2023.

2 - Psicanalista. Membro do Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana (IBPW) e da *International Winnicott Association* (IWA). Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Atualmente, realiza uma pesquisa de pós-doutorado na PUC-SP. Finalista do Prêmio Jabuti em 2023. Criador do podcast *Psicanálise de Boteco*. Endereço: Rua do Símbolo, 100, 62A. Panamby. São Paulo, SP. CEP: 05713-570. E-mail: alexandrepatriciodealmeida@yahoo.com.br

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 152-167	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	------------	----------

perspective of D. W. Winnicott, using Guillermo del Toro's Oscar-winning animated film *Pinocchio* (Netflix, 2022) as a reference. Through the story of Geppetto, a father raising his son alone, we expand the understanding of family beyond the traditional model. In doing so, we challenge the misconception that Winnicott overlooked the father's role in emotional development. Furthermore, we emphasize the importance of the caregiving environment's capacity for survival and its role in the imaginative elaboration of destructive impulses – fundamental aspects for achieving the stage of concern.

Keywords: Winnicott, father, paternal function, stage of concern.

À guisa de introdução

*Abro os olhos.
Não vejo mais meu pai.
Não ouço mais a voz de meu pai.
Estou só. Estou simples.
(Manoel de Barros)*

Desde os primórdios da psicanálise, a questão da função paterna tem sido central para a compreensão do desenvolvimento psíquico. Freud, ao formular o complexo de Édipo, atribuiu ao pai o papel de interditor, ou seja, aquele que introduz a lei simbólica, especialmente em “Totem e tabu” (Freud, 1913)³ – uma obra que, à sua época, provocou grande debate. Entretanto, a psicanálise não parou aí. Com o tempo, diferentes teóricos revisitaram essa concepção, ampliando as funções atribuídas ao pai e reconhecendo sua presença desde os primeiros momentos da vida psíquica.

Entre esses teóricos, Donald W. Winnicott se destaca. Embora tenha concentrado seus estudos na relação mãe-bebê, ele nunca ignorou a importância do pai como parte do

3 - Sobre esse debate, recomendo o excelente texto “O pai e o monoteísmo em Winnicott”, de Zeljko Loparic (2014).

ambiente facilitador. Mais do que uma figura de autoridade, o pai, em sua perspectiva, participa da sustentação do espaço em que a criança se desenvolve, tornando possível a elaboração dos impulsos destrutivos e a conquista da capacidade de consideração pelo outro (*concern*).

É a partir dessa leitura que me volto para a animação “Pinóquio” (Netflix, 2022), dirigida por Guillermo del Toro e vencedora do Oscar. Ao escolher essa obra como objeto de análise, quero não apenas aprofundar a compreensão da função paterna⁴ do ponto de vista winnicottiano, mas também abrir espaço para a reflexão sobre os novos modelos de parentalidade e as transformações nas configurações familiares contemporâneas. Afinal, embora a psicanálise tenha historicamente privilegiado a família nuclear, é impossível ignorar as mudanças que redesenham os laços parentais na atualidade.

Na releitura de del Toro, Gepeto encarna essa função de maneira bastante significativa. Após perder o filho, ele se vê imerso no luto e na solidão e, movido por esse vazio, dá vida a um boneco de madeira na tentativa de recriar o vínculo perdido. A ausência de uma figura materna e a tentativa de Gepeto de ocupar esse papel ampliam a discussão sobre o “lugar” do pai e a importância do ambiente, que não depende de um formato fixo, mas da qualidade dos cuidados oferecidos à criança.

A relação entre Gepeto e Pinóquio atravessa diversos desafios, distanciamentos e reencontros, como acontece em qualquer dinâmica entre pais e filhos. Conforme irei abordar mais adiante, a desobediência e os atos desafiadores de Pinóquio não representam simples transgressões; elas retratam,

4 - Embora Winnicott utilize a palavra “pai”, prefiro empregar o termo “função paterna”, pois este conceito abrange não apenas a figura paterna em si, mas o papel estruturante que pode ser exercido por diferentes pessoas ou até mesmo por instâncias simbólicas. A função paterna, nesse sentido, não se restringe à biologia ou à presença de um pai concreto, por assim dizer, mas diz respeito à introdução da alteridade, à separação necessária da díade mãe-bebê e à sustentação de limites que favorecem o amadurecimento psíquico. Essa escolha terminológica permite uma perspectiva mais ampla e condizente com a diversidade das configurações familiares e das dinâmicas subjetivas contemporâneas.

antes disso, um movimento fundamental de experimentação do ser e a busca por autenticidade. Winnicott nos ajuda a compreender esse período como um processo necessário para o amadurecimento emocional, isto é, como algo que pertence à condição de “estar vivo”.

Por isso, ao longo deste artigo, pretendo discutir as diferentes tarefas paternas segundo Winnicott, demonstrando que seu pensamento jamais relegou o pai a uma posição secundária. Pelo contrário, a presença paterna se mostra essencial para a sustentação do ambiente e para o desenvolvimento saudável da criança. Com essa descrição, espero contribuir para a desconstrução de leituras reducionistas da teoria winnicottiana e, ao mesmo tempo, lançar luz sobre a riqueza das novas configurações familiares que pertencem ao mundo contemporâneo.

A paternidade para Winnicott

Como sabemos, a teoria do amadurecimento emocional, desenvolvida por Winnicott, coloca o ambiente no centro do desenvolvimento psíquico. Para que um bebê se constitua de maneira saudável, ele precisa de um ambiente suficientemente bom, onde seus impulsos possam ser acolhidos e experienciados sem rupturas abruptas. No início da vida, a mãe desempenha um papel crucial, oferecendo suporte através do que Winnicott (1945) chamou de “preocupação materna primária”. Porém, esse não é um trabalho solitário. A presença do pai, ainda que menos visível nos primeiros momentos, é de suma importância na sustentação desse ambiente, permitindo (ou não) que a criança avance para estágios mais complexos do desenvolvimento.

Contudo, a função paterna se torna mais evidente quando o bebê começa a lidar com a separação e a descoberta do mundo externo. Com o tempo, o pai se torna fundamental para ajudar a criança a transitar da ilusão de fusão com a mãe – a realidade subjetivamente percebida – para o campo das

relações objetais – a realidade objetivamente percebida (ou compartilhada). Sendo assim, ele não somente impõe os limites necessários, mas sustenta o ambiente e possibilita que a criança experimente suas próprias agressividades sem que isso leve a um colapso do vínculo. Esse processo, que envolve a sustentação emocional e a função de *holding* (Almeida & Vieira, 2023), tende a assegurar a apropriação gradual dos impulsos destrutivos e a construção de um senso mais sólido de realidade.

Diferente da concepção freudiana clássica, em que o pai aparece como o representante simbólico da castração e da lei, Winnicott propõe um papel mais relacional e flexível. Para ele, o pai é aquele que resiste às investidas destrutivas da criança, garantindo as bases de um contexto em que ela possa se apropriar dos seus próprios impulsos agressivos/destrutivos. Essa mudança de olhar desloca a paternidade de um lugar estritamente normativo para inseri-la no fluxo do amadurecimento emocional e da constituição do self. Mas antes que o pai possa ser esse outro que auxilia o indivíduo na descoberta gradual do mundo externo, ele precisa primeiro existir dentro da própria relação mãe-bebê, ainda que de forma menos visível.

Começamos, então, pelo primeiro estágio definido por Winnicott: *a dependência absoluta*. Nos primeiros meses de vida, o bebê não tem uma percepção clara de si mesmo como um ser separado da figura materna. Ele e ela formam uma unidade simbiótica, na qual a mãe desempenha um papel essencial ao garantir uma adaptação quase total às suas necessidades (Almeida & Naffah Neto, 2021). O pai, nesse período, não ocupa ainda uma função estruturante no desenvolvimento psíquico do bebê, mas ele se insere de maneira dupla: ora como mãe-substituta, ora como suporte da própria relação mãe-bebê.

Quando assume essa função materna, o pai precisa ser capaz de sintonizar-se com o estado de fusão da criança, respondendo às suas demandas de maneira sensível e contínua.

Não se trata, pois, de impor uma presença ativa, mas de ser uma espécie de extensão do ambiente que ampara o lactente. Alguns pais desempenham essa responsabilidade com mais naturalidade, seja porque internalizaram modelos de cuidado durante a própria infância, seja porque conseguem acessar o que Winnicott (1971) chamou de “elemento feminino puro” – uma capacidade empática de identificação com a experiência do bebê.

Entretanto, há outra tarefa igualmente essencial nesse estágio: cuidar da mãe. Se ela precisa estar inteira para o bebê, alguém precisa estar inteiro para ela. O pai (ou quem quer que exerça essa função) deve garantir que a mãe possa se dedicar à preocupação materna primária sem ser atravessada por exigências externas que a desorganizem. Ele não apenas protege esse “território sagrado”, por assim dizer, mas sustenta emocionalmente essa mulher que, ao tornar-se mãe, também vive sua própria transformação psíquica. Quando tal suporte falha, o ambiente corre o risco de se fragmentar, e a continuidade necessária para o amadurecimento do bebê pode ser comprometida.

Com o tempo, o cenário muda. À medida que o indivíduo cresce e entra no período de *dependência relativa*, a presença paterna ganha novos contornos. O pai passa a ser um mediador da separação entre a mãe e o bebê, ajudando a mãe a recuperar sua identidade individual e permitindo que a criança inicie o processo de individuação. Ele surge, então, como um outro que introduz elementos de realidade externa, auxiliando a transição do bebê entre subjetividade e objetividade. Contudo, essa transição não se dá por um corte abrupto. Desse modo, a presença do pai é decisiva para que a mãe possa efetivar essa separação: “nos bons casos ele tem um interesse particular para que os dois componentes desta dupla ganhem rapidamente autonomia; quer ver seu filho crescer e espera reaver sua mulher para si” (Rosa, 2014, p. 28). Nas palavras do nosso autor:

Mas imagino que no final seja o pai quem terá de intervir e defender a esposa. Ele também tem seus direitos. Ele quer não apenas ver a esposa retomar a independência, mas também quer poder ter a sua esposa para si, mesmo que em certos momentos isso signifique excluir as crianças. [...] principalmente quando o pai se impõe, ele se torna importante para as crianças pequenas, desde que ele tenha, antes, conquistado o direito de adotar uma postura firme e de forma amigável. (Winnicott, 1960/2023, p. 100)

Se, na teoria psicanalítica clássica, o pai aparece como aquele que interdita, em Winnicott ele é aquele que possibilita. Possibilita que a mãe cuide, que a criança experimente, que o ambiente sustente. Seu dever não é arrancar o bebê do colo materno, mas ajudar a transformar esse colo em um espaço que possa ser, um dia, deixado para trás sem rupturas traumáticas. No entanto, o que acontece quando esse pai falha em sua tarefa? O que ocorre quando, em vez de sustentar, ele se ausenta ou se impõe de maneira excessiva?

Winnicott nos dá uma pista ao descrever um de seus casos clínicos:

Meu paciente encontra-se nesta posição em que sempre protege a mãe, por ter de preservá-la a fim de poder ter qualquer descanso ou relaxamento. Dessa maneira, não tem conhecimento de que a mãe poderia sobreviver a seu ato impulsivo. *Um pai forte capacita a criança a correr o risco*, ao se pôr no caminho ou se achar lá para corrigir as coisas ou impedi-las através de sua fúria. O resultado em meu paciente, como é costumeiro nestes casos, foi que ele teve de adotar o autocontrole dos impulsos em uma etapa muito inicial, antes de estar preparado para fazê-lo com base em uma figura paterna introjetada. Isto significa que tornou-se inibido, e esta inibição teve de ser de toda espontaneidade e impulso, no caso de alguma partícula do impulso poder ser destrutiva. (Winnicott, 1968/1994, p. 184, grifos meus)

O trecho selecionado revela algo fundamental: a presença paterna não se define por um gesto único, e sim pela continuidade. O pai, na teoria winnicottiana, é um corpo que sobrevive ao impacto da agressividade infantil. Ele está ali para suportar, corrigir, ensinar o que pode ser feito com os próprios instintos sem que isso signifique a destruição do outro. Quando essa sustentação falha, a criança assume um autocontrole precoce – não por maturidade, mas por medo. E o que poderia ser um desenvolvimento saudável se torna um esforço defensivo, no qual qualquer impulso precisa ser silenciado antes mesmo de se consolidar.

Resumindo,

Para o bebê, a primeira unidade que surge inclui a mãe. Se tudo corre bem, o bebê vai perceber a mãe e todos os outros objetos e os verá como não eu, de tal modo que agora há o eu e o não eu. (O eu pode incorporar e conter elementos não eu etc.) Esse estágio dos primórdios do EU SOU só se instala com efeito no self do bebê na medida em que o comportamento da figura materna é suficientemente bom – no que diz respeito à adaptação e à desadaptação. Assim, a mãe é, no início, um delírio que o bebê precisa ser capaz de desautorizar e que tem de ser substituída pela desconfortável unidade EU SOU – e isso envolve a perda da segura fusão unitária original “mãe-bebê”. O ego do bebê é forte se houver um apoio egoico materno para fazê-lo forte; do contrário, ele é fraco. (Winnicott, 1968/2021, p. 72)

Vale destacar, todavia, que no estágio do EU SOU, a mãe ainda não é apreendida pelo bebê como uma pessoa inteira; isto é, ela continua sendo vista como uma aglomeração de objetos parciais. Isso só irá acontecer no *estágio da consideração (concern)*:

Gradativamente, à medida que o bebê descobre que a mãe sobrevive e aceita seu gesto restitutivo, tor-

na-se capaz de aceitar responsabilidade pela fantasia total do impulso instintivo global que antes era impiedoso. A falta de piedade dá lugar à piedade, e a falta de consideração à consideração. (Winnicott, 1958/2022, p. 27)

Após a repetição desse *ciclo benigno*⁵ – que consiste em destruição, sobrevivência e reparação –, a mãe pode ser sentida como uma pessoa inteira. Aqui, o pai finalmente começa a ser percebido como uma figura distinta da mãe, um ponto de referência para a organização psíquica da criança. Winnicott salienta que o infante utiliza o pai como um primeiro modelo de totalidade, alguém que ajuda a estruturar a realidade compartilhada e a administrar as primeiras experiências de agressividade. Esse pai ocupa um lugar suficientemente forte para proteger a mãe dos impulsos destrutivos do bebê sem precisar se impor como uma ameaça – é justamente essa conduta que forma as bases de um superego saudável⁶. De acordo com Rosa:

5 - “Os impulsos instintivos levam ao uso impiedoso dos objetos, e daí a um sentimento de culpa que é retido e mitigado pela contribuição à mãe-ambiente que o bebê pode fazer no decurso de algumas horas. Além disso, a oportunidade para doar e fazer reparação – que a mãe-ambiente oferece por sua presença consistente – permite que o bebê se torne cada vez mais ousado ao experimentar seus impulsos instintivos; ou, dito de outro modo, libera a vida instintiva do bebê. Assim a culpa não é sentida, mas permanece dormente, ou em potencial, e aparece (como tristeza ou estado de ânimo deprimido) somente se não surge oportunidade de reparação. Quando se estabelece a confiança nesse ciclo benigno e na expectativa da oportunidade, o sentimento de culpa relacionado com os impulsos do id sofre nova modificação; precisamos então de um termo mais positivo, tal como ‘consideração’” (Winnicott, 1963/2022, p. 96).

6 - Winnicott distingue um superego saudável de um superego falso com base na maneira como a função reguladora da moralidade e da culpa se estrutura no desenvolvimento emocional do indivíduo. Um superego saudável é resultante de um ambiente suficientemente bom, no qual a criança internaliza, de forma gradativa e integrada, os cuidados e os limites impostos por figuras parentais de maneira confiável e acolhedora. Esse superego possibilita a experiência de culpa como parte do amadurecimento emocional, permitindo a reparação e a consideração pelo outro, elementos centrais para o estágio da consideração (*concern*). Já o superego falso, ou patológico, resulta de um ambiente que impõe regras rígidas e expectativas severas, sem fornecer um espaço para a espontaneidade ou para a expressão autêntica do self. Em vez de ser um guia interno que favorece o crescimento, ele atua como uma instância persecutória e punitiva, muitas vezes baseada na internalização de exigências parentais excessivas ou inconsistentes. Como resultado, o sujeito pode desenvolver um sentimento de culpa artificial ou uma obediência compulsiva, em detrimento de sua criatividade e autenticidade.

A presença do pai possibilita à criança ousar mais, “ir mais fundo”, proporciona que a experimentação da instintualidade se dê em sua plenitude sem ser restringida, diminuída ou empobrecida pelo medo. [...] A proteção que o pai oferece nesse momento é a de pôr limites, o que permite à criança vivenciar seus impulsos, tendo, dessa maneira, a oportunidade de conhecê-los e aprender a controlá-los. (Rosa, 2014, p. 32)

Mais tarde, quando o complexo de Édipo entra em cena, o papel do pai se modifica novamente. Agora, ele é também aquele que frustra. A criança já não o vê apenas como um suporte ou um referencial de estabilidade, mas como um rival amoroso na relação com a mãe. Esse conflito, no entanto, não deve ser suprimido. Pelo contrário, precisa ser vivido dentro de um ambiente que não amplifique o sentimento de culpa e o medo da retaliação. O pai, nesse momento, colabora ativamente para o processo de diferenciação entre fantasia e realidade, permitindo que a criança elabore seus sentimentos ambivalentes, sem que eles se tornem fonte de uma angústia insuportável (Almeida & Naffah Neto, 2022).

Como podemos notar, a maneira como a função paterna acontece durante todo o percurso do desenvolvimento infantil tem consequências diretas na organização emocional da criança. Um pai que se mantém disponível, sem ser invasivo, cria uma base segura para que o filho desenvolva sua identidade e seus impulsos sem o receio da destruição ou do abandono. Por outro lado, falhas na função paterna – seja pela ausência, pelo excesso de rigidez ou pela incapacidade de sustentar as angústias da criança – podem gerar formas precárias de relação com a autoridade, rupturas na identidade e manifestações patológicas do sentimento de culpa. O indivíduo que não experimenta um limite que o suporta pode crescer sem saber testar o mundo, ou, ao contrário, testá-lo incessantemente, na esperança de encontrar um contorno que o contenha.

Grosso modo, o que Winnicott propõe não é a negação da autoridade paterna, mas sua humanização. O pai pode ser compreendido, nesses termos, como um facilitador do amadurecimento emocional, alguém cuja presença se mede pela solidez com que sustenta a experiência emocional da criança. E é essa firmeza que permite que o filho, um dia, possa partir sem que isso signifique um rompimento, mas a confirmação de que, antes de se lançar ao mundo, houve um lugar onde pôde ser recebido.

Articulações com o filme

No caso de Pinóquio, é possível identificar claramente a dinâmica que acompanhamos nessa breve descrição do pensamento winnicottiano. Pinóquio nasce do luto: Gepeto, consumido pela dor, dá forma ao boneco como quem tenta moldar o passado à sua vontade. Porém, a madeira, por mais hábil que seja a mão do artesão, tem vida própria. De acordo com Winnicott, a parentalidade se ancora na capacidade de suportar o inesperado, de sobreviver frente ao impacto da subjetividade do outro. Gepeto demora a entender que não se trata de trazer Carlo de volta – o seu filho que havia falecido em decorrência dos bombardeios da Guerra –, mas de acolher Pinóquio como ele é; ou seja, imperfeito, desobediente, vivo.

Desde o início, Pinóquio personifica a espontaneidade que Winnicott aponta como essencial para o amadurecimento emocional. Ele não é um boneco disciplinado, moldado para corresponder às expectativas do pai. Pelo contrário, corre sem pedir permissão, mente sem culpa, desafia sem hesitação. Recusa-se a ser uma réplica de Carlo, pois sua própria existência questiona o desejo narcísico de Gepeto, que ainda se agarra ao filho perdido como a única forma legítima de amor. O problema é que amar uma projeção não significa amar alguém de fato. Assim, enquanto Gepeto enxerga em Pinóquio apenas a ausência de Carlo, qualquer possibilidade de vínculo real entre eles se torna inviável.

A relação entre os dois se desenvolve em meio a desencontros, frustrações e aprendizados. Pinóquio, movido por sua natureza curiosa e impulsiva, se envolve em situações perigosas que o afastam do pai e o levam a enfrentar desafios além de sua compreensão infantil. Seduzido por promessas de diversão e reconhecimento, acaba se desviando do caminho de casa e se vê explorado por aqueles que se aproveitam da sua ingenuidade. Durante essa trajetória inusitada, ele passa por experiências que o confrontam com a dureza do mundo e o obrigam a lidar com a consequência das suas escolhas.

Paralelamente, Gepeto, inicialmente rígido e aprisionado ao luto, embarca em sua própria travessia emocional. Diante da ausência de Pinóquio, o pai se vê obrigado a sair de sua posição passiva, movendo-se não mais pelo fantasma de Carlo, mas pelo vínculo, ainda em formação, com o filho de madeira.

Após uma sucessão de travessuras que colocam em perigo aqueles que o cercam, Pinóquio finalmente alcança o estágio da consideração (*concern*). Esse amadurecimento só se torna possível porque Gepeto sobrevive ao impacto de conviver com um filho tão imprevisível e transgressor – uma presença que, em certos momentos, chega a incomodar até o espectador. A jornada do boneco de madeira rumo à maturidade emocional exige que seu pai resista ao choque com sua espontaneidade, suportando sua inquietação e seus impulsos caóticos sem revidar de maneira destrutiva. Gepeto não o abandona, não tenta controlá-lo a todo custo, nem o reduz a um ideal inatingível. Ele aguenta. E, ao sobreviver ao filho real – e não à projeção de um filho idealizado – permite que Pinóquio descubra a capacidade de reparar, de cuidar, de reconhecer o outro – elementos essenciais para a experiência do *concern*.

Ora, é esse ponto que Winnicott destaca em suas considerações teóricas: o outro precisa continuar existindo para que o indivíduo desenvolva a capacidade de empatia (Almei-

da, 2021). Sem um ambiente que sobreviva ao caos inicial, sem alguém que suporte a agressividade sem revidá-la, não há possibilidade de alcançar o estágio da consideração.

Lembremos que, inicialmente, Gepeto deseja ter um filho “bom”; contudo, essa bondade, no fundo, significa docilidade, previsibilidade, uma réplica sem vida de Carlo. Aliás, o que significa ser bom?

Obedecer? Silenciar-se? Moldar-se ao desejo de outro? Na linhagem winnicottiana, não há amadurecimento na conformidade absoluta. O indivíduo só se torna capaz de amar e se responsabilizar pelo outro quando pode existir sem medo de ser destruído por isso. Cito o nosso autor:

No entanto, essa sobrevivência pode não acontecer. Dessa maneira, chegamos a uma nova característica da teoria da relação de objeto. O sujeito diz ao objeto: “Eu destruí você”, mas o objeto está lá para receber a comunicação. De agora em diante o sujeito diz: “Olá, objeto! Eu destruí você”; “Eu amo você”; “Você tem valor para mim porque sobreviveu quando o destruí”; “Embora ame você, eu o destruo o tempo todo em minha fantasia (inconsciente)”. É nesse ponto que a fantasia começa para o indivíduo. O sujeito pode agora usar o objeto que sobreviveu. É importante destacar que o sujeito não destrói o objeto simplesmente porque este está fora da área de controle onipotente. Além disso, é igualmente importante afirmar o inverso: é a destruição do objeto que o retira da área de controle onipotente. Desse modo, o objeto desenvolve sua própria vida e autonomia e (quando sobrevive) contribui com o sujeito, conforme suas propriedades específicas. (Winnicott, 1971/2019, p. 147)

Pois bem, é a tensão entre o desejo de Gepeto e a espontaneidade de Pinóquio que abre espaço para a transformação de ambos. Se o pai amadurece quando aceita que seu filho seja diferente do que esperava, o filho amadurece quando percebe que tem o poder de tocar e modificar aquele que o

criou. Pinóquio aprende que seu amor não precisa ser submissão; pode ser gesto, escolha, implicação.

O auge do filme sintetiza essa hipótese. Pinóquio se sacrifica para salvar Gepeto, mas esse ato não representa um apagamento de si. Ao contrário, trata-se do ponto máximo da sua afirmação como sujeito. Ele não age por obediência cega; age porque simplesmente deseja fazê-lo. É como se ele não respondesse a nenhuma ordem externa, falsa, colocada de fora para dentro. O que assistimos, nas últimas cenas, é uma decisão legítima. É nesse momento que a relação se inverte. A narrativa nos leva a crer que Gepeto, o criador, daria vida ao boneco. Entretanto, a grande ironia – e a grande verdade psicanalítica – é que, no fim, é Pinóquio quem ensina Gepeto a viver. Não como um homem preso ao passado, amargurado pelo luto, mas como alguém capaz de habitar o presente, de amar um filho pelo que ele é (e não pelo que deveria ter sido).

Penso que a redenção de Gepeto não está em transformar Pinóquio em um menino de carne e osso, mas em vê-lo como um filho real, independente da matéria de que é feito. Amar Pinóquio não significa curá-lo da sua condição natural, e sim renunciar aos ideais para enxergar a preciosidade do que já existe.

Winnicott nos ensina que o vínculo mais puro nasce a partir do reconhecimento. Nesse sentido, não é um milagre da Fada Azul que transforma nossos dois heróis em pai e filho, mas a força intrínseca da aceitação mútua. Lembremos, pois, que o amor verdadeiro não molda, não corrige, não força o outro a se encaixar. Ele sustenta, resiste, sobrevive – e, ao sobreviver, transforma. É seguindo por essa via que Gepeto, enfim, torna-se pai.

Referências

- Almeida, A. P. (2021). Empatia na psicanálise: Um enfoque na teoria de Klein e Winnicott. **Psicanálise & Barroco em Revista**, 19(1), 162–183. <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2021.v19i1.162-183>
- Almeida, A. P., & Naffah Neto, A. (2021). A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: Novas perspectivas para a educação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 24(3), 517–536. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p517-3>
- Almeida, A. P., & Naffah Neto, A. (2022). O estágio da concernência e a elaboração do complexo de Édipo: revisitando Winnicott e o caso Piggie. **Psicologia Revista**, 31(1), 27–50. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2022v31i1p27-50>
- Almeida, A. P. & Vieira, F. P. (2023). Nem tudo é holding na clínica winnicottiana. In S. Gomes (Org.), **Winnicott: seminários mineiros (ambiente e holding)**. Rio de Janeiro: INM Editora.
- Del Toro, G. (Diretor), & Gustafson, M. (Diretor). (2022). **Pinóquio** de Guillermo del Toro [Filme]. Netflix.
- Freud, S. Totem e tabu. In S. Freud, **Obras completas** (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Loparic, Z. (2014). O pai e o monoteísmo em Winnicott. In C. D. Rosa (Org.), **E o pai? Uma abordagem winnicottiana**. São Paulo: DWWeditorial.
- Rosa, C. D. (2014). O pai em Winnicott. In C. D. Rosa (Org.), **E o pai? Uma abordagem winnicottiana**. São Paulo: DWWeditorial.
- Winnicott, D. W. (1994). Ilustração clínica de o uso de um objeto. In D. W. Winnicott, **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1968)
- Winnicott, D. W. (2019). **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (2021). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (2021). Sum: eu sou. In D. W. Winnicott, **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (2022). Psicanálise e o sentimento de culpa. In D. W. Winnicott, **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (2022). O desenvolvimento da capacidade para a consideração. In D. W. Winnicott, **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (2023). O que incomoda? In D. W. Winnicott, **Falando com pais e mães**. São Paulo: Ubu. (Trabalho original transmitido na rádio BBC em 1960)

OS DESTINOS DO TRAUMÁTICO EM *TUDO É RIO*¹

THE DESTINATIONS OF THE TRAUMATIC
IN BOOK “TUDO É RIO”

Simone Isabel Jung²
Carmén Lucia Costa³
Maria B. Silveira⁴
Marli Bergel⁵

Resumo:

O artigo tem por objetivo refletir sobre os destinos possíveis para situações traumáticas a partir da escrita de Carla Madeira em “Tudo é Rio”. Em seu livro, a autora apresenta, paulatinamente, os personagens Dalva, Venâncio e Lucy, e suas vivências traumáticas e os destinos encontrados para elas, de acordo com suas singularidades. O traumático congela a temporalidade psíquica. Condensa tempo e espaço. Presente e passado não se distinguem. Como não houve possibilidade de elaboração do trauma ele retorna, se re/apresenta numa tentativa de integração, de tramitação no psiquismo em busca de sentido. Na clínica, a repetição do traumático poderá encontrar o destino da simbolização/integração no contato com um novo objeto para que a repetição se transforme em historicização do vivido não pensado. Mas e na vida

1 - Trabalho apresentado na Jornada do ITI-POA 2022 e com alterações no XVIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de Donald Winnicott 2024

2 - Psicóloga, Doutora em Psiquiatria-UFRGS, Docente da FACCAT e ITIPOA. End: Emílio Lucio Esteves, 1177/303, Taquara/RS. simoneisabeljung@gmail.com

3 - Psicóloga, Docente ITIPOA, Profissional na Equipe Multiprofissional de Atenção Especializada em Saúde Mental (AMENT) End: João Batista S. de souza, 188/1002 Cachoeirinha. RS. carmenlucixl@gmail.com

4 - Médica Pediatra, Docente do ITIPOA. End: Mostardeiro, 157/503 POA/RS. marisasilveira157@gmail.com

5 - Psicóloga, Psicanalista, Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Docente ITIPOA. End: Mostardeiro 5/902, POA/RS. marlibergel@terra.com.br

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 168-178	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	------------	----------

sem análise, existe essa possibilidade? Os “acontecimentos” vivenciados por Venâncio e Lucy junto a Dalva possibilitaram transformação, descongelamento do traumático? A partir de Winnicott e outros autores refletimos a respeito dessa trajetória tão bem contada por Carla Madeira.

Palavras-Chave: psicanálise e literatura, trauma, simbolização.

Abstract:

The article aims to reflect on the possible destinations for traumatic situations based on Carla Madeira's writing in “Tudo é Rio”. In her book, the author gradually presents the characters Dalva, Venâncio and Lucy, as well as their traumatic experiences and the destinies found for them, according to the characters singularities. The traumatic paralyzes the psychic temporality. Condenses time and space. Present and past are not distinguished. As there was no possibility of elaborating the trauma, it returns. It re/presents itself in an attempt at integration, aiming to search some sense. In the psychoanalytic clinic, the repetition of the traumatic event may find the destination of symbolization/integration in contact with a new object. So the repetition may become historicization of the unthought-out lived experience.

But what about life without analysis, is there such a possibility? Did the “events” experienced by Venâncio and Lucy with Dalva enable transformation, the unfreezing of the traumatic? Based on Winnicott and other authors, we reflect on this trajectory so well told by Carla Madeira.

Keywords: psychoanalysis and literature, trauma, symbolization.

Em seu livro “Tudo é Rio” Carla Madeira nos entrega um Rio, profundo, denso. Navegamos, nadamos e até ousamos um pequeno mergulho nas profundezas dele. Nos banhamos nesse Rio, refletimos a respeito do que ele nos fez sentir e chegamos aqui com o que agora compartilharemos.

A narrativa conta com três personagens principais: Lucy, Venâncio e Dalva. A história inicia já de forma intensa com Lucy, a puta desejada por todos, que afirmava ser a única puta de vida fácil, já que é uma puta que gosta de dar. Nasceu de uma trepada feliz! “Pai e mãe [...] davam carinho, enfeitavam a filha única com aquele amor alegre. E então, quando já estava acostumada a ter o que bem entendesse, perdeu pai e mãe ao mesmo tempo.” (Madeira, 2022, p.35).

No dia do enterro, não teve quem não sentisse dó vendo aquela menina ordenar aos pais que se levantassem. Pela primeira vez, eles a desobedeceram. Acolhida pela tia paterna, Lucy sentia que o amor distribuído entre ela e as primas era desigual. Ao crescer, atíça o tio, que lhe indica um caminho onde poderia encontrar sempre o sim: o sexo.

Venâncio, outro personagem, é um homem triste, “sofria a insuportável saudade de ter um pai que nunca teve” (Madeira, 2022, p 75). Em sua adolescência, a mãe preocupada com a relação de ódio entre pai e filho, o envia para a casa da irmã.

Dalva e Venâncio foram colegas de infância, casaram e viveram bons momentos. No entanto, ele sofria de um mal: ciúme doentio. Mas então, junto com o crescimento da barriga de Dalva, cresce o ciúme de Venâncio. Ao nascer o filho, quando vê Dalva amamentar o menino, os olhos de Venâncio param ali. Sentiu a dor da infidelidade. Arrancou o filho dos braços dela, jogou-o longe e espancou Dalva. Ela, acreditando que o bebê estava morto, entrega-o para Venâncio enterrá-lo. Apesar da tragédia, viveram juntos, com Dalva enclausurada em uma parte da casa, sem sequer olhar para Venâncio. Meses depois, Dalva descobre que o filho sobreviveu e é cuidado por uma amiga da família, passando a visitá-lo diariamente.

Com o passar do tempo, Venâncio começa a frequentar o puteiro e, após muita insistência de Lucy por uma noite de sexo, ele cede e a engravida. E com muita dor percebe que ainda amava Dalva e volta a rejeitar Lucy.

Ao sentir o filho crescer dentro dela, Lucy é tomada de uma ternura inédita e resolve dar o filho João para Dalva, que aceita o menino. Dalva tenta escondê-lo de Venâncio, mas ele aos poucos vai se aproximando. Ela vê nascer o carinho em Venâncio. E, agora que amava João, Venâncio morreria por ele e daria a vida para desfazer sua brutalidade com o outro filho, Vicente, para ele morto. Percebendo no marido a dor e o amor pelo filho em seus olhos, Dalva encerra a saga de dor e rancor, trazendo para casa Vicente.

O que pensamos a respeito dos destinos do traumático dados por Carla Madeira? Quão insuportável pode ser uma experiência que rompe com nossos ideais de humanidade e amor? O trauma para Winnicott é uma ruptura na continuidade do ser, em sua existência pessoal, provocada por falhas do ambiente. O indivíduo se defende congelando a situação da falha, uma espécie de “suspensão” da situação traumática, à espera de condições adequadas para revivê-la. (Winnicott, 1954/ 2000).

Para Ferenczi, o trauma é um choque que aniquila o sentimento de si (1932a/2011). O sujeito é surpreendido por um evento externo que causa uma comoção psíquica e física insuportável, impossível de representação (Ferenczi, 1932b/2011). Porém, o mais traumático ocorre quando o evento é desmentido pelas figuras de confiança.

O indivíduo pode responder ao trauma com defesas primitivas: clivagem narcísica (Ferenczi) e cisão patológica (Winnicott). A clivagem divide o eu em duas partes incomunicáveis: uma “parte sensível, brutalmente destruída e uma outra, que de certo modo, sabe tudo e nada sente” (Ferenczi, 1932/2011, p. 88). Já a cisão, segundo Winnicott, divide o si mesmo em um verdadeiro oculto e um falso si mesmo, que se submete às exigências do ambiente.

Voltemos agora para os personagens e seus traumas. Lucy, que parece ter vivido a infância inicial sem frustrações, mantendo-a na ilusão de onipotência, perde repentinamente os pais. O primeiro “não” surge como um choque- o trauma. Abrigada na casa da tia, Lucy não encontra benevolência materna e nem apoio familiar. A situação traumática fica congelada. Mas por que Lucy se deixou reviver o trauma com Venâncio? Será que desta vez faria renascer os pais, o amor perdido? Ou revive o traumático na esperança de encontrar acolhimento?

Mas, o que aconteceu com Venâncio anos antes, que o fez reagir violentamente ao ver Dalva amamentando Vicente? A agressividade de seu pai teria levado a mãe a impedir a expressão da agressividade primária de Venâncio, por medo de ele seguir o mesmo caminho? Assim, a agressividade de Venâncio teria permanecido cindida e dado início a paranoia? Venâncio parece “alucinar” ao ver a esposa amamentando. A cena ativa sua desconfiança, a paranoia e memórias dos maus-tratos vividos com o pai, que impediram uma relação exclusiva com a mãe, essencial no início da vida. Venâncio não suporta ver o filho ser amamentado: a agressividade desfusionada retorna alucinatoriamente!

Conforme Winnicott “um dado lamentável em pessoas realmente ciumentas é que não tiveram a oportunidade de ficar furiosas, ciumentas e agressivas na época em que isso teria sido razoável e controlável.” (1965a/1999, p.75). Seria esse o caso de Venâncio por medo de sua mãe de que ele fosse igual ao pai? Continua Winnicott:

caso o indivíduo tivesse tido essa chance, o mais provável é que passasse pela fase ciumenta e saísse dela como a maioria das crianças. Em vez disso, o ciúme interiorizou-se e a sua verdadeira razão se perdeu, de modo que todo um repertório de falsas razões para o ciúme são constantemente apresentadas. (1965/1999, p.75)

Quanto aos maus-tratos sofridos por Venâncio, podemos supor, que não foram suficientemente reconhecidos por sua mãe: uma possível desmentida? Afinal a autora nos dá um sinal nesse sentido: “Presos no desamor, viviam acorrentados como quem ama.” (Madeira, 2022, p. 77). O destino então é o ato, a violência, como se pudesse apagar aquela cena. A defesa foi a clivagem, a cisão e a identificação com o agressor, que busca a sobrevivência, ao menos, de um fragmento do “eu”.

No dia em que atacou o filho, Venâncio fez aquele mesmo caminho acompanhado pela loucura. Sentiu muita raiva de si mesmo. Lembrou da primeira vez que odiou o pai. Foi na hora do almoço, ele derramou um copo de suco na toalha branca. O pai bateu na cara dele [...] até o nariz sangrar [...] A covardia do pai em fazer aquilo com um menino de 7 anos era imensa e ainda assim menor do que a covardia de atirar o filho recém-nascido longe. (Madeira, 2022, p.144).

O trauma produz, como sabemos, além de um efeito des-historicizante, um efeito totalizante: “isto não está assim, é assim” (Schor, 2017, p. 189). Para Venâncio não havia a possibilidade de imaginar que sua relação com o filho poderia ser diferente da que fora com seu pai. Além disso, a mãe separa o filho do pai na adolescência confirmando que o ódio poderia virar tragédia; novamente fica impossibilitada a simbolização e a elaboração que a adolescência possibilita. Identificando-se com o agressor Venâncio passa da passividade à atividade: agride a dupla mãe-filho. O ódio vira tragédia!

Já a personagem Dalva tem a cena traumática no nascimento do filho: a agressão de Venâncio. A autora nos dá elementos para pensarmos o que foi vivido por Dalva quando, após um parto sem a presença da mãe é agredida pelo marido:

...ela conheceu a dor desumana de perder tudo. Perdeu o homem que amava, o filho que amava e a fé. [...] Perdeu todas as palavras. [...] Na sua cabeça vinha o

ódio que viu nos olhos de Venâncio. [...] De onde veio aquele ódio? Filho, por favor, não olhe [...] Ela parece compreender que o ódio do pai pode ser contagiante e tenta proteger o filho desse olhar. (Madeira 2022, p.67).

Cabe neste momento perguntarmos como ocorre a recuperação de uma vivência traumática? Ela é possível? Ferenczi e Winnicott referem que a recuperação só é possível quando o indivíduo encontra um ambiente confiável e facilitador.

Lucy viu entre Dalva e Venâncio “um grande amor desencaminhado. Não tinha lugar pra ela [...] Calou assustada, não tinha forças para rejeitar a piedade de Dalva” (Madeira 2022, p.152) quando esta a defende de um ataque de fúria de Venâncio. Após esta experiência de bondade vivida com Dalva, o que acontece com Lucy é revelador: “Sentir o filho crescer tirou tudo do lugar [...] Uma ternura inédita encontrou orifício qualquer por onde entrar. [...] De modo que a ternura pingou miúda e foi tomando conta.” (Madeira 2022, p.169). E logo Lucy decide que João será doado para Dalva. Ela queria voltar a ser puta, o que gostava de fazer e pensou que Dalva não era uma pessoa como sua tia. Até que se dá o desfecho em que Dalva divide a maternidade com ela, deixando por um tempo João aos seus cuidados. Algo de amor restava em Lucy sob os escombros da dor, vindo possivelmente de suas experiências iniciais com os seus pais e da vivência atual de sobrevivência e benevolência de Dalva.

E Venâncio? Como foi acontecendo o processo de cura? Em alguns momentos acompanhamos as reflexões de Venâncio após anos sem falar com Dalva, sem receber dela uma palavra sequer. “Como ele pôde machucar o filho? Quantas vezes rezou para acordar como se tudo não passasse de um pesadelo? [...] Uma dor que fazia ele morrer todos os dias, muitas e muitas vezes.” (Madeira, 2022, p. 186). Entretanto, a atitude de Dalva que não negou o ódio sentido, mas sobreviveu ao ataque de Venâncio e acolheu seu filho com Lucy, trouxe a ele um ambiente de cuidado, de confiabilidade e uma

perspectiva de cura. Winnicott compreende que é “nas psicoses – e não nas neuroses – que devemos esperar exemplos de autocura. Algum evento ambiental, talvez uma amizade, pode prover uma correção da falha da provisão básica e desfazer o bloqueio que impedia a maturação”. (1963/1988, p. 232).

Como já mencionado, Dalva se permitiu sentir e expressar intensamente sua raiva de Venâncio ao longo de 7 anos. Dalva “poderia ter se vingado...perdoado...feito tantas coisas se pudesse. [...] só pôde o que fez. Quem vê de fora arruma arranjos melhores, mas é dentro, bem no lugar que a gente não vê, que o não dar conta ocupa tudo.” (Madeira, 2022, p. 134).

Para Winnicott uma das tarefas de maior relevância do analista é a de manter a objetividade diante das associações e atos do paciente, “e um caso especial desse tema é a necessidade de o analista ser capaz de odiar o paciente objetivamente”. (Winnicott, 1947/2000, p. 279)

Foi com os cuidados de Dalva e através do filho com Lucy que Venâncio parece se reencontrar. João não sendo filho biológico de Dalva, permite nascer seu amor paterno, talvez com menos ciúme, rivalidade e ódio. A vida oferecendo-lhe uma nova chance! Venâncio se encontrando com seu verdadeiro self!

A personagem Dalva, por sua vez, encontra um ambiente favorável para elaborar toda a sua dor, ao receber o apoio da mãe, que considera ter sido difícil para ambas a falta dela no nascimento do neto e no luto da filha. É assim que age:

Aurora entrou no quarto. O corpo estava lá, sozinho, vazio de tudo que ela tinha sido. Sem esperança. [...] Não tentou nenhuma palavra. Se deitou na cama com a filha, os corpos encaixados, os braços envolvendo Dalva num agasalho de mãe. Horas eternas. A pele quente das mãos entrelaçadas, soprando um pouco de alívio na carne viva. (Madeira 2022, p.135)

Aurora, ao se despedir da filha lhe deixa uma carta:

O que peço a Deus com fervor é para dar conta. [...] A gente passa a vida pelejando com o dilema de existir ou desistir, com o que é bom ou o que é ruim, o certo e o errado, a morte e a vida. [...] Então pede pra parte boa dar conta da parte ruim. (Madeira 2022, p.138).

Assim, Dalva foi descongelando aos poucos: foi se como-vendo, “começava a dar conta de não desprezar a parte boa do que viveu.” (Madeira, 2022, p. 169). Decide receber em seus braços João: o amor era irreversível. Testemunha o nascer do amor de Venâncio pelo filho e, confiando neste novo ambiente, busca Vicente para o convívio familiar.

De qualquer modo, a narrativa de Carla Madeira nos deixou uma questão: na vida, sem análise, existe essa possibilidade de transformação da situação traumática? O encontro de um novo objeto, como Dalva e João na vida de Venâncio, oferece a possibilidade de autocura como menciona Winnicott (1963/1988)? Não terá Vicente o mesmo destino do pai, carregar vida afora o peso do ódio? Poderá Dalva oferecer ao marido e ao filho uma solução que se aproxime um pouco mais daquilo que chamamos de integração e simbolização do traumático? O ódio sentido por Venâncio poderia ter sido finalmente experienciado e integrado ao seu self?

A confiança é “algo que estabelece o contraste entre o presente e o passado insuportável e traumatogênico” (Ferenczi, 1933/2011, p. 100). Portanto, ela é essencial, no processo terapêutico, e está intimamente ligada à troca de afeto entre o traumatizado e o ambiente ou entre o paciente e o analista. Sobre os objetivos do tratamento, Winnicott (1988c, p. 152) afirma: “faço análise porque é do que o paciente necessita. Se o paciente não necessita análise então faço alguma outra coisa”. Terá o trio de Tudo é Rio vivido essa “outra coisa” referida por Winnicott?

Para finalizar, nos perguntamos ainda se o final do livro não estaria romantizado. Porém, percebemos que a autora não conclui com “felizes para sempre”:

Estavam diante de um caminho alagado. Sob a superfície da água, não era possível ver nada que não fosse o céu azul. Ainda assim o próximo passo trazia a possibilidade de abismos.(Madeira, 2022, p.206).

Referências

- Dias, Elsa. (2003). **A Teoria do amadurecimento de D.W.Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferenczi, Sandor (2011). Análise de crianças com adultos. In: Ferenczi, S. (2011) **Obras completas** (Vol. 4, pp.79-95). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931).
- Ferenczi, Sandor (2011). Reflexões sobre o trauma. In: Ferenczi, S (2011), **Obras Completas** (Vol. 4, pp 125-135). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932a).
- Ferenczi, Sandor (1990). **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Trabalho original publicado em 1932b).
- Ferenczi, Sandor (2011) “Confusão de língua entre os adultos e a criança”. In: Ferenczi, S. (2011) **Obras completas** (Vol.4, pp. 111-121) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Madeira, Carla (2022). **Tudo é Rio**. São Paulo-Rio de Janeiro: Record.
- Schor, Daniel (2017). **O efeito des-historicizante do trauma: um ensaio sobre as dimensões da temporalidade psíquica** (pp 179-194). Rev. bras. psicanál vol.51 no.3 São Paulo jul/set.
- Winnicott, D. W. (1988a). Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica. In: Winnicott, D. W. (1988). **O Ambiente e os Processos de Maturação**. (pp 225-233). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (1988b). Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: Winnicott, D. W. (1988) **O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional** (pp. 128-139). Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1990c). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: D. W. Winnicott (1988) **O ambiente e os processos de maturação** (pp. 152-155). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962)

Winnicott, D.W. (1999) Ciúme. In: Winnicott, D. W. (1999) **Conversando com pais** (pp.49-75). São Paulo. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).

Winnicott, D.W. (2000). O ódio na Contratransferência. In: D. W. Winnicott. (2000). **Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas.** (pp.277-287). Rio de Janeiro: Imago.(Trabalho original publicado em 1947).

Winnicott, D.W. (2000). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In D. W. Winnicott. (2000). **Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas.** (pp.374-398). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954).

Winnicott, D.W. (2020). A comunicação do bebê com a mãe e da mãe com o bebê, comparada e contrastada. In: Winnicott, D. (2020). **O bebê e suas mães.** São Paulo: UBU (Trabalho original publicado em 1968).

USO DE ANTIDEPRESSIVOS PARA O TRATAMENTO DE DEPRESSÃO SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE¹

USE OF ANTIDEPRESSANTS FOR THE TREATMENT OF DEPRESSION FROM THE PERSPECTIVE OF PSYCHOANALYSIS

Wagner Della Giustina Silva²
Juliana da Silva Carminatti ³

Resumo:

A depressão, ou mal do século XXI comumente chamada, não só cria um sofrimento para o sujeito que está acometido, mas também a todo seu núcleo familiar e social. O presente estudo investigou o uso de antidepressivos para o tratamento de depressão na perspectiva psicanalítica. A pesquisa ocorreu de forma qualitativa de caráter exploratório. Os participantes foram, no total, quatro psicanalistas e psicólogos da região metropolitana de Porto Alegre. Para a análise de dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo, de Bardin (2011). Os resultados apontaram que o papel da depressão na atualidade evidencia-se em um sujeito esgotado, o qual tem muita demanda para suprir e, ao mesmo tempo, parece querer alcançar um ideal inalcançável. Tudo está ao seu alcance, mas, na mesma proporção que se conquista, também se descarta, nada mais tem valor. Não sabe mais o que é realidade, criou um mundo quase perfeito na rede virtual. Toda essa frustração, violência consigo mesmo, excesso de positividade leva à depressão. O antidepressivo é fundamental para essa sociedade não entrar em colapso, todavia, ele é o reflexo de uma sociedade adoecida.

Palavras-chave: Antidepressivos. Depressão. Psicanálise.

1 - Artigo apresentado ao curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS, como requisito para aprovação de Trabalho de Conclusão de Curso.

2 - Acadêmico do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. E-mail: wagnersilva@sou.faccat.br

3 - Mestra orientadora das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. E-mail: julianacarminatti@faccat.br

Rev. Rabisco	Porto Alegre	V. 14	nº 1	p. 179-205	Jun 2025
--------------	--------------	-------	------	------------	----------

Abstract:

Depression, commonly referred to as the ailment of the 21st century, not only brings suffering to the affected person, but also impacts their family and social circle. This study aimed to investigate the use of antidepressants for the treatment of depression from a psychoanalytic perspective. The research was conducted qualitatively in an exploratory manner, with a total of four psychoanalysts and psychologists from Porto Alegre's metropolitan area as participants. Content Analysis, following Bardin's (2011) methodology, was employed for data analysis. The results indicated that depression's role in contemporary society manifests in an exhausted individual, facing overwhelming demands and seemingly striving for an unattainable ideal. Everything is within reach, yet what is gained is simultaneously disposable, devoid of value. The individual loses touch with reality, building an almost perfect world in the virtual realm. The culmination of frustration, violence against oneself, and an excess of positivity leads to depression. Antidepressants are crucial for preventing the collapse of such a society; however, they also reflect a society that is ill.

Keywords: Antidepressants. Depression. Psychoanalysis.

1 - INTRODUÇÃO

A depressão, ou mal do século XXI comumente chamada, é uma doença que assola cerca de 10,2% da população de 18 anos ou mais no Brasil (IBGE, 2020). Já no mundo, estima-se que 5% dos adultos tenham depressão, ocasionando grande incapacidade. Suas causas variam entre fatores sociais, psicológicos ou biológicos. A depressão não cria um sofrimento apenas para o sujeito que está acometido, mas todo seu núcleo familiar e social é afetado. Tarefas do cotidiano, como levantar da cama, ir ao trabalho são penosas e geralmente pessoas ligadas a essa mácula são ignoradas, pois não recebem o devido valor, somando, ao mesmo tempo, o sentimento de culpa e frustração (OMS, 2023).

Estudos de Kimura (2005), Moreno e colaboradores (2017) dizem que a depressão está ligada ao desequilíbrio serotoninérgico no cérebro, sendo que um vasto catálogo de antidepressivos disponíveis no mercado atuam na serotonina. Esse neurotransmissor regula o humor e é popularmente conhecido como o hormônio da felicidade. Sua importância e introdução no meio psicofarmacoterápico proporciona ao sujeito a possibilidade de se integrar novamente à sociedade e diminuir seu grau de sofrimento. Contudo, existem outros neurotransmissores, como dopamina e noradrenalina, sobre os quais alguns antidepressivos atuam, até dualmente.

O presente estudo propôs investigar o uso de antidepressivos para o tratamento de depressão, no entanto, na perspectiva psicanalítica. Freud, o pai da Psicanálise, não usa o termo depressão em sua obra, muito embora o conteúdo relacionado a esse conceito médico esteja presente em seu estudo *Luto e Melancolia* (1915/2019). Nessa obra, o autor cita que o luto e a melancolia são causados pela perda do objeto amoroso, mas na melancolia o sujeito não sabe o que perdeu, logo o objeto não está na consciência. Freud faz, também, algumas citações sobre entorpecentes nos tratamentos psicanalíticos, como no texto *Mal-estar na Civilização* (1930/2010), em que apresenta uma crítica às medicações, as quais mudariam a química do organismo para obtenção de prazer imediato, afastando, desse modo, o desprazer, sem tratar a origem do sintoma.

Considerando o grande número de pessoas com o diagnóstico de depressão e os inúmeros antidepressivos disponíveis no mercado, com comprovada influência no tratamento da doença, em acompanhamento psicoterápico de orientação analítica, muitas vezes, questiona-se qual a percepção de psicanalistas sobre uso de antidepressivos no tratamento para a depressão? O objetivo geral deste estudo é compreender a perspectiva psicanalítica sobre a depressão e o uso do antidepressivo na atual sociedade, do mesmo modo que visa a: compreender, na percepção dos psicanalistas, o papel da de-

pressão na sociedade; investigar o uso do antidepressivo para o tratamento de depressão; analisar se há diferença no vínculo entre psicanalista e paciente com o uso do antidepressivo; investigar se há diferença na transferência entre o paciente e psicanalista com o uso do antidepressivo; compreender se há um momento, dentro do tratamento, na abordagem psicanalítica, que é indicado ao paciente o uso de antidepressivo; compreender como o psicanalista lida com o uso do antidepressivo pelo paciente; investigar se há uma resistência por parte do paciente no uso do antidepressivo; identificar em qual momento é indicada a retirada do antidepressivo na abordagem psicanalítica; e investigar se há troca de conhecimentos entre psicanalistas e médicos/psiquiatras.

Este trabalho visa a compreender a relação do homem contemporâneo medicado, que parece se abster de seus sentimentos, em uma sociedade em que o sentir não é mais permitido, ficar triste é vergonhoso e falar de sentimentos é banal. O remédio não cura, o efeito é apenas colateral (Coser, 2003; Roudinesco, 2021). Tendo em vista o uso recorrente dos antidepressivos, tornam-se pertinentes estudos que possam ampliar a reflexão da relação entre o uso de medicamentos e o tratamento psicoterápico.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O leitor se deparará com a fundamentação teórica dividida em três partes: depressão, antidepressivos e psicanálise. O conteúdo foi dividido dessa maneira para uma maior compreensão dos fatos e entendimentos históricos. Por exemplo: alguém adoeceu de depressão, logo, foi procurar um psiquiatra, que receitou antidepressivos; todavia, a angústia não cessou; então procurou uma psicoterapia, buscando entender-se e curar-se de sua depressão pela psicanálise.

2.1 Depressão

O transtorno depressivo maior, ou depressão, é um

transtorno da saúde mental no qual ocorrem alterações emocionais características de um transtorno de humor, conforme as psicopatologias psiquiátricas classificadas no *Manual e Diagnóstico Estatístico de Transtorno Mentais e Classificação Internacional de Doenças*, DSM-V e CID 10 (Campos, 2016). No geral, o sujeito com depressão não se sente mais no controle de sua vida, sua experiência subjetiva gira em torno de um grande sofrimento, todas essas mudanças implicam em sua vida social (APA, 2023).

De acordo com o DSM-5-TR, para seu diagnóstico, é necessário contemplar pelo menos cinco critérios que são objetivos e descritivos. Alguns dos sintomas mais característicos são humor deprimido ou perda da libido, somando com os outros episódios que seriam redução ou aumento de peso, insônia ou hipersonia, agitação ou retardo psicomotor, fadiga, culpa excessiva, indecisão, pensamentos suicidas. Esses são alguns dos critérios diagnósticos (APA, 2023; CID-11, 2019; OMS, 2019).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os transtornos depressivos vão se tornar a quarta causa de morbidade e incapacitação do sujeito, atingindo cerca de 121 milhões de pessoas no mundo, sendo que esse número não está contando as que nunca foram diagnosticadas. Ainda segundo a OMS, até 2030, a depressão deve se tornar a doença mais comum diagnosticada do mundo, além de ser a segunda principal causa de morbidade, ficando apenas atrás de doenças cardiovasculares (OMS, 2022).

2.2 Antidepressivos

A descoberta dos antidepressivos, nos anos 50, foi um ponto-chave para a indústria farmacêutica. Logo, a depressão se tornou um problema passível de tratamento médico. Nos últimos 60 anos, a psicofarmacologia da depressão evoluiu rapidamente. Contudo, a eficácia dos antidepressivos tradicionais levou a indústria farmacêutica a pesquisar novas fór-

mulas com benefícios semelhantes aos primeiros antidepressivos da época, mas sem seus efeitos colaterais (Moreno *et. al.*, 2017).

Com a problemática da depressão tornando-se uma patologia a ser cuidada e tratada pelo médico, a psicofarmacologia evoluiu muito nesta área para seu combate, desde os primeiros antidepressivos como tricíclicos (ADTs) aos inibidores da monaminoxidase (IMAOs). Os tricíclicos apresentam uma boa ação, aumentando receptores de serotonina e norepinefrina. Entretanto, seus efeitos colaterais levavam a um risco de toxicidade e à baixa tolerância. Já os IMAOs apresentavam risco de crises hipertensivas agudas que poderiam ser fatais, pela sua interação, com alimentos ricos em tiramina. Com a chegada dos medicamentos de primeira linha, a terceira geração de antidepressivos, como os inibidores de recaptação de serotonina ou de noradrenalina, agem exclusivamente em um neurotransmissor, sem afetar outros transmissores como os ADTs e os IMAOs (Neves, 2015).

A tristeza depressiva está relacionada com uma falha de desordem cerebral. Essa desordem é ligada à deficiência de neurotransmissão do influxo nervoso, relacionada com a recaptação excessiva de serotonina e noradrenalina. Os antidepressivos têm o efeito de restabelecer a taxa normal dos neurotransmissores (Nasio, 2022; Moreno *et. al.*, 2017).

Portanto os antidepressivos estão sendo usados há anos para o tratamento da depressão. Contudo, as pesquisas (Moreno *et. al.*, 2017; Neves, 2015; Nasio, 2022) identificam que o tratamento combinado com psicoterapia tem efeito potencializador. Uma das abordagens de tratamento psicoterápico é a psicanálise.

2.3 Psicanálise

Na história da psicanálise, é possível notar que, ao longo de seu curso, ela foi evoluindo com a problemática da depressão, embora, no começo, Freud tenha deixado de lado essa patologia e focado nas neuroses de sua época. A Psicanálise, com o passar do tempo, foi entendendo essa problemática, os

autores que vieram depois acabaram por complementar a teoria. Contudo, é comum que ambas perspectivas, mesmo que de formas distintas, tenham em comum a problemática narcísica na constituição do sujeito (Campos, 2016).

Neste contexto, o narcisismo é um importante período em que ocorre a organização do ego e as relações do objeto. Quando se inicia a vida psíquica, o Eu passa a ser investido por pulsões, tornando-se até capaz de satisfazê-las por si próprio. Na Psicanálise, esse estado é denominado de narcisismo e, num primeiro momento, o modo de obter a satisfação seria a autoerótica. Portanto, o corpo viria em primeira ordem, um autoerotismo. Isso concerne no momento em que o bebê experimenta a sua primeira vivência com a falta, surgindo a vontade de realizar por meio de um desejo alucinatório. O bebê acaba determinando uma ligação de causa e efeito entre o desejo alucinatório e o modo de obter satisfação. Então o narcisismo dos pais possibilita a construção do Eu, visto que o banho erogenezado, o mamar, o trocar das fraldas concebe à criança o sentir-se desejada. A mãe, ou quem a substituiu, ao compreender as demandas do bebê, contribui para a constituição da sua satisfação sobre si, sem precisar levar em conta a realidade, sentir-se autossuficiente e negar a alteridade. O sentimento de autoestima é um traço do narcisismo infantil e serve para regular e preservar a conexão dos sentimentos de si. Quando há uma ferida narcísica, um investimento pobre ou excessivo da mãe, a pessoa poderá se tornar sensível ao fracasso e à desilusão, em outras palavras, poderá ser acometido por uma depressão (Hornstein, 2009; Green 1988).

Apesar de Freud não abordar o conceito de depressão em sua obra e, nas poucas vezes que usou, Mendes e colaboradores (2014, p. 428) citam que “para Freud, a depressão está vinculada a um afeto, sintoma ou estado que envolve tristeza, desgosto, inibição e angústia”. No texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926/2014), Sigmund Freud relata que a inibição não implica necessariamente em uma origem patológica, já que está correlacionada às funções do Eu, podendo assumir diferentes formas de neuroses como inibição sexual, locomoção,

nutrição, executar trabalhos. Na maioria das vezes, a inibição serve ao propósito de evitar a angústia e tomar um panorama de recalamento. Freud destaca que sempre há angústia, como se algo a provocasse internamente em nós; então ele passa a considerar a angústia como uma manifestação provocada pelo Eu, ou seja, a angústia de castração. Quando é provocado o recalque, pode surgir inconscientemente uma fobia. Sobre o sintoma, seria o indicativo de uma ação pulsional que se encontra retida, resultando no processo de recalamento e obrigando o Eu a ficar alerta, dando um sinal de desprazer. Logo, essa luta defensiva contra o sintoma se declara de muitas formas, o que na contemporaneidade vemos a depressão.

Em *A criança mal recebida e sua pulsão de morte* (1929/2011), Sandor Ferenczi não cita a depressão, mas cita o trauma. Nessa obra, ele formula que os primeiros indicadores traumáticos são quando a criança é arrancada do calor materno, pois esse episódio pode causar uma compulsão à repetição em sua vida. Ferenczi entende que crianças acolhidas com rispidez, sem carinho ou algum agrado, se utilizaram de um mecanismo de aversão à vida e terão uma visão pessimista sobre ela. Desse modo, o adulto que passou pela situação traumática não consegue fazer a introjeção. Ferenczi denomina que o trauma localiza-se no alicerce da clivagem do Eu, o que geraria uma condição frágil nas relações sociais. Essa impossibilidade de introjeção leva a uma identificação com o agressor. Nesse caso, o adulto desaparece da realidade externa e quem assume é a criança que procura o reconhecimento. Esse tipo de reconhecimento é similar à identificação narcísica de Freud, em que a criança é impedida de construir um universo subjetivo pautado em percepções de que os investimentos dirigidos ao mundo são seus (Pinheiro *et. al.*, 2010).

Winnicott, em sua obra *Tudo começa em casa* (1963/2022), destaca que a depressão está vinculada ao sentimento de culpa, o que pode ser considerada uma manobra saudável. Para Winnicott, a depressão se assemelha ao processo de amadurecimento da infância; se o ambiente for facilitador, ou seja, suficientemente bom, é concedida a maturidade pessoal, mas

se não for suficientemente bom, o processo se interrompe ou enfraquece. Quando a criança percebe que pode lidar com as pressões e os estresses da sua realidade psíquica, ela se tornou capaz de se sentir deprimida. Então isso deve ser considerada uma conquista e a depressão tem o seu valor, pois assim o sujeito não se mostra corrompido e, nas palavras de Winnicott, consegue segurar a barra, até chegar a algum tipo de resolução em sua guerra interna (Winnicott, 1963/2022).

Um autor que voltou à centralidade das dimensões narcísicas foi André Green, que criou a expressão *Complexo da Mãe Morta*. Ela não está necessariamente morta, mas é um estado emocional revelado pela transferência. Nesses casos, requer do analista uma concentração especial a respeito do que tange à crueldade e à violência do depressivo consigo mesmo; o paciente foi desinvestido pela mãe quando era bebê que, hipoteticamente, passou por alguma perda, logo, se encontra em depressão e com sentimento de impotência frente a sua vida. O autor ressalta que Freud deixou suspensa a teoria do narcisismo, então, este não deve ser entendido como um estado, mas como uma estrutura (Green, 1988; Mendes *et al.*, 2014).

Outros autores como Melanie Klein (1935/1996), Jacques Lacan (1973/2022) e Wilfred Bion (1967/2022) também teorizam sobre a depressão, sendo seus conhecimentos apresentados na discussão dos dados.

3 - METODOLOGIA

3.1 Delineamento

O presente estudo usou o método de pesquisa qualitativa de caráter exploratório.

3.2 Amostra

Os participantes foram, no total, quatro psicanalistas e psicólogos de orientação analítica da região metropolitana de Porto Alegre (RS), os quais foram recrutados pelo método bola de neve (Vinuto, 2014). Como critérios de inclusão,

a necessidade de ser Psicanalista ou Psicólogo de orientação analítica da região metropolitana de Porto Alegre (RS); enquanto de exclusão foi ter menos de dez anos de experiência clínica. Utilizou-se o critério de saturação de dados, pela sua abrangência em pesquisas qualitativas no âmbito da saúde. Normalmente, esse modelo é vinculado ao número de entrevistas e quantidade de dados que são necessários, chegando a um ponto que nenhum tema novo apareça, a fim de operar com os dados fornecidos pelos participantes. Abaixo, a Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos participantes:

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade	Formação acadêmica	Tempo de atuação	Especialização	Cidade em que atua
1	63	Psicologia	35 anos	Psicoterapia psicanalítica e Psicanalista	Porto Alegre
2	48	Psicologia	23 anos	Mestrado Formação Analítica	Porto Alegre
3	43	Psicologia	18 anos	Psicoterapia de orientação psicanalítica e Psicanalista	Porto Alegre
4	57	Psicologia	30 anos	Mestrado	São Leopoldo

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

3.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram: entrevista semiestruturada e questionário de dados sociodemográficos para coleta de informações referentes à formação, carreira e tempo de atuação.

3.4 Coleta de dados

A coleta de dados aconteceu por meio de videochamada, via Google Meet e Skype, na qual se verificou a autorização para a gravação do entrevistado. Esse marcou o item correspondente a sua decisão (gravar ou não) logo após ler o TCLE no formulário eletrônico.

3.5 Análise de dados

Os relatos levantados pelos(as) participantes durante o encontro foram transcritos e a análise dos dados foi elabo-

rada mediante o método de Análise de Conteúdo, de acordo com Bardin (2011).

3.6 Procedimentos éticos

O presente estudo atendeu aos requisitos da Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, para pesquisas que envolvem seres humanos (Brasil, 2016). A pesquisa começou após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FACCAT, vinculado à Plataforma Brasil. Após aprovação pelo CAAE 72240323.7.0000.8135, foi iniciado o processo de divulgação da pesquisa, a fim de conseguir participantes. Esse processo incluiu a publicação de um convite, através das redes sociais do pesquisador, além de convites feitos diretamente para potenciais participantes mediante indicações de pessoas conhecidas do pesquisador. Esse convite foi compartilhado por meio eletrônico, como e-mail e whatsapp, ou contato telefônico.

Os psicanalistas e psicólogos que participaram da pesquisa receberam, por meio eletrônico, *e-mail* e /ou *whatsapp*, o formulário com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o questionário de dados sociodemográficos, criado na plataforma *Google Forms*, expressando sua concordância com os conteúdos nele presentes, os quais, dentre outras prerrogativas, garantiram o caráter de livre-participação. O TCLE foi enviado no formato eletrônico, informando aos participantes o procedimento necessário de guarda de uma cópia do documento em seus arquivos pessoais, conforme orientações presentes no ofício circular da CONEP para pesquisas em ambiente virtual (Ministério da Saúde, 2021).

A identidade dos participantes foi preservada e verificou-se sua concordância ou discordância quanto à divulgação das informações coletadas. Foi garantido ao participante da pesquisa o direito de não responder qualquer pergunta, sem exigência de justificativa ou explicação, podendo retirar-se da pesquisa a qualquer momento. Por fim, a divulgação

dos resultados da pesquisa foi comunicada ao participante via e-mail, no qual o pesquisador enviou um resumo da discussão dos resultados.

4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta sessão, será apresentada a análise dos dados e a discussão dos resultados. Os dados examinados foram organizados através do Quadro 1, de Categorias e Subcategorias.

Quadro 1 – Categorias resultantes da análise das entrevistas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
Categoria A Relações da sociedade com o sofrimento	A.1 - Sociedade capitalista, comercial, consumista;	5
	A.2 - Tecnologias e mídias sociais (preenchem, satisfazem demais);	3
	A.3 - Falta de estrutura para lidar com a frustração, busca por pseudo felicidade, altos ideais oprimindo o Eu/despersonalização;	9
Categoria B O quadro depressivo na psicanálise	B.1 - Quadro psicótico/saída da realidade, Psicopatologia/Posição Esquizoparanóide;	6
	B.2 - Sentimentos (incapaz, fraco, frágil, desvalorizado, desesperança);	3
Categoria C Tratamento para a depressão na psicanálise	C.1 - Trabalhar a mente para aumentar as frustrações, buscar transformações (ampliar a capacidade mental), explorar mais de si (conhecer-se genuinamente);	5
	C.2 - Explorar processos inconscientes (regressão, compulsão e repetição), tratar pela fala;	7
Categoria D Situações em que o antidepressivo é necessário	D.1 - Aumentar a capacidade de lidar com a tristeza, regular o humor, limitações na vida (trabalho, vida social e familiar);	4
	D.2 - Depressão;	5
Categoria E Uso da medicação	E.1 - Uso excessivo de medicação (tempo);	6
	E.2 - Uso de medicação atrapalhando a transferência;	5
	E.3 - Uso de medicação atrapalhando o vínculo;	4
	E.4 - Contato com psiquiatra de confiança;	9
	E.5 - Auxilia no processo terapêutico (retomada das atividades);	8
	E.6 - Efeitos colaterais;	3

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como consta no Quadro 1, *Categorias resultantes da análise das entrevistas*, evidenciou-se a relação da sociedade e seu sofrimento, na percepção dos entrevistados, assim como a vi-

são da depressão para a psicanálise e seu tratamento. Por fim, o uso da medicação para o tratamento de depressão pelo viés psicanalítico.

A primeira categoria analisada foi nomeada *Relações da sociedade com o sofrimento* (Categoria A). Os entrevistados abordaram “sociedade capitalista, comercial, consumista”. Além disso, partiram da premissa de que “tecnologias e mídias sociais (preenchem, satisfazem demais)”. Essas impressões corroboram com Coser (2003) e Kehl (2009), visto que estamos na época ideal para sofrer. As pessoas se submetem aos imperativos da moda, da mídia, das redes sociais. Esse regime de servidão que se instalou é demasiadamente angustiante para a figura do depressivo, entretanto pode se adequar perfeitamente. O cuidar de si fica para segundo plano, enquanto o consumo exacerbado fica em primeira ordem.

A subcategoria “sociedade capitalista, comercial, consumista” (A.1) é um fator citado por Han (2023), o qual descreve que a sociedade de hoje é a do desempenho, é um lugar em que nos autoexploramos. Então, essa liberdade que a atual sociedade nos dá é o que nos adoece psiquicamente. Tais definições podem ser ilustradas pelos trechos das entrevistas descritas abaixo:

“[...] os elementos da nossa cultura atual, que é do ponto de vista assim, comercial, capitalista, é muito consumista e estimula muito a buscarem a felicidade como sendo o objetivo primeiro e último total o todo tempo né, é uma felicidade superficial [...]” (Entrevistado 1).

“[...] uma série de questões sociais à respeito de como nos portamos, nos conduzimos pela vida, as escolhas que fazemos às vezes a gente deseja alguma coisa qual também não se sabe se deseja de fato, se é algo legítimo, genuíno ou se é algo inóculo, imposto ou criado por alguns paradigmas sociais [...]” (Entrevistado 3).

“[...] a sociedade, ela tem a necessidade de deixar o sofrer pra lá em prol da produtividade [...]” (Entrevistada 4).

As “Tecnologias e mídias sociais (preenchem, satisfazem demais)” (A.2) foi outra condição citada na categoria A e pode ser verificada na passagem abaixo:

“[...] um avanço enorme da tecnologia e que nos dá condições assim maravilhosas de comunicação, interação, mas que ao mesmo tempo nos preenchem, nos satisfazem demais [...]” (Entrevistado 1).

“[...] então por isso acho que não é tão inocente assim as pessoas realmente buscarem recursos só de vida idealizada no Instagram, mostrar só as coisas boas assim, não é tão inocente assim, acho que é muito perigoso porque então realmente tem algo produzido [...]” (Entrevistado 2).

A “Falta de estrutura para lidar com a frustração, busca por pseudo felicidade, altos ideais oprimindo o EU/despersonalização” é outra subcategoria (A.3), retratada na categoria A, “Relações da sociedade com o sofrimento”, que demonstra a falta de recursos para lidar com frustrações na pós modernidade. Freud (1923/2017) cita que o Super-eu ou Ideal do Eu é a parte do mais alto ideal do humano, é substitutiva dos anseios do pai. Quando ao juízo de insuficiência, tensão nas expectativas, podem ocorrer sentimentos de culpa. Essa categoria é ilustrada pelos seguintes trechos das entrevistas:

[...] na medida em que eu tenho altos ideais de satisfação os meus ideais oprimem o eu, oprimem minha personalidade o EU como a gente diz em psicanálise, exigindo que ele corresponda a esses ideais como não é possível corresponder então a pessoa entra em colapso, entra em tristeza, depressão porque ela não consegue suportar que ela não pode corresponder né os seus próprios ideais, então a falta de estrutura para lidar com a frustração [...] (Entrevistado 1).

[...] é como se fosse uma busca de uma pseudo felicidade, encarar a realidade assim, é sempre mais difícil, encarar a realidade implica com que a pessoa tenha uma maturidade e que veja a finitude, seus limites, lide com a castração, então é muito mais fácil fazer de conta

[...] leva o sujeito a uma facilidade em negar, e idealizar e viver numa capa pseudo protetiva, como se isso fosse conforto, e isso vai gerando uma consequência muito grave, que é um vazio existencial, então a gente sabe onde vai dar, vai desenvolvendo esse vazio existencial, vai dando uma sensação, uma despersonalização [...] (Entrevistado 2).

A psiquiatria, ao tratar a dor do depressivo como um déficit, promove o alicerçamento dessa fantasia social que apenas o oprime. Faz com que ele fantasie ainda mais sobre esse déficit que apenas se multiplica nas faltas de: substâncias químicas no cérebro, vontade, ânimo, forças, cuidados, amor à vida. Todavia, o que falta ao depressivo é a coragem de desejar, pois o vazio do depressivo é a falta de desejo. Então a depressão não seria um mecanismo de defesa, já que o depressivo não dispõe de recursos para se defender (Kehl, 2009).

Corroborando com o que Kehl (2009) escreveu, na categoria B, observa-se que em “O quadro depressivo na psicanálise”, encontra-se a contingência de “Quadro psicótico/saída da realidade, Psicopatologia/Posição Esquizoparanóide” (B.1). Nesse contexto, Rocha (2008) cita que a depressão se aproxima de um quadro psicótico a partir da sua relação com o luto, devido a um grande abalo do eixo narcísico, o que indica uma relação próxima da saída com a realidade. Desse modo, Melanie Klein (1935/1996) elucida que, quando o bebê se dá conta de que o seio mau que ele queria destruir, agredir, é o mesmo seio bom que ama e adora, o lactente entra em choque com a realidade e sente um misto de angústia, por isso o nome de posição depressiva. Todo esse sentimento que o bebê sentiu e como lidou com ele naquele momento poderá perpetuar na sua vida, presumindo nutrir a fantasia de que, quando acontece algo bom em sua vida, sente que não é merecedor. Como dito nas entrevistas:

[...] a depressão é um quadro psicótico né, não é neurótico, não é perverso, não é border, pode ter coi-

sas border, tudo pode estar no borderline também, não é autismo, então a depressão é uma saída da realidade né, pesada como ocorre na Psicose, uma certa recusa da realidade né. [...] (Entrevistado 1).

“[...] A depressão é uma grave patologia, o sujeito que chega deprimido, muitas vezes, chega sem perspectiva de futuro, de vida, não consegue sair de um círculo em que nada dá certo, ele tá realmente envolto numa não perspectiva, sem esperança [...] (Entrevistado 2).

“[...] pela posição esquizoparanóide, nós andamos pela vida sentidos, divididos, distorcendo a realidade ou sem contato com a realidade, atacando [...] (Entrevistado 3).

Além disso, também foram relatados “Sentimentos (incapaz, fraco, frágil, desvalorizado, desesperança)” (B.2). Para Lacan (1973/2022), essa tristeza do depressivo é para dar suporte à alma e vai além ao dizer que o sujeito cometeu uma falha moral consigo mesmo, uma covardia moral. Essa ideia de covardia moral de Lacan é como se o sujeito anulasse seus desejos, fugisse da luta. Lacan ainda contribui afirmando que o sujeito trai a si mesmo, no sentido de responder a algum ideal que seu Super Eu impôs (Lacan, 1986/2022). O entrevistado 3 aponta que:

[...] a depressão do ponto de vista psicanalítico é esse desistir de si mesmo né, é abrir mão do seu desejo, é renunciar o desejo e por isso a depressão ela é tão, ela é tão digamos assim nefasta na vida do sujeito porque quem abre mão de si mesmo passa a ter uma vida sem sentido, vazia, triste, cinza né, que é um sentimento que os depressivos verbalizam né [...] (Entrevistado 3).

O sujeito que se encontra em depressão está tomado por uma violência tão grande, sente que precisa se esconder, como se fosse uma “fuga para as cavernas”. Essa reclusão torna-se seu abrigo. Nesse sentido, o sujeito que está na sessão, sob análise, acaba designando um novo significado para esse

abrigo ou refúgio, então, com o passar do tempo, o paciente consegue transformar esse covil em um lugar de paz novamente, constituindo, assim, o enquadramento da vida psíquica dos afetos e do pensar (Delouya, 2010).

No “Tratamento para a depressão na psicanálise” (Categoria C), primeiramente destacamos o “Trabalhar a mente para aumentar as frustrações, buscar transformações (ampliar a capacidade mental), explorar mais de si (conhecer-se genuinamente)” (C.1) dos participantes. De acordo com Bion (1967/2022), a partir do pensar, surgem novas possibilidades, soluções para lidar com as frustrações. Logo, a teoria possibilitaria uma nova maneira de pensar e de ter mais consciência. Os diálogos dos entrevistados explicitam essa subcategoria:

[...] ampliar mente é o trabalho do psicanalista, seja qual for o problema da pessoa porque com a mente mais ampliada com recursos melhores, mais adaptados e mais conectados com a realidade, aumentando a capacidade de suportar o sofrimento, ela vai ter melhores condições de resolver [...] (Entrevistado 1).

[...] busca de resolução dos seus problemas de entender o que tá vindo ali, então toda parte de investigação analítica, de explorar processos inconscientes, de explorar, da gente precisar ampliar um pouco a capacidade mental desse paciente. Eu trabalho muito, por exemplo, essa relação continente e conteúdo, então ampliar o continente do paciente para lidar com seu próprio conteúdo, o que que tá acontecendo ali, para ele realmente ter uma elaboração e uma ampliação de capacidade, de potencialidades [...] (Entrevistado 2).

[...] a depressão pode ser um processo muito benéfico eu acredito, num tratamento, num processo analítico de que pode ser uma etapa, dos sujeitos de deparar com algumas coisas das quais talvez ele sua onipotência, em sua arrogância acreditava ter, e aí se depara com as faltas, com os limites de algumas ou que ele tinha muito a oferecer de repente se ele não tem tanto assim e o mundo vai mostrando para ele que sabe é, talvez a

ideia que tu tenha de si não seja bem assim [...] (Entrevistado 3).

Nas entrevistas, apareceram falas que se apresentam na subcategoria “Explorar processos inconscientes (regressão, compulsão e repetição), tratar pela fala (C.2). Freud (1915/2019) cita que, quando identificamos uma representação recalcada do paciente e comunicamos a ele, talvez isso não anule seus efeitos na hora, pois a representação que estava inconsciente acabou de se tornar consciente, existindo, ainda, uma superação de resistências. Então, quando o paciente estiver preparado, obterá êxito e tornará consciente o inconsciente. Essas concepções podem ser exemplificadas pelas passagens:

[...] na psicanálise, todos nós somos seres hedonistas ou seja, nós queremos o prazer e às vezes o prazer é encontrado às vezes em situações um tanto obscuras, não tanto difíceis, às vezes são enlances, elos sadomasoquistas, mas a pessoa está em algum prazer nefasto fúnebre, as vezes ligada à pulsão de morte com essas circunstâncias, mas tem um gozo ali, em que é às vezes é um gozo secreto e que remete também a alguma história, pode ser uma questão transgeracional que perpassa gerações, pode ser talvez a questão realmente que está sendo reencenada pela compulsão e repetição de alguns aspectos da existência do sujeito [...] (Entrevistado 3).

“[...] a psicanálise prefere tratar pela fala né e para que o paciente tenha fala plena, seria melhor não usar o medicamento [...] (Entrevistado 4).

Os entrevistados citaram como recursos decorrentes o auxílio de medicamentos no uso para combate à depressão, como citado por Katzung e colaboradores (2017) para a categoria D, “Situações em que o antidepressivo é necessário”. O “Aumentar a capacidade de lidar com a tristeza, regular o

humor, limitações na vida (trabalho, vida social e familiar)” (D.1) são exemplificadas nas seguintes falas:

[...] é trabalhar a mente da pessoa para aumentar a capacidade de lidar principalmente os sentimentos negativos, tristeza, frustração né, decepção, perda, dor psicológica, seja por qual for o motivo, eu diria que esse é um dos critérios assim mais importantes porque se a pessoa usa medicação é porque ela tem fragilidade para lidar com os sentimentos que eu vou chamar de negativos né [...] (Entrevistado 1).

[...] vai ajudar a tirar do momento de crise, vai ajudar a regular, estabilizar o humor, justamente para a gente poder trabalhar mais questões reflexivas, mas tem pacientes que às vezes acha que é só medicação que precisa, tira a medicação, volta todo o conflito porque o conflito, a raiz do problema não foi trabalhada [...] (Entrevistado 2).

[...] chega uma pessoa, vamos imaginar assim, que não consegue nem sair de casa, não se sente produtiva em nada, vamos pensar numa pessoa que talvez tenha se aposentado, antes tinha uma vida superativa e de repente, bom, os filhos já estão encaminhados na vida, as coisas já estão mais ou menos definidas não porque as aspirações já foram consolidadas em certo grau talvez tenha ou não a esposa um parceiro, parceiras seja o que for, mas se depara com o que eu vou fazer agora com o próximo esboço, rascunho da vida que eu quero, pode ficar uma pessoa que fica isolada, enclausurada, perdida por que não um antidepressivo talvez nessas circunstâncias eu acho que pode ser um fator que impulse sim, pode ser que impulse, claro, dependendo de como é combinado isso, se é uma análise com alta frequência, três vezes por semana e a pessoa por algum motivo não reage, pode ser que seja reprise de um filme de terror que a pessoa não consegue sair e sempre ficou a vida para ficar na plateia e bom talvez o gozo esteja na queixa né, a minha vida não dá certo, as coisas não fluem e talvez fique nisso e tenham o prazer com essa história e às vezes talvez uma medicação não estou tra-

zendo como uma panaceia obviamente, mas pode mudar um pouco esse circuito, ou a rota ou abrir um precedente para alguma novidade e possa deixar o sujeito mais entusiasmado, mais animado [...] (Entrevistado 3).

De um modo geral, a depressão caracteriza-se pelo humor deprimido, perda do prazer em efetuar atividades ou interesse em realizá-las. Portanto, os antidepressivos impulsionam o tônus psíquico, conseqüentemente, melhorando o humor. Pressupõe-se que o uso de antidepressivo aumenta a disponibilidade de neurotransmissores no cérebro, como a serotonina, noradrenalina e dopamina (Katzung *et. al.*, 2017).

Ainda dentro da categoria “Situações em que o antidepressivo é necessário”, os entrevistados destacaram a “Depressão” (D.2). Segue relato como está descrito abaixo:

[...] então aquele paciente que tá numa depressão severa que não consegue sair de casa, que não se alimenta, que não consegue sair do quarto escuro, enfrentar a vida, a gente tem que ficar muito atento para que o medicamento ajude nisso, mas que não funcione como um cala de boca, porque alguns pacientes voltam a funcionar, tem uma certa funcionalidade com medicamento, mas não voltam a analisar e entender o processo de adoecimento que é o que se precisa fazer através da fala, da linguagem. (Entrevistado 4).

Os antidepressivos são receitados tanto pelos especialistas em psicopatologia, quanto por clínicos gerais. Eles têm o efeito de padronizar o comportamento e eliminar os sintomas mais penosos do sofrimento psíquico, todavia, sem buscar um sentido para o real significado (Roudinesco, 2021). Logo, na última categoria, verificou-se o “Uso da medicação” (categoria E) e como ela reflete no tratamento de depressão. O “Uso excessivo de medicação (tempo)” (E.1) foi uma das subcategorias mencionadas e está ilustrada na seguinte fala: “[...] o mínimo de medicação, pelo mínimo de tempo, então o cri-

tério para observar é esse aí, é que a pessoa não seja estimulada a uso um excessivo de medicações [...] (Entrevistado 1).

Outras subcategorias do “Uso da medicação” (E), referem-se ao “Uso de medicação atrapalhando a transferência” (E.2) e “Uso de medicação atrapalhando o vínculo” (E.3), conforme destacam-se os diálogos abaixo assinalados:

[...] pode interferir porque se a pessoa está maníaca ela vai dar menos importância para o analista, ela fica mais poderosa, aí ela não dá importância porque ela é poderosa, e se ela fica muito depressiva, para baixo, não maníaca, mas depressiva, então ela também vai dar pouca importância para o analista, não porque ela está sentindo poderosa, mas porque ela está tão fraquinha, que ela não consegue dar valor para nada, nem para o analista nem para as possibilidades boas da vida né, ela tá muito depressiva, agora a medicação pode alterar as condições gerais da pessoa de lucidez né, de orientação, se ela está muito medicada para mais, ela vai ficar deprê, ela vai ter menos contato com o mundo externo, então vai prejudicar a transferência [...] (Entrevistado 1, cat. E.2).

[...] eu penso que sempre há medicação perturba um pouco a qualidade do vínculo porque o vínculo se torna mais artificial, a pessoa está digamos assim adiuvada, ela está assim falsamente bem, falsamente melhorada, então aquele vínculo que se dá enquanto ela tá alterada na sua capacidade normal de contato com a realidade, ele vai ser um vínculo também alterado, talvez mais superficial, talvez mais assim como é que eu vou dizer, cognitivo, intelectual, se ela poder realmente viver os processos que ela precisa, que muitas vezes incluem sentimentos negativos, tristeza, o próprio estar triste, deprimido né, que a pessoa estando meio acelerada não vive aquilo ali, então prejudica a qualidade da elaboração dos sentimentos negativos que é necessário para a evolução da capacidade da pessoa de lidar com os sentimentos [...] (Entrevistado 1, cat. E.3).

Além disso, foi presenciada outra subcategoria do “Uso da medicação”, que concerne ao “Contato com psiquiatra de confiança” (E.4) e “Auxilia no processo terapêutico (suporte)” (E.5), como pode ser visto nas passagens abaixo:

[...] a gente tem que ter muita lucidez de que o tratamento precisa ser também multidisciplinar, então é muito importante a gente ter o contato com o psiquiatra de confiança, o que eu acabo muito trabalhando, por exemplo, é eu, um psiquiatra de confiança que eu gosto muito do trabalho dele, eu sei que ele não é um psiquiatra que medicaliza a todo pano, ele é muito coerente, assim, em poder medir realmente, qual a medida da medicação que a pessoa precisa. (Entrevistado 2, sub E.4).

[...] ela é bem recebida no sentido de ser um alicerce para dar continuidade no tratamento, inclusive poder dar profundidade, claro, o que eu quero dizer, tem pacientes que eu vejo que a medicação acaba sendo fundamental para ele conseguir ter um suporte mínimo e seguir fazendo a terapia, daí, aos poucos, ele vai podendo reduzir a medicação e vai seguir na terapia então mais livre, digamos assim, eu acho que a crítica que a psicanálise traz para questão da medicação é o uso excessivo de medicação, quando o paciente fica amortecido assim, quando realmente vem algo em que ele fica mais anestesiado e isso compromete inclusive a capacidade de associação dele, de reflexão, então parece que tá tudo bem, não preciso mais de tratamento terapêutico, já tô bem, não preciso (Entrevistado 2 sub E.5).

Por fim, dentro da categoria E, encontram-se, na fala dos entrevistados, os “Efeitos colaterais” (E.6) por eles citados nas entrevistas. Moreno e colaboradores (2015) relatam diversos efeitos colaterais em antidepressivos como os IMAOs, Tricíclicos e ISRS, dentre eles: impotência, taquicardia, tontura, insônia, entre outros. Esse relato pode ser exemplificado pela passagem:

[...] algumas pessoas sentem dores de cabeça ou têm outros efeitos colaterais insuportáveis que aí, às vezes, mudando a medicação, a fórmula, já sentem melhores, mas às vezes isso é comentado né, não me adaptei com esse remédio, bom de novo consultar, mas às vezes é alguma coisa assim ou é claro se a gente for pensar analiticamente é o que que a pessoa talvez tenha projetado nessa medicação, é claro já indo em um outro jeito assim de pensar, não o que ela projetou é algo que vai intoxica-la, envenená-la, destruí-la, é talvez possa ter algo persecutório algo assim, da fantasia também em torno da medicação e pode ser até como existe aquela ideia do efeito placebo, a pessoa também pode sentir coisas que não tem nem a ver com o remédio, mas são as angústias que vão brotando ou talvez a sensação da pessoa se sentir muito mais doente do que ela está, as fantasias de cura, de doença que também perpassam todo o setting (Entrevistado 3).

Com a análise e discussão dos resultados, foi possível verificar que *O Mal-Estar na Civilização*, obra de Freud (1930/2017), ainda está presente na sociedade e perpassa gerações. Sigmund Freud destaca que um prazer obtido logo deixa de satisfazer, visto que visa apenas a diminuir a tensão. Também faz menção sobre como vemos nosso corpo, que é condenado à decadência; não é à toa que hoje existem diversos procedimentos estéticos e filtros em redes sociais. Além disso, há a dificuldade de manter os relacionamentos sociais, o que mostra o fracasso de nosso viver como sociedade, gerando essa fonte de infelicidade.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender a depressão e o uso do antidepressivo no tratamento de depressão na atual sociedade, sob a concepção de psicanalistas e psicólogos de orientação analítica. Com base na Categoria A, “Relações da sociedade com o sofrimento”, podemos compreender que o papel da depressão na atualidade evidencia-se em um sujeito

esgotado, o qual tem muita demanda para suprir e, ao mesmo tempo, parece querer alcançar um ideal inalcançável. Tudo está ao seu alcance, mas o que ele conquista, em seguida é descartado; nada mais tem valor. Não sabe o que é realidade, criou um mundo quase perfeito na rede virtual. Toda essa frustração, violência consigo mesmo, excesso de positividade, leva à depressão. Isso nos leva ao “O quadro depressivo na psicanálise”, Categoria B. A depressão, de acordo com os participantes, é uma saída da realidade, o depressivo sente que não é merecedor de nada, nada faz sentido, é como se ele se castigasse, supostamente é como se a Categoria A o tivesse consumido por inteiro, até chegar no estágio da autopunição. Desse modo, o “Tratamento para a depressão na psicanálise”, Categoria C, é ampliar a capacidade de pensar do paciente, fazer o paciente ter mais recursos para suportar a realidade, dar opções de o paciente elaborar recursos para lidar com as frustrações.

As “Situações em que o antidepressivo é necessário”, Categoria D, e o “Uso da medicação”, Categoria E, denotam que os participantes não preferem tratar com a medicação. Há situações em que o antidepressivo é necessário, quando o paciente realmente não consegue elaborar ou explorar seus processos inconscientes, mas há um cuidado para que essa medicação não seja excessiva, já que ela não cura e muitos pacientes podem confundir esse processo.

Nota-se que a medicação pode atrapalhar a transferência e o vínculo, mas também pode ser fundamental para a continuação do processo terapêutico, isso inclui o conjunto de trabalhar com um Psiquiatra de confiança que não medica em excesso, e as diferentes classes de antidepressivos com seus efeitos colaterais. O antidepressivo é fundamental para essa sociedade não entrar em colapso, todavia, ele é o reflexo de uma sociedade adoecida.

As limitações do estudo são o número pequeno da amostra e se restringem a apenas uma região do estado do Rio

Grande do Sul. Como sugestões para novas pesquisas, salienta-se procurar conhecer outras abordagens teóricas e regiões do Brasil e investigar o uso de outros psicofármacos.

Referências

American Psychiatric Association - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**: texto revisado. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 2011. 70p.

Bion, W. R. **No entanto... pensando melhor**. São Paulo: Blucher, 2022.

Campos, E. B. V. **Uma perspectiva psicanalítica sobre as depressões na atualidade**. Est. Inter. Psicol., Londrina, v. 7, n. 2, p. 22-44, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2023.

Coser, O. **Depressão: clínica, crítica e ética**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

Delouya, D. **Depressão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

Ferenczi, S. **Obras completas: psicanálise IV**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 55-60.

Freud, S. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos** (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 13-123.

Freud, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 170-195.

Freud, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos** (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 13-59.

Freud, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 13-122.

Green, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

Han, B. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

Hornstein, L. **Narcisismo. Autoestima, identidade, alteridade**. São Paulo: Via Littera, 2009.

Katsung, B. G., Masters, B. S., Trevor J. A. **Farmacologia básica e clínica**. 13. ed. Porto Alegre: AMGH, 2017.

Kehl, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

Kimura, A. M. **Psicofármacos e psicoterapia: a visão de psicólogos sobre medicação no tratamento**. Trabalho de Conclusão de Curso (Formação em Psicologia). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/220.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Klein, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos** (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago, 1996. 301-329.

Lacan, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 508-543.

Mendes, E. D.; Viana, T. C.; Bara, O. **Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 30, n. 4, p. 423-431, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/SZNKctRm7tcwQrPw37D-ZD4n/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510, 7 abr. 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Ministério da Saúde. Secretaria Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Ofício Circular Nº 2. **Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual**. Brasília, DF: CONEP, 24 fev. 2021. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf. Acesso em: 11 nov. 2023.

Moreno, R. C.; Cordás, T. A. **Condutas em psiquiatria: consulta rápida**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, XII, 444 p. 2018.

Nasio, J. **A depressão é a perda de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Neves, A. L. A. **Tratamento farmacológico da depressão**. Orientador: Moutinho Carla. 2015. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências Farmacêuticas, Universidade Fernando Pessoa, Portugal, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10284/5309>. Acesso em: 11 nov. 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Depressão**. 09 abr. 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 11 nov. 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção**. Genebra: OMS, 17 jun. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-des-taca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em: 11 nov. 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. ICD-11. **Reference Guide**. Genebra: OMS, 2019b. Disponível em: <https://icd.who.int/icd11refguide/en/index.html>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Pesquisa Nacional de Saúde. 2019. **Percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e grandes regiões IBGE, coordenação de trabalho e rendimento**. Rio de Janeiro: IBGE, 113, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101764.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2023.

Pinheiro, M. T. S.; Quintella, R. R.; Verztman, J. S. **Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia**. Psicologia Clínica, v. 22, n. 2, 147-168, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/LzCz9LTgtD-jNcdT9GXBqdyF/#>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Rocha, Z. **Para uma abordagem estrutural da depressão: contribuições freudianas**. Psyche, São Paulo, v. 12, n. 23, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 nov. 2023.

Roudinesco, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Vinuto, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas Campinas, SP, v. 22, n. 44, 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>. Acesso em: 14 nov. 2023.

Winnicott, D. **Tudo começa em casa**. São Paulo: UBU, 2022. 82-92.

SEMINÁRIOS
WINNICOTT
PORTO ALEGRE - RS